

1104a-98

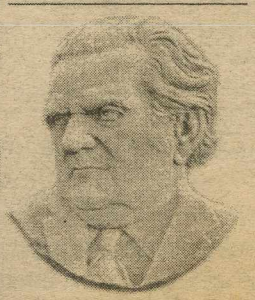
ALCANTARA

JORNAL
CULTURAL



ANO X - Nº 11
Dezembro, 1998
NATAL-RN
FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO
DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA

LUÍS DA CÂMARA
CASCUDO



100
A N O S

Índice

Selo Cascudo

- 03 Adauto da Câmara** - tributo a Cascudo na Federação das Academias de Letras
- 05 Edson Nery da Fonseca** - Câmara Cascudo como tradutor de Walt Whitman
- 06 Luiz Bittencourt** - balanço da presença de Cascudo no meio literário de Goiás
- 11 O Mestre do Folclore** - Marcos Faerman comenta atualidade de Cascudo
- 15 Afranio Pires** - cronista imagina Cascudo galgado ao topo do poder estadual
- 16 ACTA DIURNA** evoca os mitos natalinos populares no meio rural potiguar

- 17 Tácito Costa** - balanço das atividades da Fundação José Augusto nos últimos 4 anos

O Presente de NATAL

- 19 Renard Perez** - contista narra a descoberta do amor que coincide com a chegada do Natal

- 23 Delmo Montenegro** - pesquisador situa Jean Cocteau no contexto da arte multimídia

- 26 Jarbas Martins** - crônica evoca grandes nomes de Mossoró que brilharam no futebol

- 27 Nei Leandro de Castro** - conto escrito na primeira pessoa narra apuros de um bandido de aluguel

- 29 Pablo Capistrano** - ensaísta analisa o drama existencial do homem através da arte moderna

- 33 Roberto da Silva** - atualiza a fortuna crítica da escritora mineira Rachel Jardim

- 35 Veneza** - poema original de Dorian Gray e versão para o francês de Bernard Allègue

- 38 Edrisi Fernandes** - crítico comenta a vocação muralista da arte de Marcelus Bob

- 39 LANÇAMENTOS** - resenhas de seis livros, um álbum de Newton Navarro e uma revista de cultura

- 40 Marcelus Bob** - aguada explora alguns motivos natalinos ligados à cultura popular potiguar

Clássicos Cascudianos

Oficialmente - mas apenas oficialmente, - o ano Cascudo se encerra neste 30 de dezembro, quando o velho Mestre alcançaria a venerável idade de uma centena de anos. No curso de todos estes meses, O GALO teve entre suas preocupações maiores a coleta de textos de e sobre Cascudo. Na primeira categoria, optamos por buscar nas suas Actas Diurnas matérias de especial interesse para nossos dias, bem como textos clássicos da seara cascudiana; no segundo caso, a prioridade foi trazer a público textos novos da seara cascudiana, irrigando-a com novas idéias, fertilizando-a com a visão dos tempos que correm. Enfim, renovando, na medida do possível, a análise e fruição da sua obra polifônica onde convergem, concomitantemente, o regional e o universal, num concerto de rara afinação que, embora passados tantos anos desde o seu surgimento, se mantém indispensável aos brasileiros deste fim de século.

Para rematar o ano Cascudo, selecionamos para este número dois clássicos da crítica cascudiana e um texto moderno. Um deles é assinado por Adauto da Câmara, escritor norte-rio-grandense que tem o mérito de ser o primeiro biógrafo de Nísia Floresta mas que foi também um estilista de rara estirpe, burilador da frase ritmada e da argumentação elegante, como constatará o leitor na sua "Saudação a Câmara Cascudo", de 1944. Por essa época, a obra de Cascudo não ultrapassava dúzia e meia de volumes, mas já abismava seus contemporâneos. O outro texto clássico é de autoria do professor Edson Nery da Fonseca, um pernambucano de vocação universalista, e que é capaz de discorrer com a mesma fluência e erudição sobre Gilberto Freyre, Zila Mamede, e Câmara Cascudo. A exegese que o prof. Nery da Fonseca faz sobre Cascudo como tradutor de Walt Whitman é exemplar sobre muitos aspectos. O terceiro texto é assinado pelo jornalista gaúcho Marcos Faerman, um dos principais nomes do Novo Jornalismo brasileiro, subscreve a reportagem "O centenário

de Câmara Cascudo, o mestre do folclore" onde defende o aporte do escritor potiguar para a cultura brasileira contemporânea. A Acta Diurna deste número destaca o tema do Natal no campo. O texto original é de 20 de julho de 1922, quando foi publicado na *Revista do Brasil*.

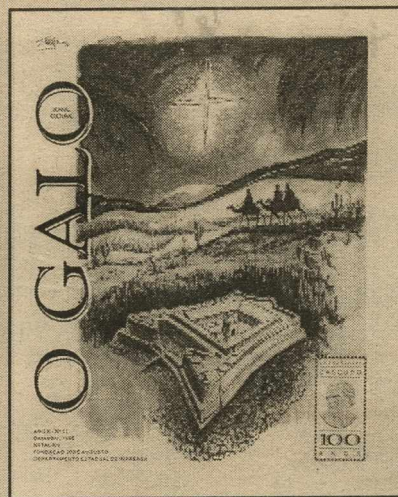
O escritor Edson Nery da Fonseca, professor Emérito da Universidade de Brasília, é o entrevistado deste mês. Em conversa com o jornalista Nelson Patriota, editor de O GALO, o pesquisador pernambucano traça paralelos e linhas divisórias entre Câmara Cascudo e Gilberto Freyre, mas sobrepõe a singularidade de cada um desses nordestinos que, contemporâneos e trabalhando em separado, ajudaram a definir o conceito de brasilidade no concerto das nações modernas.

A ficção também se mostra em grande forma neste número. Nei Leandro de Castro e Renard Pérez, dois norte-rio-grandenses "exilados" na cidade grande, colaboram com contribuições inéditas. O primeiro conto, narrado na primeira pessoa do singular, dramatiza num crescendo a confissão de um pistoleiro de aluguel nordestino residente no Rio de Janeiro; o segundo, é um conto de Natal com final feliz.

O ensaísmo se destaca em dois textos. Um, de Pablo Capistrano, discute questões filosóficas da modernidade, como os limites do agir humano, através da análise de filmes, de personagens literários (Hamlet) e de textos de Pico della Mirandola. No outro, o mestrando Roberto da Silva, no ensaio "Os anos 40 de Rachel Jardim", resume as principais características da escritora mineira, famosa pelo memorialismo de seu livro "Os anos 40".

Dorian Gray Caldas comparece com uma evocação lírica à cidade de Veneza, vertida pelo poeta Bernard Allègue para o francês. Uma crônica de Afrânio Pires Lemos, resenhas de livros e trabalhos de Tarcísio Mota, Marcelus Bob e Mário César ilustram ainda esta edição.

Atenciosamente,
O Editor



Capa: aguada do artista plástico Tarcísio Mota em torno do tema natalino, tendo como preocupação a cor local

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

GARIBALDI FILHO
Governador

**Fundação José Augusto
WODEN MADRUGA**
Presidente

JOSÉ WILDE DE OLIVEIRA CABRAL
Assessor de Comunicação Social

**Departamento Estadual de Imprensa
ARLINDO DE MELO FREIRE**
Diretor-Geral

O GALO

Nelson Patriota
Editor

Tácito Costa
Redator

Jailton Fonseca
Produção



Colaboraram nesta edição: Dorian Gray, Bernard Allègue, Adauto da Câmara, Luiz Bettencourt, Afrânio Pires Lemos, Delmo Montenegro, Tarcísio Mota, Marcelus Bob, Mário César, Nei Leandro de Castro, Renard Perez, Edrisi Fernandes, Jarbas Martins, Roberto da Silva e Pablo Capistrano.

Redação: Rua Jundiá, 641, Tirol - Natal-RN - CEP 59020.220 - Tel (084) 221-2938 / 221-0023 - Telefax (084) 221-0345. A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados. Eles não refletem necessariamente a opinião deste jornal.

“Quando surgiu em Natal a primeira crítica literária de Câmara Cascudo, foi um escândalo”

HOMENAGEM

“Se ele (Cascudo) quisesse, teria no Rio ou em São Paulo situação econômica excelente”

Saudação a Luís da Camara Cascudo

Adauto da Câmara

A Federação das Academias de Letras tem, hoje, um dos seus dias mais faustos. Veio participar da intimidade destas tertúlias semanais um dos nossos confrades mais eminentes, lustre da Academia Norte-Riograndense, de que foi um dos fundadores, e lustre ainda maior das letras nacionais: o Sr. Luís da Camara Cascudo.

É para mim um mandato desvanecedor ter que me ocupar da destacada atuação cultural deste “clérigo”. Há muito deixou de ser um nome meramente provinciano, uma dessas glórias que se fazem ao bafejo das “igrejinhas” municipais. Seu nome transpôs as fronteiras do Rio Grande do Norte, precedido de uma obra literária das mais dignas de atenção. Em Recife, em S. Paulo, no Rio, para não falar apenas de minha querida terra, seu prestígio mental é dos mais elevados, mercê de uma inteligência cintilante e viva, de um talento e sensibilidade notáveis pela sua plasticidade e vibração diante de todas as formas da beleza literária.

Bem sei que estas palavras, proferidas de corpo presente, vão ferir a sua modéstia, mas é esta uma contingência dos elogios acadêmicos. Sabe, entretanto, Luís da Camara Cascudo, que fala um velho amigo, fiel na tenacidade de um grande afeto, na constância de uma admiração calorosa pela sua triunfal ascensão

na república das letras. Vivemos ambos na mesma cidade, em tempos de nossa infância, o Natal de antanho, tão diferente do Natal de hoje, alvo de interesse e da curiosidade do mundo, pela sua excepcional importância estratégica, transformado materialmente, opulentado pelas condições do seu novo destino. Acompanhei os passos de Luís da Camara Cascudo desde a escola primária de D. Guilhermina e D. Maria Emília Andrade, ainda vivas em Natal, onde envelhecem no mister de ensinar e educar, eméritas preceptoras, que têm sido, de tanto gente ilustre, até a situação de grande relevo que lhe cabe em nossa literatura. Menino rico, filho único, tendo os pais a satisfazer-lhe todos os caprichos e desejos, habitando mansões senhoriais - o que é de pasmar é que os múltiplos mimos de que se via rodeado não o tenham perdido. Em meio de tanto conforto e de tanta abastança, o menino cresceu quase sisudo, teve uma adolescência de homem sensato, sem aventuras em sua vida de rapaz, - todo voltado aos cuidados da inteligência, às preocupações mentais, indagador, cheio de interesse por coisas altas, o que assombrava os companheiros irrefletidos, que lhe invejavam os brinquedos, os coches, os automóveis e as belas roupas. Ninguém podia admitir que aquele jovem afortunado viesse a ser expoente de qualquer coisa que não de requintado sibaritismo. Seu pai, o inesquecível Coronel Cascudo, era homem de fortes

cabedais, influência política das mais ponderáveis no partido dominante, generoso, conversador incansável, dono de uma prosa animada, espirituosa, inteligente, que era o encanto dos que lhe freqüentavam a casa, o escritório e o clube. Para servir o seu Partido, ele seria capaz de todos os sacrifícios: não só despendia dinheiro com eleições, roupas e almoços para os eleitores, como fundou um jornal, a princípio hebdomadário, e depois quotidiano, *A Imprensa*. Instalou-o em um prédio magnífico da rua Dr. Barata. Não recebia subvenções do Tesouro, e gastava mensalmente grossas quantias para cobrir o déficit inevitável, - isto durante anos a fio, até que os desastres comerciais de sua vida puseram termo à munificência daquela bolsa sempre aberta para obsequiar os amigos. No jornal do Coronel Cascudo se fizeram muitos jornalistas, por amizade pessoal ao fundador, pois os redatores ganhavam 60\$ mensais... Por ali passaram Bruno Pereira, Gonzaga Galvão, José Gobat, Ivo Filho, meu saudoso irmão Mário, morto tão precocemente, e eu próprio, que fui seu redator secretário durante longo tempo.

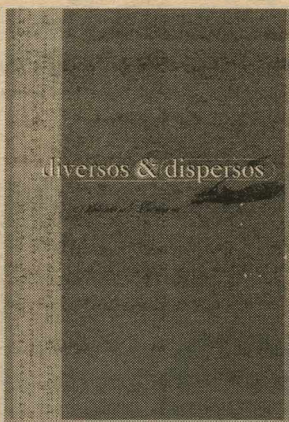
Quando surgiu, no jornal de seu pai, a primeira crônica literária de Luís da Camara Cascudo, em 18 de outubro de 1918, data que a Academia Norte-Riograndense celebrou em 1943,- foi um escândalo em Natal, e logo a suspeita desprimorosa apontou no comentário malicioso dos literatelhos locais: *não podia ser dele, não era possível, por isto e por aquilo, e*

a atribuíram a amigos intelectuais do poderoso genitor. Outras e outras crônicas vieram à luz, na seção que ele inaugurou - *Bric-à-brac* -, todas elas encantadoras na sua linguagem desdenhosa da gramática, revelando verdadeira vocação para as atividades criadoras da inteligência. O novel escritor bem denunciava o mundo de leituras em que vivia engolfado; pelo conhecimento aprofundado da literatura brasileira, francesa e portuguesa, e pelas citações abundantes e oportunas. Foi uma confusão nos meios literários natalenses. Em breve, sem pausa, um livro - *Alma Patrícia* -, recebido com os mais justos encômios. Estava firmada, quero dizer, conquistada, a sua posição nas letras. De

então por diante, foi uma vitória continuada, arrancando aplausos, fazendo escolha, despertando entusiasmos pela sua obra puramente intelectual, sem eiva de interesses materiais. Costuma ele descoroçar os que tentam arrebatá-lo da sua *turris eburnea*. Em todo o caso, os nossos conterrâneos, em uma afirmação de quanto lhe querem, elegeram-no deputado à Assembléia estadual em 1930. A Assembléia instalou-se no dia 1º de outubro. Funcionou nos dias 2 e 3. No dia 4, a onda revolucionária chegou a Natal. A Assembléia dissolveu-se por si mesma e pela força dos acontecimentos. Foi, assim, deputado dois dias. Não é sem razão que ele proclama que o seu reino não é deste mundo...

Quando já cursava o 2º ano de medicina, na Bahia, Cascudo mudou de orientação. Foi ser bacharel, tendo feito o curso em Pernambuco. Sua permanência naqueles Estados muito lhe serviu para enriquecer de novos elementos, de novos recursos, a sua aprimorada inteligência. O fracassado curso de medicina lhe permitiu, contudo, a posse dos conhecimentos científicos que tanto contribuíram para a sua formação, e para os belos êxitos do escritor.

Uma das notas mais interessantes da vida de Luís da Câmara Cascudo é o seu apego invencível à terra que tem a honra de lhe haver servido de berço. Não há tentações que o arredem de lá. Se ele quisesse, teria, no Rio ou em S. Paulo, situação social e econômica excelente. Não são pouco os convites, as insinuações, as oportunidades recusadas por este inveterado papa-gerimum, orgulhoso de sua terra e de sua gente, enamorado das praias natalenses, estremecendo as tradições populares, as ruínas recobertas do musgo dos séculos, os recantos que falam de uma história valorosa, de um passado heróico. Sua casa, em Natal, é um refúgio, onde não penetram malignas paixões, cochichos, intriguinhas, tão da fisionomia das províncias. Uma virtude tem a primazia no conjunto das qualidades que o exornam: não fala, nunca falou mal de ninguém. Não cultiva a inveja. Nunca perdeu a serenidade. Quando seu honrado pai se arruinou no comércio, e, por uma fenomenal demonstração de probidade, vendeu todas as suas numerosas propriedades em Natal, para liquidar as dívidas, Luís da Câmara Cascudo estava na idade em que os prazeres mundanos sabem. Tudo a família perdeu, inclusive a esplêndida chácara do bairro do Tirol, uma das melhores residências da capital Potiguar. Câmara Cascudo, sem pensar nos tesouros perdidos, aos quais nunca se referia, sem saudade dos tempos idos, passou-se para uma casa de aluguel, com os dons inigualáveis que lhe restavam: os velhos pais, a esposa e os filhos. De tão bela e harmoniosa companhia um se apartou pela morte, o venerando genitor, cuja



Livro reúne importantes ensaios literários e históricos de Adauto da Câmara

etnografia, sociologia, aclara dúvidas, opina, sugere, - intérprete legítimo da cultura brasileira naquela esquina do Brasil, Ministro-Residente do espírito nacional para dar as boas-vindas a quantos estrangeiros ilustres passar por ali, e buscam um rápido contato com a nossa civilização. Eis o grave munus de que se acha investido, por universal aclamação, cheio de ônus para ele, que não recebe verba para representação... É o caso de indagar por que não é Luís da Câmara Cascudo membro da Comissão de Cooperação Intelectual, com exercício em Natal, onde já desempenha, com tanta dignidade e eficiência, funções diplomáticas.

Americanista de verdade, não põe nos seus sentimentos de concórdia espiritual e política nenhuma segunda intenção, - no que difere de outros "corifeus" de um americanismo de encomenda, antibrasileiros delirantes, escritas venais que, batendo a sua moeda falsa, injuriam a própria Pátria, em paralelos desairosos para nós. O seu americanismo é verdadeiro, sem escala pelos escritórios de propaganda, sem visar crachás, sem o imediatismo das recompensas.

A grande projeção que Luís da Câmara Cascudo tem no Brasil mental de hoje, deve-a ele inteiramente à sua produção literária, das mais merecedoras de atenção, e que conta quinze volumes publicados e copiosa colaboração esparsa pelos jornais. A intensidade de seu labor em nada prejudica o brilho singular da concepção e da forma. Raros escritores nossos têm o seu dinamismo e espontaneidade, dono que é de um estilo sem artificialismo, sem empolgamentos pedantes e sem as detestáveis chalaças e vulgaridades modernistas. A frase lhe sai de um jato, luminosa, precisa, musical, as idéias ordenadas como se tivessem sido submetidas a um longo processo de elaboração. Essa técnica

felicidade foi muito maior, na velhice, em se rever nos méritos do filho e na graça dos netos, do que, na idade madura, em manejar milhões, que os bons negócios deram, e os maus negócios tiraram.

Quando, hoje, chegam a Natal os homens cultos deste hemisfério, nos febris vai-e-vens que a guerra determina, se dirigem à sua casa, desprovida de pompas, de uma singeleza austera, prazo-dado do pensamento brasileiro naquela cidade nordestina, que é o entroncamento das rotas aéreas intercontinentais. Cascudo os recebe em sua biblioteca, e como que lhes verifica as credenciais, entretém-se com todos, em francês, em espanhol, e até em inglês; discreta sobre literatura,

é denunciada pelos seus autógrafos, que nunca são revistos, e não contêm emendas ou rasuras.

Orador de inspirações felizes e arrebatadoras, jamais escreve seus discursos e conferências, para o que concorreu poderosamente o exercício da cátedra, que lhe serviu de iniciação na tribuna. Suas orações sempre se deixam conduzir pelas sugestões do ambiente: os tropos, os arroubos eletrizam pela imaginação soberba, abundantemente, quente como lava que brotasse de um cérebro vulcânico, em constante atividade.

Biógrafo, investigador de faro aguçado, genealogista, historiador, jornalista, tradutor, crítico, folclorista, - tem sempre um trabalho na forja. Excele em todos estes gêneros pelas condições onímodas do seu talento. Autor das mais belas páginas sobre o passado do Rio grande do Norte, Luís da Câmara Cascudo figura com honra ao lado de Tobias Monteiro, Rodolfo Garcia e Augusto Tavares de Lira, conterrâneos nossos, grandes eruditos da nossa História. As quarenta e poucos anos de idade, vivendo em uma pequena e pobre província do Nordeste, pertence a seis academias de Letras, a dez institutos históricos, e a uma dúzia de instituições culturais da França, Portugal, Argentina, Uruguai, Estados Unidos, México, Itália e Haiti. Primeiro Secretário Geral da Academia Norte-Riograndense, prestou-lhe serviços inesquecíveis, na fase indecisa da organização, com o seu desvelo de potiguar. Jornalista de atuação diária, mantém na *República*, o glorioso veterano da imprensa da Potiguarânia, a *Acta Diurna*, de cuja coluna pontifica todas as manhãs, desde há alguns anos. Urge que a *Acta* tome a forma duradoura de livro, e com isto a bibliografia de Câmara Cascudo ganhará quatro volumes...

Se há quem dispensa apresentação de quem-quer-que-seja, em um cenáculo de homens de letras, é precisamente o ilustre confrade que, em um gesto

muito cavalheiresco e fraterno, durante a sua curta e atribulada estada no Rio de Janeiro, veio até nos, menos para receber homenagens do que para ter o gosto de se encontrar com os amigos e companheiros de ideal e de se entreter com eles, na intimidade dessas expansões que sucedem às longas ausências. Mas a Federação sente o prazer, quase diria a necessidade, de o acolher com este alvoroço, e essas efusões, para lhe testemunhar, bem alto e publicamente, o nosso apreço a sua fascinante personalidade.

(palestra proferida na seção do dia 3 de junho de 1944, e extraída do livro póstumo *Diversos & dispersos*)



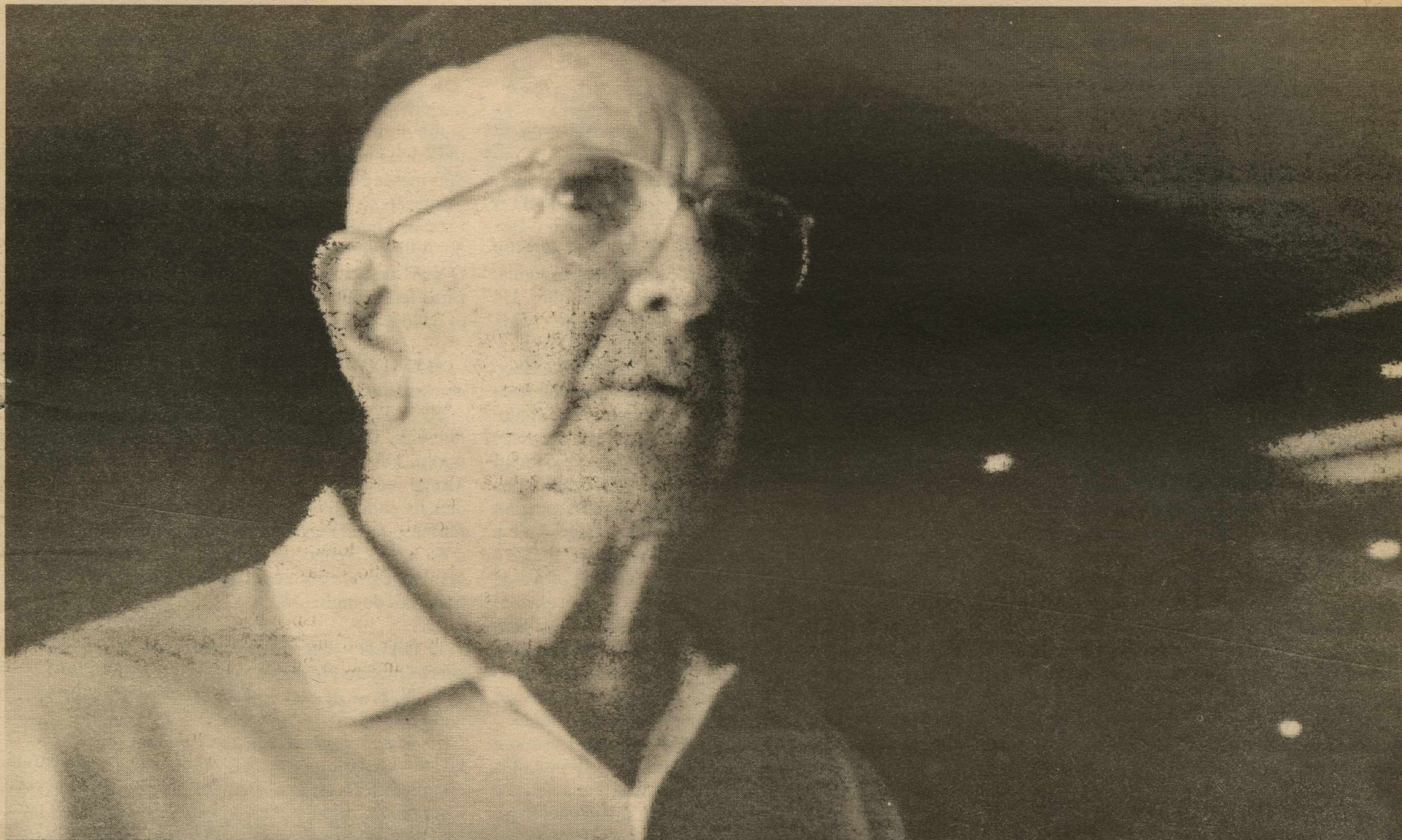
Adauto da Câmara destaca o "apego invencível" de Câmara Cascudo à terra que lhe serviu de berço

Adauto da Câmara - 1898-1952 - nasceu na cidade de Mossoró, RN, e escreveu, entre outros, *O ocaso da República Velha no Rio Grande do Norte* e *Nísia Floresta*, primeira biografia da ilustre poetisa e pedagoga potiguar.

“Havia uma *Weltanschauung* não especializada, comum a Gilberto Freyre e a Câmara Cascudo”

ENTREVISTA

“Gilberto era pragmático e Cascudo romântico. Mas ambos eram apegados à província”



Edson Nery da Fonseca

Nelson Patriota

Intelectual da velha estirpe dos grandes humanistas brasileiros, o professor Edson Nery da Fonseca permanece, do alto dos seus 76 anos, um observador participante da vida intelectual brasileira, a partir de sua singela morada em Olinda, nas proximidades do Mosteiro de São Bento. Aliás, não se trata de qualquer coincidência: as manhãs e as tardes do velho professor são divididas entre a missa conventual no Mosteiro, embalada pelo canto gregoriano dos monges beneditinos, e os demais afazeres intelectuais, inclusive a elaboração do site de Gilberto Freyre na Internet, preparação de conferências, revisão de obras suas ou de outrens, etc. Sim, porque o Professor Emérito da Universidade de Brasília, hoje aposentado, associa ao humanismo uma fé inabalável na vida

espiritual, traduzida na sua prática de oblato. Especialista na obra de Gilberto Freyre, à qual dedicou vários livros, Edson Nery da Fonseca esteve em Natal em setembro passado, quando a convite do professor Pedro Vicente Costa Sobrinho proferiu, no auditório da Biblioteca Zila Mamede, a conferência intitulada “A Poesia de Zila Mamede”. No dia seguinte, concederia entrevista exclusiva ao jornalista Nelson Patriota, editor de O GALO, que segue abaixo. Na entrevista, o professor Edson Nery da Fonseca destaca as afinidades eletivas que uniam Gilberto Freyre e Câmara Cascudo, e fala de uma paixão intelectual norte-rio-grandense: Zila Mamede. Em complemento à entrevista, O GALO republica na íntegra o texto “Whitman traduzido e comentado por Cascudo”, publicado originalmente na Coleção Mossoroense série B, n.º 1232, em 1963, e há muito esgotado.

Cascudo & Freyre: as afinidades eletivas

O GALO – Bibliotecário, pesquisador, professor emérito da UnB, estudioso da obra de Gilberto Freyre, Câmara Cascudo, Zila Mamede, oblato beneditino... Edson Nery da Fonseca se apresenta múltiplo em sua singularidade. Como conciliar tantas tendências e vocações intelectuais e espirituais?

Edson Nery da Fonseca – É uma questão de vocação. As pessoas nascem assim. Alguns se tornam especialistas, sabendo cada vez mais sobre cada vez menos coisas e gostam disso, outros nascem para generalistas, com uma curiosidade intelectual muito ampla. Haveria males de um lado e do outro. O especialista padece de graves limitações. Está provado que o especialista sozinho não resolve muita coisa, haja vista que os problemas são geralmente multidisciplinares. O generalista padece de alguns defeitos: em geral, é superficial, diletante, não se aprofunda em nada. Prefiro correr o risco de ser diletante, do que ser um especialista ignorando tudo o que se passa fora da minha especialização.

O GALO – Qual a importância da biblioteconomia para a poeta Zila Mamede, poeta que o Sr. vem estudando e de quem privou da amizade?

E. N. F. – A biblioteconomia me entusiasmou quando surgiu em minha vida a oportunidade de fazer um curso nessa especialidade porque eu percebi a partir da experiência estrangeira – Estados Unidos, Inglaterra, os países escandinavos, depois os outros países a partir da criação da Unesco – a Unesco procurou dar, a partir de seu início, através da orientação dada pelo sábio Julian Huxley uma ênfase, um convencimento dos países membros de que a biblioteca é a base da educação de adultos e da educação permanente e da formação da cidadania. Isso não é um mito. Isso existe nos países desenvolvidos.

O GALO – E o Brasil?

E. N. F. – O Brasil continua atrasado. A biblioteconomia brasileira que merece destaque é a que existe nas bibliotecas especializadas e das universidades. A bibliotecas públicas, como os anglo-americanos a entenderam e os povos desenvolvidos seguiram esse exemplo – a *public library* – não se pode aplicar às nossas bibliotecas esse conceito porque elas padecem do defeito de serem governamentais. Isso não existe lá fora. As bibliotecas não são mantidas pelo estado, são mantidas pela comunidade, por um *board* que se reúne e que elege um diretor por algum tempo e fiscaliza as atividades da biblioteca por algum tempo, e ela está organizada como uma agência de informações para o público em geral. Em São Paulo, apesar de municipal, a Biblioteca Pública Mário de Andrade é uma rede de bibliotecas populares em vários bairros, tem ônibus-bibliotecas, etc.

O GALO – O fato de Zila Mamede ser bibliotecária influenciou de alguma maneira na sua poesia?

E. N. F. – Não sei. Acho que é por acaso que uma pessoa pode ser bibliotecária e poeta. O maior exemplo que conheço é o do grande escritor argentino Jorge Luis Borges, poeta de nascimento, de vocação, foi nomeado diretor da Biblioteca Nacional de Buenos Aires e não quis ser um aproveitador do cargo como alguns diretores de bibliotecas públicas no Brasil costumam fazer para escrever suas obras num gabinete agradável e tendo à mão um acervo monumental de

livros raros, como fez o historiador pernambucano Rodolfo Garcia. Ele não serviu à Biblioteca Nacional, ele serviu-se da Biblioteca Nacional, o próprio Raul Pompéia, um dos escritores que eu mais amo, ele não serviu à Biblioteca Nacional. Era praxe dar-se a um grande intelectual a direção da Biblioteca Nacional. Na Biblioteca do Congresso Americano, um dos seus primeiros diretores foi o poeta Archibald MacLeish. Hoje, não. Ela tem técnicos. Ele tinha um comitê de técnicos que o assessoravam. Ele estava lá como uma figura intelectual, venerada.

O GALO – E quanto a Zila?

E. N. F. – Foi o fato de Zila ser poeta e ter-se interessado pela biblioteconomia, como eu me interessei. Na biblioteca há a oportunidade de melhorar a cultura popular. Ela deu muita importância à biblioteca pública no sentido norte-americano. Fez mestrado nos Estados Unidos, na Syracuse University e não sei onde ela fez bacharelado em biblioteconomia, se foi no Recife, se foi no Rio, não me lembro. Há também a história da poesia da biblioteca, percebida por aquele grande poeta francês Saint-John Perse. A biblioteca do Congresso Americano distingue de cinco em cinco anos um poeta que mora dentro da Biblioteca do Congresso. Ele foi um poeta estrangeiro escolhido, e escreveu um poema belíssimo inspirado naqueles corredores. É um poema longo em que ele conclui com este verso: “Basilique des livres” – (“basílica dos livros”). A biblioteca é uma basílica, onde se veneram os livros. Você entra na Biblioteca do Congresso e a primeira coisa que você vê, numa espécie de altar, é a bíblia de Gutenberg, protegida por vidro à prova de fogo e de bala, se houver um incêndio ela cai automaticamente para um depósito blindado. É o culto pela civilização do livro, do papel, do livro antigo, com suas iluminuras... Tudo isso é muito poético. Jorge Luis Borges, diretor da Biblioteca Nacional, não quis ser um burocrata, um escritor venerável. Ele foi estudar o sistema de classificação decimal universal usado e começou a ajudar a classificar os livros. Os bibliotecários em geral não têm cultura humanística e iam perguntar a ele como classificar tal ou qual livro. E ele foi se interessando pelo sistema. Há um conto dele que é baseado nessa experiência. Acho que no livro *El Aleph*. Ele conta em nota de rodapé: “Este conto me foi inspirado no trabalho que exerci de classificar livros na Biblioteca Nacional de Buenos Aires, de acordo com o sistema de classificação decimal do qual esqueci quase tudo. Só não esqueci uma coisa: é que Deus tem o número 231”. (O prof. Edson Nery da Fonseca faz a citação de memória).

“Vou ao Mosteiro de São Bento
diariamente para a missa conventual.
Durante os dias comuns canta-se o canto
gregoriano em latim, e volto no fim da
tarde para o ofício de vésperas. É o que
eu faço de melhor na vida.”

O GALO – O Sr. está trabalhando atualmente na organização do site dedicado a Gilberto Freyre sob encomenda do CNPq. Como está indo o trabalho? Quando espera concluí-lo?

E. N. F. – É um programa do CNPq dirigido por uma ilustre bibliotecária chamada Yone Chastinet. Quando se fala em Gilberto Freyre todo mundo corre para mim. Não sou só eu que conheço a obra de

Gilberto Freyre. Ricardo Benzaquém de Araújo escreveu um livro sobre ele, até *Sobrados e Mocambos*, isto é, dos anos 20 aos anos 30. o próprio Vamireh Chacon escreveu também uma biografia. Eu fui indicado pela Fundação Gilberto Freyre. Já fizera a biblioteca virtual de Anísio Teixeira. Ficou uma beleza. Gostaria que a biblioteca virtual Gilberto Freyre ficasse tão bonita quanto a de Anísio Teixeira.

O GALO – Qual a expectativa de terminar esse trabalho?

E. N. F. – Tenho um contrato com o CNPq até dezembro, renovável por mais um ano. Espero acabar, antes de dezembro deste ano, o trabalho sobre a trajetória intelectual de Gilberto Freyre que fiz nestes dois meses de início do trabalho, e que vai desde a sua formação no Recife, passando por sua formação nos Estados Unidos, e chegando até o fim da década de 30. Agora vou continuar e espero acabar rapidamente. O mais demorado são os links. Eu falo de Oliveira Lima tenho que dar uma imagem de Oliveira Lima e os dados biobibliográficos dele, etc.

O GALO – O senhor já trabalha normalmente no computador?

E. N. F. – Eu tenho prático de micro mas não sou microre. Confesso que ainda não me casei com o micro. Admiro, quero mas ‘burro velho não aprende’. Minha mão é pesada demais para o mouse, pesada demais para o teclado. Tenho uma máquina IBM da última geração mas a batida é muito mais forte do que a do micro. Tenho um sobrinho em casa que mora comigo, é professor nessa matéria e é quem faz meus trabalhos de digitação.

O GALO – Quantos trabalhos o senhor escreveu sobre Gilberto Freyre?

E. N. F. – Escrevi um livro, chamado *Um livro completa meio século*, que é a história de *Casa Grande & Senzala* desde que ele começou a pensá-la até seu cinquentenário em 1983. Quando ela completou 25 anos, a Fundação Joaquim Nabuco instituiu um prêmio sobre *Casa Grande & Senzala*. Eu concorri e ganhei o prêmio com o núcleo desse trabalho. Depois eu ampliei para a comemoração do cinquentenário. Agora, contribuições em obras coletivas sobre Gilberto Freyre eu tenho várias. Aqui mesmo na UFRN se realizou há vários anos atrás um ciclo de conferências sobre o regionalismo e o modernismo. Eu fui convidado a falar sobre o regionalismo em Gilberto Freyre e minha conferência está numa obra coletiva que a UFRN publicou. Artigos em revistas tenho muitos sobre ele e sobretudo organizei várias obras constituídas de inéditos e dispersos.

O GALO – O senhor poderia citá-las?

E. N. F. Sim. Por exemplo, *Heróis e vilões no romance brasileiro*. Trata-se de um ciclo de conferências que ele deu e me encarregou de fazer um livro, e eu tive que fazer o prefácio. *Prefácios desgarrados* é outro livro dele constituído de prefácios que ele escreveu para diversos autores. São dois volumes grossos que eu organizei, anotei e prefaciei; um livro dele que eu inventei nos 80 anos dele. Ele fora procurado por uma empresa de propaganda de Porto Alegre chamada MPM Propaganda, que é fundada por gaúchos, essa empresa publica no Natal de cada ano uma obra de um autor brasileiro, geralmente uma obra rara, esgotada. Então procurou Gilberto Freyre em 79 para em 1980 fazerem um livro dele. Ele disse: procurem o Edson Nery em Brasília.



O professor Edson Nery da Fonseca diz que Gilberto Freyre tinha uma sincera admiração pelo trabalho de Cascudo

porque ele fará o livro. Então eu tive de inventar um livro. Acho que a idéia melhor é organizar um livro de dispersos com o título de uma seção que ele teve na revista O Cruzeiro, intitulada "Pessoas, Coisas e Animais", que eu dividirei em três partes: a pessoas, a coisas e a animais. Tem um belo ensaio publicado por uma revista de finanças de São Paulo chamado "O pudor do lucro", é a história daquele célebre trabalho de Max Weber, *A ética protestante e a gênese do capitalismo*. O lucro era considerado uma coisa pecaminosa pelos católicos e pelos protestantes não, porque eles defendiam a tese de que a graça divina é dada no próprio mundo. Esse ensaio é interessante porque só foi possível numa universidade alemã, multidisciplinar, em que ele, economista, conversava com professores de teologia. Aí ele bolou essa magnífica idéia de juntar religião e economia.

O GALO – Que outros livros de Gilberto Freyre o senhor organizou e/ou prefaciou?

E. N. F. Organizei, anotei e prefaciei mais dois livros de Gilberto Freyre. Já perto de morrer ele me escreveu e pediu que eu o reescrevesse. O livro estava monstruoso. Chamava-se *Ferro e civilização no Brasil*. Ele foi procurado pelo grupo Gerdau para escrever sobre a civilização sobre a importância do ferro. Ele disse, 'eu não sou mais capaz de escrever sozinho uma obra dessas. Vamos constituir uma equipe aqui mesmo na Fundação José Augusto, constituída de um economista, um geógrafo, um sociólogo e um documentarista, que é o Edson Nery da Fonseca, que vai reunir a bibliografia necessária para isso. Depois, os que deviam colaborar não colaboraram, com exceção do geógrafo. Como ele já tinha dito ao Gerdau Johann Peter que ia fazer, fez quase tudo sozinho e me pediu um prefácio. Ele disse, 'está curto', eu aumentei-o e ainda fiz por minha conta um posfácio, tratando do ferro na literatura brasileira.

O GALO - Como estudioso dos problemas culturais nordestinos, o Sr. tem notado similaridades e divergências entre Gilberto Freyre e Câmara Cascudo. O que aproxima e o que separa esses dois grandes antropólogos generalistas brasileiros?

E. N. F. – Em primeiro lugar, o fascínio que Cascudo teve, quando estudante, pela obra de Gilberto Freyre, embora mais moço dois anos do que ele, mas que estava vindo de estudos nos Estados Unidos e de viagens de estudos não sistemáticos pela Europa e iniciou nos anos 20 – foram os anos em que Cascudo estudou no Recife depois de ter desistido de estudar medicina na Bahia por questões econômicas – concluiu o curso de direito em 1928, portanto, começou na época exata em que Gilberto estava desencadeando o movimento regionalista, que consistia numa resposta ao movimento modernista paulista. Quando eclodiu o modernismo na semana de 22, em São Paulo, Gilberto Freyre estava nos Estados Unidos, tomando conhecimento do modernismo anglo-americano nas letras e nas artes. Depois, conclui em 1922 o curso de mestrado e de lá vai para a Europa. Assiste em Paris o começo do fim do surrealismo, já as pessoas rejeitando o futurismo de Marinetti. Chega a São Paulo e vê os paulistas repetindo aquelas coisas. E teve um paraibano muito burro, chamado Joaquim Inojosa, que viu tudo aquilo, entusiasmou-se e voltou para o Nordeste querendo impor o modernismo. Foi quando Gilberto Freyre lançou o movimento regionalista dizendo, 'esses moços de São Paulo estão repetindo tudo o que eu vi na Europa e o modernismo aqui no Nordeste consiste em destruir as coisas antigas, o que não é certo. Na Europa ninguém destruiu o que o é

antigo para fazer movimentos de vanguarda. O que eles querem é romper de vez com o passado quando o passado continua em nossas vidas, projetando-se no futuro'. Este é o conceito de tempo tríplice que Gilberto Freyre enunciou e no qual se baseia toda a sua obra, ou seja, passado, presente e futuro não são compartimento estanques, são categorias que se interpenetram dialeticamente.

O GALO – Como Cascudo reagiu ao tomar conhecimento das primeiras idéias defendidas por Gilberto Freyre?

E. N. F. – Cascudo foi um estudante de direito que, ao invés de rejeitar, como fizeram outros jovens, apoiou Gilberto Freyre. Ele escreveu a Mário de Andrade – nós ainda não sabemos o teor, mas já é de domínio público – Mário de Andrade estabeleceu um prazo para que as cartas que recebeu fossem divulgadas e esse prazo já terminou, há equipes trabalhando nisso. Mas nós sabemos pelas cartas de Mário de Andrade para Cascudo que Veríssimo de Melo divulgou. Há uma carta de Mário de Andrade para Cascudo em que ele diz que entusiasmou-se com a idéia de um congresso regionalista que estava sendo preparado por Gilberto Freyre e outros especialistas em várias áreas. O congresso foi em 26, Cascudo entusiasmou-se e passou e divulgá-lo bem antes, ainda em 24, em artigos e conferências. Mário disse que tinha medo que o movimento fosse um movimento de separatismo, mas que achava interessante.

O GALO – Cascudo e Freyre chegaram a ter uma convivência fraterna, estreita?

E. N. F. – Não sei se foi a linha interdisciplinar generalista de Gilberto Freyre que fez Cascudo seguir na mesma direção. Sei também que apesar da simpatia de Cascudo por Gilberto, eles nunca tiveram um convívio muito fraterno. Há 11 cartas de Cascudo a Gilberto. Devem estar aqui as cartas de Gilberto Freyre a eles. Há um momento em que as relações esfriaram. Eu atribuo à influência de Mário de Andrade que nunca suportou Gilberto Freyre por causa desse movimento contra o modernismo paulista. Cascudo também esteve ao lado de católicos tradicionalistas que no Recife combatiam Gilberto Freyre, como Jordão Emerenciano, que era amigíssimo dele. Ambos participaram inclusive de uma confraria gastronômica em que cada membro tinha um nome. Cascudo era 'Bermelho', não sei nem qual a origem dessa palavra. Nilo Pereira também participava, era um 'catolicão', que eu chamaria de carola. Sou católico, mas detesto carolice... Havia a semelhança de uma cosmovisão, uma Weltanschauung generalista, não especialista, comum a Gilberto e a Cascudo. E isso os ligava, mas também tinham suas diferenças. Gilberto Freyre era muito pragmático, talvez devido à educação americana, de querer ser pago pelo seu trabalho intelectual. Mas desde cedinho o Diário de Pernambuco pagou a colaboração semanal de Gilberto Freyre, e Cascudo nunca se importou com o pagamento de sua obra. Cascudo morou naquela casa da rua Junqueira e poderia, em vida, ter constituído uma fundação, como Gilberto Freyre se lembrou, e por isso tem problemas, a casa está meio comprometida, a obra está meio desorganizada. Gilberto era um pragmático e Cascudo um romântico. Mas o apelo à província era um traço comum a ambos. Ambos receberam convites para viver no Rio de Janeiro, em São Paulo, viverem numa universidade estrangeira, não quiseram para não sair de suas províncias. E nesse número da revista *Província* que vocês acabam de publicar Gilberto Freyre tem uma contribuição sobre Cascudo em que ele salienta essa

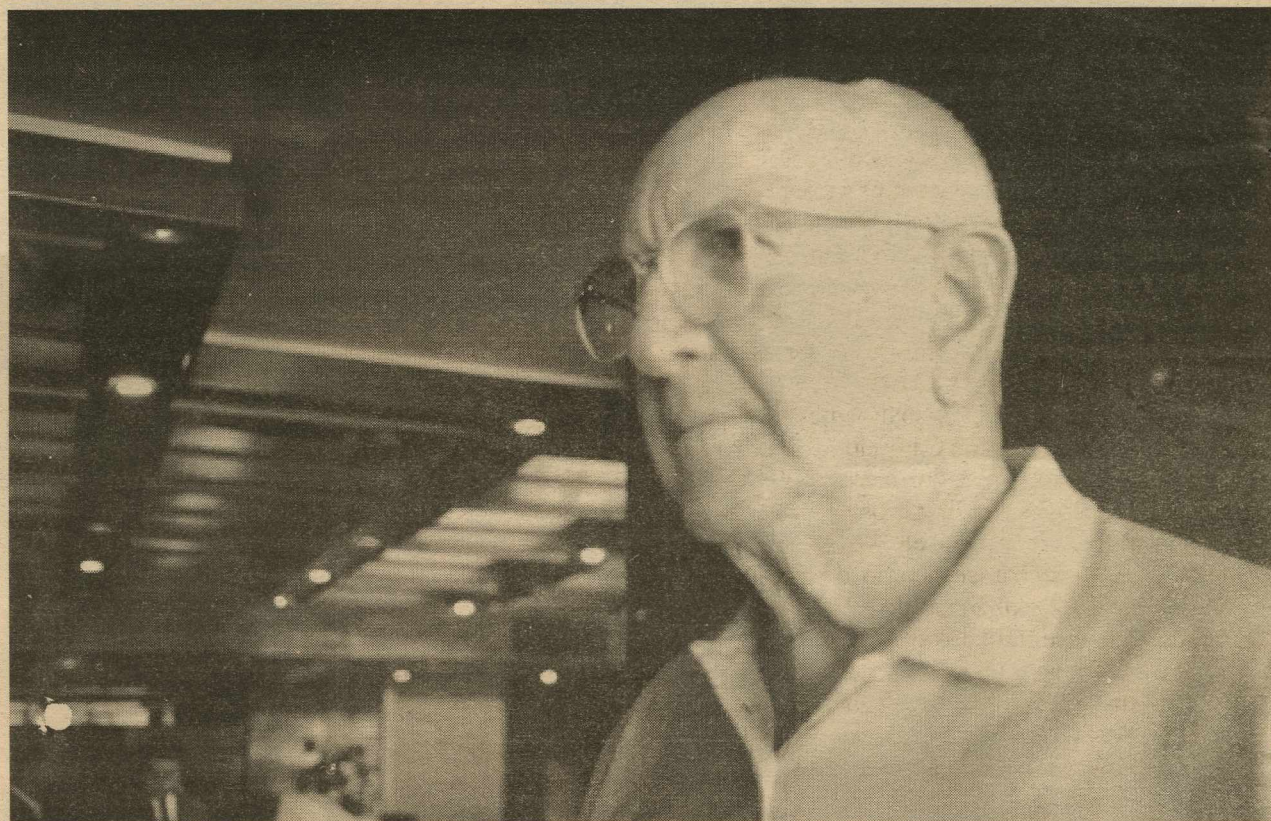
coisa que ele admirava em Cascudo que era não ter se filiado a nenhuma escola antropológica, não ter adotado um só método antropológico – funcionalista, estruturalista -, quis ter das coisas uma visão abrangente humanista.

O GALO – Cascudo sofreu algum tipo de influência de Gilberto Freyre, em sua opinião?

E. N. F. – Acho possível que o regionalismo de Gilberto Freyre tenha influenciado o Cascudo jovem estudante de direito no sentido de estudar não só o Brasil em geral, mas o seu lugar, o seu estado, a sua província, como um meio melhor de entender o conjunto brasileiro.

O GALO – E a recíproca?

E. N. F. – Gilberto sempre cita Cascudo com simpatia, em notas de rodapé, 'o livro que Cascudo está preparando sobre a geografia os mitos brasileiros',



Edson Nery da Fonseca diz que no acervo de Cascudo podem estar as cartas que Gilberto Freyre lhe escreveu

considerando uma coisa realmente importante; mostrando que o folclorista não é um sujeito superficial que vai atrás somente dos mitos. Cascudo era muito mais antropólogo do que simplesmente folclorista. Admirava também o fato de Cascudo nunca ter saído de sua província, como já salientei. São pontos de aproximação entre eles que considero importantes.

O GALO – O senhor é religioso, ligado à ordem dos beneditinos. O que isso quer dizer?

E. N. F. – Sou católico, apostólico, romano, mas sou também beneditino que, como eu já disse em outra oportunidade, é uma religião dentro de outra: monástica, assim chamada pelo próprio São Bento, na sua regra. Os monges pertencem ao clero regular. O diocesano exerce uma atividade pastoral. A atividade dos monges é orante, ele existe para louvar a Deus. As ordens monásticas foram criadas para o louvor divino. Vou ao Mosteiro de São Bento diariamente para a missa conventual. Durante os dias comuns canta-se o canto gregoriano em latim, e volto no fim da tarde para o ofício de vésperas. É o que eu faço de melhor na vida. Não posso colocar nada acima disso. Quando às vezes sou obrigado a ir a uma reunião, a uma solenidade, eu

fico com pena de perder o ofício e ao chegar em casa rezo o ofício sozinho. De modo que essa é a diferença enorme: fui aluno dos jesuítas durante sete anos e quando descobri a ordem de São Bento eu fiquei perplexo, porque parecia outra religião.

O GALO – E os jesuítas, o que o senhor pensa deles?

E. N. F. – Não gosto dos jesuítas, não gosto dos salesianos, não gosto dos maristas, não gosto de nenhuma congregação moderna, porque elas são muito pastorais. Não nego que elas são úteis à comunidade, agora dizia o célebre general Patton, que comandou as tropas aliadas na Segunda Guerra: "os que rezam fazem mais pela humanidade do que os que batalham". Tenho a convicção de que realmente a parte orante da Igreja é que salva o mundo pela compensação. Porque a Igreja é o corpo místico de Cristo. No momento em que uma parte está fazendo o mal, a

outra parte, que está orando, está compensando. Essa é a justificação do louvor divino. São Bento dizia: "nada a antepor aos ofícios divinos, nada!"

O GALO – A obra de arte também não provocaria uma espécie de êxtase?

Sim, Jacques Maritain, em "Art et mystique", fala que o conhecimento artístico é muito semelhante ao conhecimento místico. Jacques Maritain foi um santo. Dizem até que o casamento dele com Raissa foi 'josefino' – de São José, isto é, um casamento branco, "sans vertement de sang", como se diz em francês.

O GALO – A missão do intelectual também não teria, em sua opinião, um componente místico?

E. N. F. – Concordo. Acho que o intelectual deve adotar a atividade intelectual como um sacerdócio. Sou elitista, não tenho nenhuma vergonha de dizer que sou elitista. A missão do intelectual é de resgatar os valores eternos em face dessa secularização, dessa estupidez da civilização das massas, da massificação imbecil e sistemática da mídia, lutar contra o consumismo, defender os valores da inteligência e do espírito.

“Cascudo assinala a influência de Walt Whitman sobre o brasileiro Ronald de Carvalho”

TRADUÇÃO

“Whitman falava de amor entre homens porque era marcado pela bissexualidade”

Walt Whitman

traduzido e comentado por Cascudo

Edson Nery da Fonseca

Luís da Câmara Cascudo foi um polígrafo, palavra hoje em desuso, com o qual se indicava, antigamente, o escritor que tratava de muitos assuntos. O número de polígrafos diminui na mesma proporção em que aumenta o dos conhecimentos. Como já disse alguém, sabe-se cada vez menos coisas. Assim como houve, na Europa, invasões de bárbaros, há em nossa época uma invasão de especialistas. Talvez Cascudo possa ser definido como o último polígrafo.

Embora notabilizado principalmente como folclorista, a obra de Cascudo se espalha por outras áreas do saber e por diferentes gêneros literários.

Além de autor, ele foi excelente tradutor, tanto do francês como do inglês. Traduziu, por exemplo, o capítulo XXXI dos *Ensaio*s de Montaigne, que trata dos **canibais**.

Neste ano em que se comemora o quarto centenário da morte de Montaigne, seria interessante a reedição deste trabalho de Cascudo. É certo que já existe, no Brasil, uma edição completa dos *Ensaio*s, em correta tradução de Sérgio Milliet; mas Cascudo enriqueceu a tradução do capítulo relativo aos canibais com numerosas notas que ocupam o mesmo número de páginas do texto traduzido.¹

E traduziu também o livro em que o viajante inglês Henry Koster relata suas viagens pelo Nordeste do Brasil. A edição brasileira das *Travels in Brazil* foi muito elogiada e apresentada como modelo, tanto pela tradução em si como pelos inúmeros e eruditos comentários de Cascudo. Como assinalou, na época, o crítico Álvaro Lins, “ele realizou quase que uma nova obra, empregando nela as suas conhecidas qualidades de historiador, sobretudo a erudição, o espírito crítico, o bom gosto, o conhecimento do passado nas suas fontes originais.”³

A tradução de poesia, entretanto, é muito mais difícil do que a de prosa. Exímio tradutor de Dante, Baudelaire e Mallarmé, Dante Milano escreveu: “a linguagem de um poeta não pode ser trasladada a outro idioma: pode-se traduzir o que ele quis dizer, mas nunca o que ele disse”.⁴ Mas Cascudo, que não recuava

diante de qualquer dificuldade, traduziu três poemas do grande norte-americano Walt Whitman, cuja morte, há cem anos, estamos comemorando.

Por que teria Luís da Câmara Cascudo traduzido Whitman? A data pode esclarecer este ponto. A plaquete *Três poemas de Walt Whitman* foi editada em 1957 pela Imprensa oficial do Estado de Pernambuco, em sua Coleção Concórdia.⁵

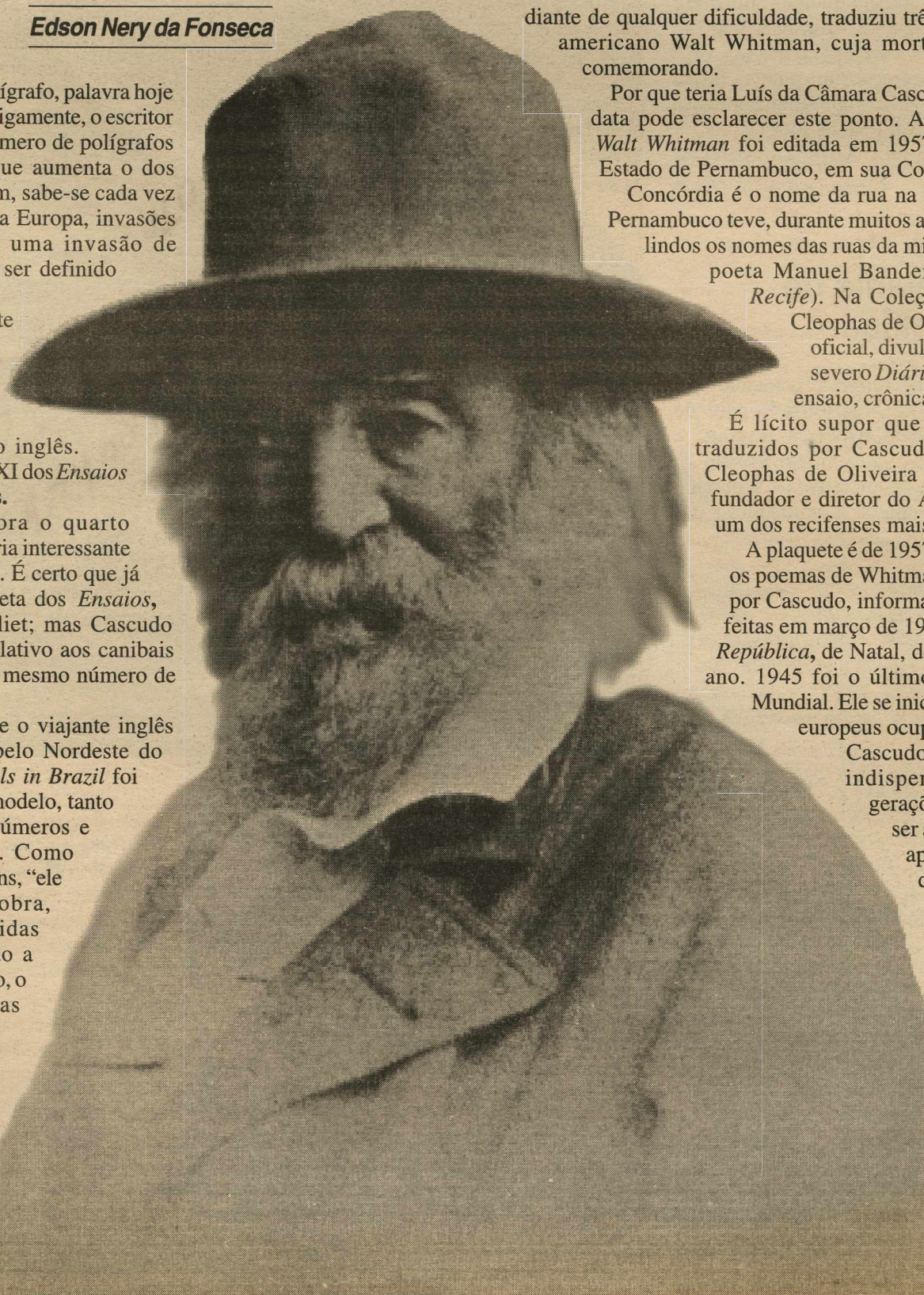
Concórdia é o nome da rua na qual a Imprensa Oficial de Pernambuco teve, durante muitos anos, sua sede. (“Como eram lindos os nomes das ruas da minha infância”, exclamava o poeta Manuel Bandeira em sua *Evocação do Recife*). Na Coleção Concórdia o jornalista Cleophas de Oliveira, diretor da Imprensa oficial, divulgava o que não podia sair no severo *Diário Oficial* do Estado: poesia, ensaio, crônica.

É lícito supor que os poemas de Whitman traduzidos por Cascudo tenham sido levados a Cleophas de Oliveira por Jordão Emerenciano, fundador e diretor do Arquivo Público Estadual e um dos recifenses mais ligados a Cascudo.

A plaquete é de 1957, mas em nota que antecede os poemas de Whitman traduzidos e comentados por Cascudo, informa-se que as traduções foram feitas em março de 1945 e publicadas no jornal *A República*, de Natal, dos dias 18, 24 e 25 daquele ano. 1945 foi o último ano da Segunda Guerra Mundial. Ele se inicia com a liberação de países europeus ocupados pelo exército alemão.

Cascudo era americanófilo, sendo indispensável explicar às novas gerações que, naquela guerra, não ser americanófilo implicava em aplaudir a absurda ocupação de nações soberanas e o genocídio praticado pelo Nazismo.

Como Whitman se transformou num símbolo da democracia norte-americana, é provável que Cascudo o tenha traduzido sob o influxo da vitória dos Aliados nas diversas frentes de combate. Aí está, certamente, o motivo tanto da iniciativa de traduzir Whitman como da seleção dos poemas. Cascudo poderia dizer,



como Manuel Bandeira no *Itinerário de Pasárgada*, que só traduziu “os poemas que já estavam em mim”⁶. O que confirma a sentença de Valéry Larbaud, príncipe dos tradutores franceses: “Dize-me a quem traduzes, dir-te-ei quem és”⁷.

Os três poemas de Whitman escolhidos por Cascudo são “I hear America singing”, “The base of all metaphysics” e “For you, o democracy”. Ele próprio considerou suas traduções como “provisórias”. Comparando-as com as de outros tradutores brasileiros de Whitman, veremos que algumas soluções encontradas por Cascudo são melhores e outras piores.

No primeiro poema selecionado, por exemplo – I hear America singing – Cascudo traduziu o verso inicial ao pé da letra, mudando apenas o tempo do verbo. Mas não soube evitar a cacofonia “América cantar”, tendo Péricles Eugênio da Silva Ramos optado pelo substantivo *canto*: “Eu ouço o canto da América”. Entretanto, traduzindo, no mesmo poema, *way in the morning* por “caminho matinal” foi muito mais feliz que Péricles Eugênio da Silva Ramos, que preferiu “caminho, pela manhã”. Também foi mais feliz que o insigne paulista ao traduzir *at sundown* por “ao entardecer”, enquanto Péricles usou “ao pôr-do-sol”⁸. **Entardecer** é, como **amanhecer** uma palavra muito bonita, já tendo alguém observado que só em português é possível dizer-se **eu amanheci alegre** ou **eu amanheci triste**, ou ainda **hoje amanheceu chovendo**.

“Câmara Cascudo não recuava diante de qualquer dificuldade”.

Cascudo lembra, em seu primeiro comentário, a influência de Whitman no brasileiro Ronald de Carvalho. O poema “I hear America singing” é justamente um dos que mais inspiraram Ronald de Carvalho ao adotar o estilo enumerativo de Whitman.

Veja-se como é whitmaniana a enumeração das conversas nas quais ouvia Ronald todo o Brasil:

*A conversa dos fazendeiros nos cafezais,
A conversa dos mineiros nas galerias de ouro,
A conversa dos operários nos fornos de aço,
A conversa dos garimpeiros, peneirando as batéias,
A conversa dos coronéis nas varandas das roças...*¹⁰

No segundo poema escolhido – “The base of all metaphysics” –, vê Cascudo, muito acertadamente, o “solidarismo humano” que estava, para Whitman, acima de todos os sistemas filosóficos e de todos os dogmas.¹¹ A tradução de Cascudo foi incluída por Oswaldino Marques em sua antologia da poesia norteamericana *Videntes e Sonâmbulos*, com traduções de vários autores.¹² Recorde-se de Oswaldino Marques que foi o segundo tradutor de Whitman no Brasil. As traduções de Cascudo, como já vimos, foram publicadas um ano antes dos *Cantos* traduzidos por Oswaldino Marques.¹³

“For you, o Democracy” é o terceiro e último dos poemas traduzidos por Cascudo. Lembre-se de Whitman que, tendo sido tipógrafo e jornalista, era naturalmente um democrata, estando suas idéias políticas compendiadas no livro em prosa *Democratic Vistas*.¹⁴ Neste poema ele chama a democracia de sua esposa, em francês – *ma femme* – e diz que conseguirá o entendimento entre os homens:

*By the love of comrades
By the manly love of comrades*

Péricles Eugênio da Silva Ramos assim traduziu estes versos:

*Com a afeição dos camaradas
Com a viril afeição dos camaradas.*

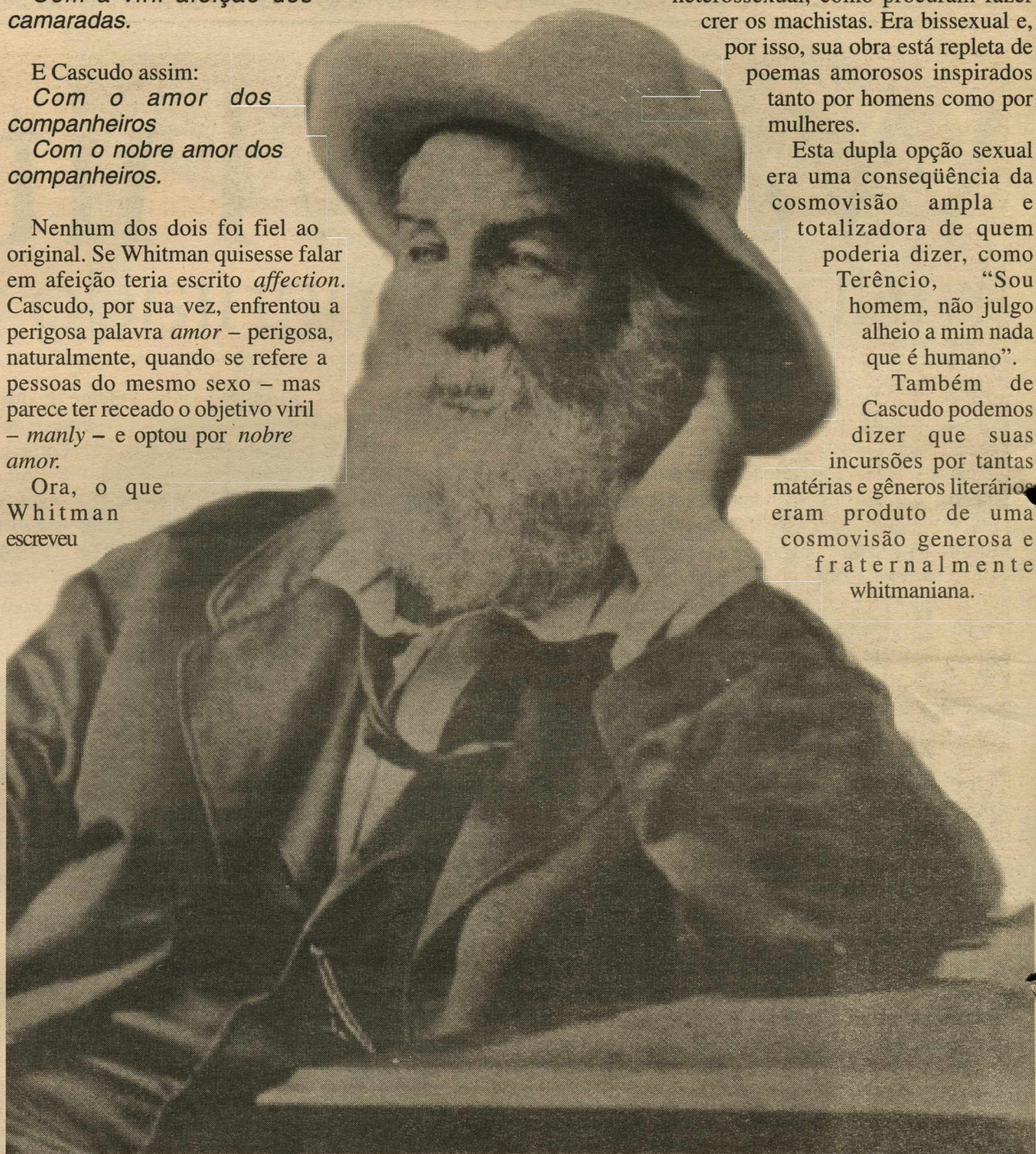
E Cascudo assim:
*Com o amor dos companheiros
Com o nobre amor dos companheiros.*

Nenhum dos dois foi fiel ao original. Se Whitman quisesse falar em afeição teria escrito *affection*. Cascudo, por sua vez, enfrentou a perigosa palavra *amor* – perigosa, naturalmente, quando se refere a pessoas do mesmo sexo – mas parece ter receado o objetivo viril – *manly* – e optou por *nobre amor*.

Ora, o que Whitman escreveu

foi exatamente o amor viril dos camaradas. Ele não tinha pejo de falar de amor entre homens porque era, ele próprio, marcado pela bissexualidade, isto é, atraído carnalmente pelos dois sexos. Não era apenas homossexual – como insistem em dizer os secretários do chamado *gay movement* –, nem exclusivamente heterossexual, como procuram fazer crer os machistas. Era bissexual e, por isso, sua obra está repleta de poemas amorosos inspirados tanto por homens como por mulheres.

Esta dupla opção sexual era uma consequência da cosmovisão ampla e totalizadora de quem poderia dizer, como Terêncio, “Sou homem, não julgo alheio a mim nada que é humano”. Também de Cascudo podemos dizer que suas incursões por tantas matérias e gêneros literários eram produto de uma cosmovisão generosa e fraternalmente whitmaniana.



Referências bibliográficas

1. CASCUDO, Luís da Câmara. *Montaigne e os índios brasileiros. “Des Cannibales”*. XXX (sic) dos “Ensaaios”. Tradução e notas”. *Cadernos da Hora Presente*. (São Paulo) 6: 8-50, janeiro, 1940.
2. KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Tradução e notas de Luís da Câmara Cascudo. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1942 (Brasiliense, v. 221).
3. LINS, Álvaro. *Jornal de crítica*. 3ª série. Rio de Janeiro; José Olympio, 1944, p. 254.
4. MILANO, Dante. *Três cantos do Inferno* [de Dante]. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1953. (*Os Cadernos de Cultura*, nº 55). Apud Ivan Junqueira, in T. S. Elliot. *Poesia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 47.
5. CASCUDO, Luís da Câmara. *Três Poemas de Walt Whitman*. Recife: Imprensa Oficial, 1957. (Coleção Concórdia).
6. BANDEIRA, Manuel. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958, v. II, p. 100.

7. LARBAUD, Valéry. *Sous l'invocation de saint Jérôme*. Paris: Gallimard, 1946.
8. CASCUDO, Luís da Câmara. *Três Poemas de Walt Whitman* (nº 5) p. 6.
9. WHITMAN, Walt. *Seleção de poemas* [...] Trad. De Péricles Eugênio da Silva Ramos. In: Babette Deustsch. *Walt Whitman*. São Paulo: Martins, 1965, p. 133-225.
10. CARVALHO, Ronald. *Brasil*. Em seu: *Toda a América*. Rio de Janeiro: Pimenta de Melo, 1926. Apud Manuel Bandeira. *Apresentação da Poesia Brasileira*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1946, p. 341.
11. CASCUDO, Luís da Câmara. *Três Poemas de Walt Whitman*. (nº 5) p. 9.
12. MARQUES, Oswaldino, ed. *Videntes e sonâmbulos: coletânea de poemas norte-americanos*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e da Cultura, Serviço de Documentação, 1955, p. 41.
13. WHITMAN, Walt. *Cantos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.
14. WHITMAN, Walt. *Democratic Vistas and other papers*. London: Walter Scott, 1888.

(Texto publicado originalmente pela Coleção Mossoroense, Série B, nº 1232, - 1993, sob o título “Whitman traduzido e comentado por Cascudo”, Edson Nery da Fonseca.)

“Câmara Cascudo é considerado um dos mestres do folclore e da etnografia no nordeste”

MEMÓRIA

“(...) cultivou uma paixão ilimitada pela vida até quando seus olhos viam menos que penumbras”

O Mestre do Folclore

Marcos Faerman

Os cem anos de
Câmara Cascudo,
estudioso das
tradições
brasileiras

A Natal antiga, onde nasceu o polígrafo Câmara Cascudo, se mantém viva nos casarões da Ribeira, com suas lembranças e imagens distantes

O folclorista e historiador potiguar Luís da Câmara Cascudo, que completaria cem anos em 30 de dezembro deste ano, escreveu 150 livros, 300 artigos, 1,5 mil cartas. Mas em Natal, cidade de sua paixão e obsessão, onde nasceu e morreu, em 1968, esse autor fascinado pela volúpia das palavras poderia ser considerado um personagem de Jorge Amado. Perpetrava frases com a mesma facilidade com que construía amizades extremadas, como aquela que compartilhou com o escritor, músico e pesquisador Mário de Andrade. Recebia em sua casa os maiores figurões da República, mas os tratava com a mesma simpatia dispensada aos amigos das ruas boêmias de Natal, inclusive algumas moças nem tão bem faladas pelos chiques e esnobes. Gostava de dar baforadas no melhor charuto e olhar as crianças brincando na brisa doce de sua cidade, deitado na rede, parindo, quem sabe, algum novo livro. E para o viajante ou amigo mais impressionável diria, com a voz entoada: “Não se assombre. Em Natal, eu sou o único pecador profissional. Os outros são amadores”.

Cultivou uma paixão ilimitada pela vida até quando seus olhos viam menos que penumbras. Na velhice se distraía com uma TV em preto-e-branco, presente de seu querido amigo Assis Chateaubriand. Quando ainda podia ser ver, embora não pudesse ouvir, gostava de lutas de boxe, dos jogos do ABC e do Vasco e - acima de tudo - da Pantera Cor-de-Rosa. Ensimesmado, às vezes mergulhava em longos silêncios, que sua mulher, dona Dhalia, dizia que “não eram nada, não”: “Eram uma viagem de Câmara Cascudo a Câmara Cascudo”, definia.

Os retratos de sua juventude, traçados pela filha Ana Maria Cascudo Barreto, ou pelo primo Enélio Petrovitch, presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, esboçam aquarelas de um moço muito bonito, vestido no rigor da Paris do começo do século, arrancando suspiros de donzelas - moço lindo e rico, pelo menos em seu tempo de estudante, primeiro às voltas com a medicina, em Salvador, depois com o direito, em Recife.

“Na juventude”, lembra a filha Ana Maria, “mamãe me disse que ele usava polainas, plastrom... Era o rapaz mais bem-vestido de Natal, o único a ter um Chevrolet naquela cidade de 30 mil habitantes. Tinha olhos maravilhosos, e as mulheres o adoravam... Puxa! Como ele dançava bem o *charleston*...”

Ele se interessou por escrever fazendo uma coluna no jornal de seu pai, “A Imprensa”, guardado com carinho no Instituto Histórico e Geográfico pela confraria de intelectuais que o amam e falam dele como se ainda pudesse cruzar, repentinamente, a porta do belo e austero sobrado da instituição, construído em 1902 por um governador para quem as coisas da cultura conservavam significado.

Trivial cotidiano

Luís da Câmara Cascudo é considerado um dos mestres da pesquisa do folclore e da etnografia no nordeste do país - mas essa história tem vôos humanos que passam bem ao largo da Academia, como ele sempre fez questão de dizer. Pelos anos 50, ele explicava que, no começo, não pensava exatamente no folclore... "O folclore é que se interessou por mim".

Em depoimento ao jornalista Pedro Bloch, publicado em 1956 na revista "Manchete", Cascudo narra os estímulos iniciais ao trabalho que o aproximaria de alguns dos expoentes da Semana de Arte Moderna de 1922, como Mário de Andrade. "Eu não achava graça no que se escrevia por aqui", declarou Cascudo. "Era tudo na base do 'alto gabarito'. Eu achava graça mais era no trivial cotidiano. Comecei a fazer rodapés, 'ronda da noite', acompanhava a cavalo a ronda policial e ia descrever o que via, pileques e prostitutas, brigas e trapanças. O escândalo maior era ser feito por um menino rico. Depois, vieram naturalmente coisas como a Festa dos Reis Magos. Tanta coisa que Mário de Andrade não podia compreender. Pensava que eu tinha sido levado à cultura popular pela erudição. Mentira! A cultura popular é que me levou a esta. Por esta sala já passaram Juscelino e Villa-Lobos, vários presidentes, mas aqui também vieram Jararaca e Ratinho..."

O jornalista Vicente Serejo, estudioso de Câmara Cascudo, diz - como a professora Vânia Gico, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e outros autores - que o encontro com Mário de Andrade foi um movimento decisivo na vida dessa inteligência que, nos anos 20, fazia suas "entradas e bandeiras" para redescobrir o Brasil. (Outro grande nome da cultura nordestina, o sociólogo Gilberto Freire, autor de *Casa-grande e senzala*, assumia também essa condição de "descobridor", ou, como disse, "um novo Cabral").

Mário de Andrade tomou contato com Cascudo por intermédio do poeta pernambucano Joaquim Inojosa, que lhe mandou o recorte de um artigo do folclorista. A partir de então iniciou-se a correspondência e amizade entre os dois. Mário viajou pelo interior de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, recuperando histórias e danças populares. Cascudo fará infinitas viagens por esses sertões, operando no universo brasileiro como "documentador, descobridor, recuperador e registrador dessa cultura", define Serejo.

Vânia, Serejo e Deífilo Gurgel - um dos maiores continuadores das pesquisas do folclorista - são unânimes quando falam do clima de camaradagem "cultural e humana" que vai permear o encontro denso de Mário e Cascudo - e que, em graus diversos, seria um estímulo a suas obras.

A instigante e carinhosa correspondência entre os dois, registrada em parte no livro *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*, vai de 1924 até perto dos anos 40, e é entremeada pela passagem de Mário de Andrade por Natal, mais precisamente pela casa de Câmara Cascudo, fato que se dá dezembro de 1928 a janeiro de 1929.

Em tal viagem, Mário descobre o Brasil das danças dramáticas, dos autos que o medievo nos legou, tendo como cicerone Câmara Cascudo. No prefácio da edição parisiense do *Turista aprendiz*, o francês Gilles Lapouge escreveria que esse é o momento em que os modernistas "assaltam seu país para revirar tradições, canções, lendas e os homens... e a dor... para decifrar seus silêncios e não para colecionar índios de comédia, fechas e plumas".

Para Serejo a gênese desse Câmara Cascudo

estudioso da cultura popular está na carta que Mário de Andrade lhe escreve em junho de 1937, instigando-o a mudar a direção de seu trabalho, até então "caracterizado por biografias de Solano López, conde D'Eu, coisas assim...", diz Serejo. Nessa dura carta - mas que deve ser entendida como um puxão de orelhas carinhoso, expresso em momentos como aquele em que Mário diz: "Minha convicção é que você vale muito mais que o que já produziu" - Mário critica o trabalho feito por Cascudo até então, que considera ter "dois erros": o desprezo da medida e a falta de paciência.

Mário atribui o primeiro "erro" basicamente à escolha de temas já bastante explorados ou desinteressantes. E o segundo, para Mário, estaria na falta de cuidado e rigor nas pesquisas etnográficas de Cascudo, que estaria desperdiçando a riquíssima matéria-prima para estudos que estava diante de seu nariz: "Você tem a riqueza folclórica aí passando na rua a qualquer hora", escreve Mário. "Você precisa um bocado mais descer dessa rede em que você passa o dia inteiro lendo até dormir. Não faça escritos ao vaivém da rede, faça escritos caídos das bocas e dos hábitos que você foi buscar na casa, na plantação, no cais, no boteco do povo", completa o escritor paulista.

Identidade nacional

A falta de rigor, aliás, é uma crítica constante dos que não consideram Câmara Cascudo um verdadeiro cientista. Mas, para Vânia Gico, prender-se a esse ponto é um erro essencial dos seus críticos. "No começo do século", diz ela, "havia uma preocupação com o registro documental do folclore brasileiro, como forma de preservar nossa identidade nacional. Era esse exatamente o interesse de Câmara Cascudo. Ele anotava a data dos acontecimentos, nascimentos, mortes, em cadernetas. Depois disso recorria à memória, à mente, às vezes só confirmava alguma data. Ele realmente não estava interessado no referencial teórico."

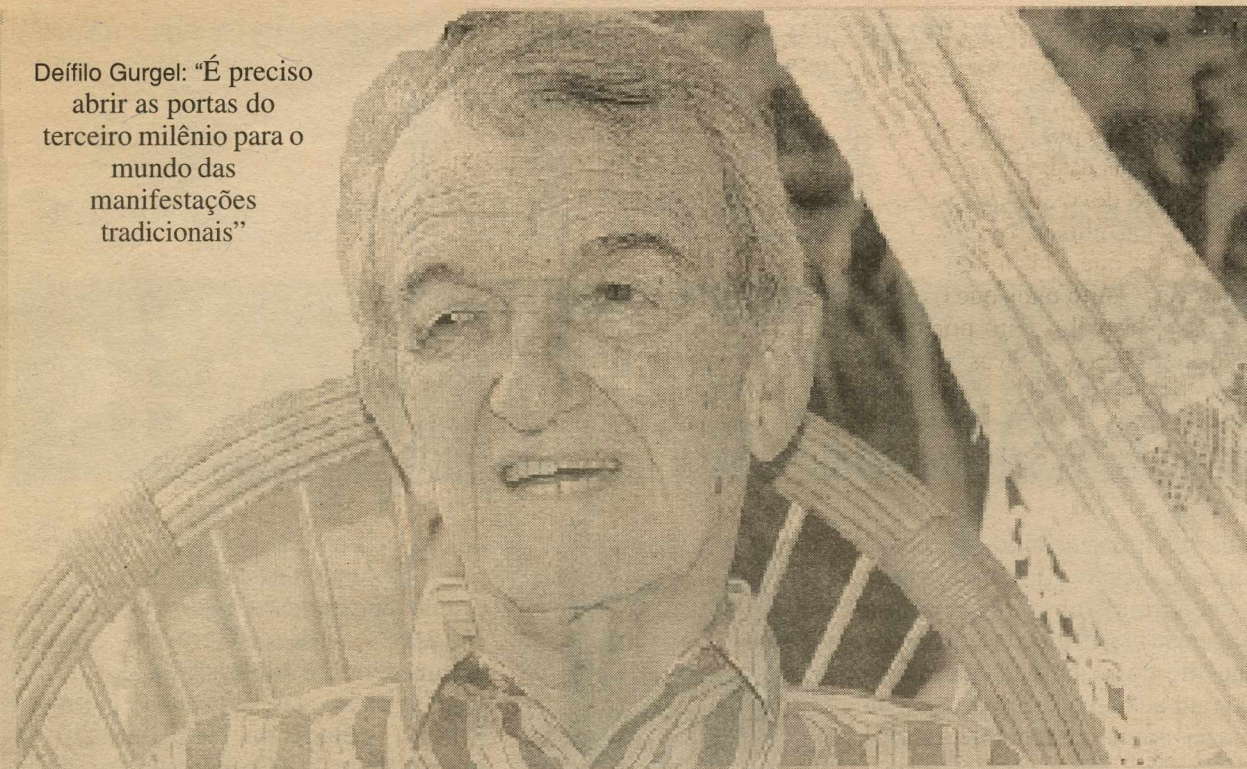
Vânia Gico também contesta a afirmação de que Câmara Cascudo só escreveu sobre folclore depois que conheceu Mário de Andrade. Segundo ela, já em 1921 o estudioso tinha escrito o artigo "O aboiador", no qual ele falava do mundo arcaico que resistia nas fazendas de gado do sertão. E a pesquisa da correspondência entre Mário e Cascudo, preservada no Instituto de Estudos Brasileiros, em São Paulo, atesta que o livro *Vaqueiros e cantadores*, embora tenha sido publicado em 1939, começou a ser escrito em 1921, observa Vânia.



As folias de rei foram uma das matérias-primas dos estudos de Câmara Cascudo sobre a cultura popular. Para Vicente Serejo (abaixo) o encontro com Mário de Andrade foi decisivo para esses estudos.



Deífilo Gurgel: "É preciso abrir as portas do terceiro milênio para o mundo das manifestações tradicionais"



Três Escritores

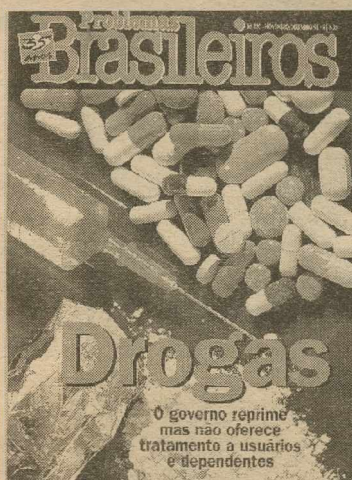
Para Vânia Gico, Vicente Serejo e outros estudiosos de Câmara Cascudo, o seu grande e singular mérito, no contexto da cultura brasileira, foi o de fazer um vasto trabalho de documentação de microrrealidades ao longo de décadas de ação. Um trabalho que resultou em vasta colaboração para a reflexão de muitos pensadores brasileiros.

Em seu mapa geral da obra do mestre de Natal, produzida entre 1918 e 1981, a professora Vânia Gico identifica três escritores: o folclorista, o memorialista e o historiador.

O homem da memória estava sempre voltado para a evocação de episódios da vida dos sertanejos, homens que viveram a saga do ermo, do céu pleno de estrelas, das cantorias de aboio e das danças, do sol sem dó, dos cavalos valentes, das lutas contra onças em grutas escuras, onde os olhos dos bichos brilhavam como tochas. E no fundo da saga o pai, coronel Francisco Cascudo, oficial do Batalhão de Segurança, caçador de cangaceiros, mais tarde comerciante bem-sucedido e depois empobrecido na cidade do Natal.

É nas páginas do jornal "A Imprensa" que começa sua incursão nas letras, numa seção chamada "Bric-à-Brac", onde voa de tema a tema e fala tanto de fofocas literárias européias quanto de assuntos locais, de escritores jovens que nunca tinham merecido um comentário, uma vírgula sequer nos periódicos locais.

Por sua vez, o Câmara Cascudo cultor do folclore está voltado para a tradição. Como diz Vânia, Cascudo "vai se preocupar em recolher contos e histórias que transcreverá mais do ponto de vista da literatura oral".



(Texto extraído da revista "Problemas Brasileiros", nº 330, novembro/dezembro 98)

Para definir as obras fundamentais de Câmara Cascudo, a estudiosa aponta os quatro livros que mais entusiasmavam o próprio autor: "Dicionário do folclore brasileiro", de 1954. Foram dez anos de pesquisa, e estava destinado, inicialmente, a ser uma enciclopédia da cultura brasileira. É uma obra saborosa, pelas tiradas e achados do autor, que para escrever seus verbetes contou com uma espécie de "rede de amigos estudiosos", de norte a sul do Brasil. "É um verdadeiro caleidoscópio de mil temas brasileiros", criticado por alguns por sua falta de "precisão científica". Os estudiosos dizem que ele odiava a idéia de pesquisas e textos cartesianos. E se recusava

até a apontar rigorosamente suas referências bibliográficas.

"História da alimentação no Brasil", em dois volumes, 1967. Foi elaborado com o apoio do jornalista Assis Chateaubriand, que bancou sua viagem a países da África, onde estudou as raízes de uma parte da culinária brasileira e a transformação desses pratos ao longo do tempo.

"Civilização e cultura", de 1973. Fornece informações e notas de etnografia geral, a partir de sua experiência enquanto professor e pesquisador. Direciona inicialmente seu trabalho, definindo palavras necessárias à análise dos aspectos por ele indicados, tais como sistemas de idéias, conhecimentos teóricos, organização social, religiosa e estética.

"História dos nossos gestos", também de 1973. Narra a história, o detalhe, a curiosidade e a evolução de 333 gestos comuns ao dia-a-dia do brasileiro. Ressalta o gesto como elemento essencial de nossa comunicabilidade não só como indivíduos mas como nação.

Vila do folclore

O mestre Deífilo Gurgel é presidente do Instituto do Folclore, no Rio Grande do Norte. Além de estudar e registrar há muitos anos as manifestações folclóricas em seu estado, ele participa ativamente dos eventos ligados a essas festas populares. Em sua deliciosa casa ainda se tomam sucos de frutas tropicais acompanhados de bolos de receitas tradicionais, que evocam, nesta Natal de 800 mil habitantes, a cidade antiga, pacata e pitoresca.

Mas Deífilo entende que os tempos não mataram o folclore do Rio Grande do Norte, embora tenham mudado algumas de suas tradições. Ele acredita que Mário de Andrade deixou um legado fantástico aos pesquisadores do futuro. Isso porque não se limitou, como outros estudiosos do próprio nordeste, caso de Gustavo Barroso ou Rodrigues de Carvalho, a documentar a letra mas também a música das canções folclóricas. Isso estimulou a sobrevivência de peças ameaçadas pela passagem do tempo. Mas para Deífilo é absurdo, a partir da valorização de Mário, desvalorizar Câmara Cascudo, que em 1939, aos 41 anos de idade, começou a escrever um sem-fim de obras sobre o folclore.

O presidente do Instituto do Folclore acha que é preciso abrir as portas do terceiro milênio para o mundo das manifestações tradicionais. Para tanto está procurando sensibilizar as autoridades do Rio Grande do Norte para seu projeto de construção de um centro cultural em forma de vila popular, com cerca de cem casas, onde se reuniriam rendeiras, ceramistas, benzedeiros, doceiras, violeiros, narradores e cantadores.

"No ano que vem", conclui Deífilo, "Salgueiro homenageará Natal, em seu desfile carnavalesco. Isso é muito bom, e a escola seguramente vai ter um auxílio para seu desfile do Rio Grande do Norte. Mas nem por isso podemos abandonar as tradições populares do nosso estado, ainda mais nos 400 anos de Natal e cem anos de Câmara Cascudo..."



Ana Maria Cascudo lembra que o pai "tinha olhos maravilhosos, e as mulheres o adoravam. "Puxa! como ele dançava bem o charleston"

“Câmara Cascudo foi importante para a manutenção de certas tradições essenciais do povo”

DOCUMENTO

“O *Calendário* lembra uma coisa que pouca gente conhece: o do Cascudo leitor de quadrinhos”

Câmara Cascudo em Goiás

José Luiz Bittencourt

Humanista abrangente - e esta abrangência não se limita por restrições temporais ou espaciais - Câmara Cascudo foi importante para a manutenção de certas tradições essenciais aos estudos e práticas do povo. Quem assinala esse traço de sua obra é o crítico literário e historiador Anchieta Fernandes, que elaborou o calendário cultural homenageando a memória do escritor potiguar, no ano do centenário do seu nascimento, pensando no duplo aspecto de sua personalidade literária. Esse objetivo foi o de focalizar o erudito, o amigo de ilustres cientistas e estudiosos da cultura, que tanto conhecia o “Lunário perpétuo”, como recebia e confraternizava em sua casa com violeiros, brincando de bois de reis e mulheres contadoras de estórias de trancoso.

O tablóide cultural “O Galo”, editado pela Fundação José Augusto, instituição que tem prestado assinalados serviços à expansão das atividades acadêmicas no Rio Grande do Norte, tem registrado, em colaborações de eméritos homens de letras, diferentes ângulos da individualidade de Câmara Cascudo. Recentemente publicou o depoimento de Anchieta Fernandes sob o selo Cascudo que, segundo ele, não é uma folhinha para se pôr displicentemente na parede e se jogar no lixo, após o dia 31 de dezembro de 1998.

É um documento cultural, para se guardar nas estantes da biblioteca de cada um que a receber, guardar junto aos livros, aos jornais, às revistas e papéis importantes.

O autor desse calendário faz questão de dizer que o mesmo é iluminado pelos textos cascudianos que são transcritos, todos testemunhos de sua cultura, de sua imensa obra de pesquisa, de elaboração literária, de revelações históricas, de fixações em tantas páginas de livros, jornais e correspondências do retrato antropológico e etnográfico do povo. Também é uma cartilha do tempo cultural norte-rio-grandense, por trazer textos literários selecionados, enriquecido com os desenhos de Emanuel Amaral e Gilvan Lira, lembrando um aspecto que pouca gente sabe: o do Cascudo visual, degustador de histórias em quadrinhos, do homem que, na sua infância, foi apaixonado pelos soldadinhos de chumbo e dos livros de figurinhas de Benjamin Rabier.

O médico e secretário-geral da Associação Cultural Bernardo Élis dos Povos do Cerrado, Getúlio Araújo, além de artista

plástico de fina sensibilidade, fala de Câmara Cascudo afirmando tratar-se de “uma legenda viva da inteligência brasileira, um dos poucos nomes de nossa cultura que nunca deixaram a chamada Província para vir fazer nome nos grandes centros tradicionais”. Ele é uma história: folclorista, poeta, historiador, etnógrafo, memorialista, enfim uma fonte inesgotável de inteligência e saber humano. São conceitos que, ditos com muita singeleza, traduzem a devota admiração pelo conterrâneo



ilustre, consagrado no mundo da cultura como dos maiores nomes do Brasil no campo da manifestação do pensamento.

Surge agora Getúlio Araújo enriquecendo a bibliografia do mestre nascido na rua das Virgens, no bairro da Ribeira, cidade do Natal, em 30 de dezembro de 1898 e falecido em 30 de julho de 1986, com um precioso e valioso livro, que intitulou de “A Presença de Câmara Cascudo em Goiás”. O escritor Adovaldo Fernandes Sampaio observa que se trata de um livro rico em informações de que participam potiguares e goianos, uma obra feita a várias mãos, como convém a um trabalho desta natureza, atingindo plenamente os fins a que se propõe. Seridoense que honra e dignifica a terra goiana, ele se fez regente de uma orquestra realmente afinada para pesquisar, reunir textos antológicos, fixar o perfil de quem, à luz do estudo, do talento, da perspicácia, da cultura e do amor ao Brasil soube construir um inavaliável patrimônio literário que as gerações de hoje e de amanhã têm o dever de conservar.

Ao lado de Beriani Ortencio, Paulo Nunes Batista, Ático Vilas-Boas da Mota, Alice Spíndola, Adovaldo Fernandes Sampaio, José Mendonça Teles e Diógenes da Cunha Lima, estou figurando no livro de Getúlio Araújo, numa página contando os meus encontros com o genial Câmara Cascudo em sua casa da Ribeira, onde vivia sob o amoroso carinho e a devoção conjugal de Dona Dália, sua amantíssima esposa. Graças e louvores, pois, a esse potiguar-goiano, que viu a luz do dia na fazenda Cauaçu (Acari-RN), que se casou aqui com Heloísa Helena Lobo, é pai de Frederico e Bruna, médico reumatologista, empresário, artista plástico e escritor. A capa do livro, com um certo tom de misticismo religioso, já é uma prova de sua respeitosa admiração por Goiás e de sua fidelidade às raízes nordestinas, que ele perpetua na lembrança ao mestre folclorista de fama internacional.

José Luiz Bittencourt é advogado e jornalista, e membro da Academia Goiana de Letras.

O escritor Getúlio Araújo, organizador do livro “A presença de Câmara Cascudo em Goiás”, é um seridoense que honra e dignifica a terra goiana”

“Luís da Câmara Cascudo? Homem que conhece o Brasil e, junto, o Rio Grande do Norte”

POLÍTICA

“(Cascudo) saberá honrar qualquer posição de mando, qualquer lugar de direção”.

O TAMPÃO

Afrânio Pires Lemos

Veicula-se a notícia do mandato-tampão. O período de 1961 a 1962 seria atravessado com um presidente eleito, indiretamente, pelo Congresso, ao contrário do projeto original de Capanema, visando uma eleição para o período complementar.

No fundo a intenção é a mesma. Provocar-se a coincidência dos mandatos, possibilitando eleições gerais em todo o Brasil seja para presidente, seja para vereador. Evitar-se-ia, do mesmo modo, as candidaturas de Jânio, Jango e Lott, que vêm soprando no ouvido de muita gente.

O homem escolhido seria aquele que arregimentasse as forças do centro. Falou-se num da oposição, falou-se no marechal Dutra, lembraram o próprio Gustavo Capanema, um dos fundadores do PSD mineiro e com vida pregressa voltada para a cultura e o progresso do país. Ultimamente já se cerram fileiras em torno do nome do atual presidente, preconizando-se que ao partido o majoritário a matéria só interessaria se e beneficiasse a Juscelino.

Lá para cima,

não nos interessa tanto a controvérsia. Nossa fé no Congresso descansa na suposição de que o eleito será um homem capaz.

Negócio certo. E nos Estados?

A tomar corpo, a idéia, nos Estados, as Assembléias deverão eleger um governador para preencher o claro até 62.

Aqui no Rio Grande do Norte, quem seria o escolhido? Por que não Luiz da Câmara Cascudo? Homem que conhece o Brasil e, junto, o Rio Grande do Norte

Câmara Cascudo é, hoje, um nome nacional.

Dono de cultura alicerçada, de tenacidade, de dedicação, Cascudo ainda não recebeu do Estado, que tanto lhe deve, parcela desta dívida. Professor, folclorista, escritor, conhecedor dos homens, visão ampla, descortinada. E a gente ainda fica lhe devendo o mandato de Deputado, que Getúlio lhe tirou ao criar o Estado Novo.

Vem provando, sistematicamente, que santo de casa faz milagres, precisa fazer milagres. Santo de casa, presta, tem valor.

Teimou em não arredar os pés da terra seca onde nasceu, e fácil seria supor a vitória, o lucro, as vantagens que disso adviria. Teimou em ficar, em fazer o que pode e o que sabe, dentro do polígono, dentro de Natal.

Saberá conduzir homens, conduzir problemas.

Saberá honrar qualquer posição de mando, qualquer lugar de direção.

Mas, sem alusões, aqui no Rio Grande do Norte, quem será o governador do mandato-tampão?

N.A. A crônica mereceu um recado do Comendador, via Vivi, agradecendo a lembrança de seu nome para a curul governamental, dizendo-se muito fora do arrebalde político, desde os citados dias que passou por ele. E que eu não inventasse outras, que seria pura bondade de um cronista. E da vida e do povo e das ordens só queria a paz de sua sala de trabalho, voltados para a vida, o povo e as ordens.

Em 23-08-98

Afrânio Pires Lemos é jornalista e escritor.

Labim/UFRN

Jesus Cristo no Sertão

Câmara Cascudo

Estávamos deitados no barro batido e duro da latada. Noite de luar, mas a lua enfurnava-se no algodão em rama das nuvens aglomeradas e densas. De longe em longe é que uma toalha de luz branca e tépida banhava de prata os torreões dos serrotes, salpicando de opala as árvores, e se ia insinuando em riscos e tracejos de platina, na água corrente dos arroios.

Logo depois do café, ficamos fumando grossos cigarões de palha de milho com fumo negro do Brejo. Contaram-me histórias de Jesus Cristo, quando andara pelas terras vermelhas do sertão.

Quando Deus andava no mundo, duma feita não tinha senão um pedaço de carne para a janta. São Pedro e Judas iam com o Senhor e concordaram no seguinte: quem tivesse o sonho mais bonito comeria a mesquinha ração.

Dormiram sem ceia. Pela manhã passaram a narrar o que tinham sonhado.

- Eu, disse Jesus Cristo, vi o Pai na sua glória. Rodeavam-no anjos, querubins e arcanjos, entoando hosanas e aleluias, ao som de harpas, saltérios e cítaras. Fiquei à sua direita, e vi passar a tristeza dos homens através das idades.

Eu segui o Mestre na sua ascensão - explica o divino chaveiro - o paraíso abriu aos meus olhos pecadores as suas portas luminosas. Senti, do fundo da minha humildade, a presença do Onipotente.

Eu - declara Judas, num fino sorriso de judeu matreiro, - vi o Senhor junto ao Todo-Poderoso, e vi Pedro ajoelhado. E como eles estavam no céu e não mais precisariam do mundo, tendo fome comi a carne.

Gustavo Barroso, no seu livro *Ao som da viola*, narra este mesmo conto, pondo em cena um padre, um estudante e um caboclo. No velho livro árabe *Nushetol Udeba*, a mesma narrativa está registrada como ocorrida entre um cristão, um maometano e um judeu. Idêntico episódio é tratado pelo judeu converso Pedro Afonso, em fins do século XI ou princípios do século XII, na sua *Disciplina Clericalis*; personagens - dois burgueses e um camponês. No século XVI, o italiano Giraldo Cintio, no seu *Eccatomiti*, o dá como tendo acontecido em Roma, ano de 1527, entre um filósofo, um astrólogo e um soldado. O caboclo, o judeu, o camponês, o soldado e Judas foram os vencedores. A tradição popular encarna ritualmente os vitoriosos do amor e da fortuna nos pobres, nos humildes, nos desprotegidos. Nisso está a suprema ironia e a suprema bondade do folclore.

Jesus Cristo, quando menino, brincava fazendo castelos de areia diante de casa. Era no Sábado, e passava um fariseu, no orgulho da sua túnica alvíssima de sacerdote.

- Por que trabalhas no dia em que o Senhor descansou e escolheu para sueto?

- Eu não trabalho - disse o jovem

nazareno - *crio*.

Arremessando para o ar as bolas de areia e barro, transformou-as em pombos, palpitantes de vida e força, que fremiram as asas na diafaneidade do dia sereno, e desapareceram no azul. Como este delicioso conto veio parar nos lábios dos sertanejos ingênuos? Qual a sua trajetória através das raças e dos tempos?

A gente do sertão considera o terceiro casamento como um castigo. Os comentários soem ser dolorosíssimos e implacáveis para o nubente. Em forma de lenda, corre uma sátira terrível.

Jesus pregava numa praça, quando a ele se chegou um amigo de nome Tiago, que disse:

- Mestre, vou casar. Venha partir do pão da amizade em minha mesa.

O mestre assistiu às bodas e é provável que tivesse repetido o milagre de Caná.

Meses depois voltou Tiago declarando:

- Rabi, morreu minha mulher e vou casar. Quero vossa presença entre os meus, como prenúncio de felicidade e de paz.

Jesus olhou-o bem e mandou que São Pedro o representasse.

Tempo depois chega Tiago, explicando:

- Jeová não quer que eu viva muito tempo com a minha escolhida. Morreu a mulher que eu amei e vou casar novamente. Convidou-o e retirou-se para os festejos.

- Então, Mestre - perguntou um apóstolo - as bodas de Tiago?

Nem vou, nem mando, respondeu Jesus Cristo, e continuou a pregar.

A época do fim do mundo está marcada para os sertanejos. Todas as previsões, desde Nostradamus até Madame de Thebes, não têm valor para aqueles que possuem a convicção do augúrio primevo, designando quase o dia do traspasse coletivo. Isso tudo porque esta lenda faz parte da vida do Redentor, esquecida na Bíblia e guardada fielmente na memória de gerações de fiéis.

No momento da ascensão Jesus se despede dos discípulos.

- Até quando, Senhor? - é a pergunta ansiada dos futuros oragos.

- Até mil e tantos anos - responde o Unigênito.

Felizmente, Maria Virgem e Mãe, apanhando uns caroços de milho, sacudiu-os ao vento, dizendo:

- E mais estes, meu filho.

Só assim, teremos que viver até o ano dois mil e tantos.

São estas as histórias de Jesus Cristo no sertão.

Reanimam e alentam a vitalidade da alma simples do vaqueiro e do cantador, estas lendas onde, numa ilusão de bondade, existe a doce esperança do paraíso.

(Texto de *Sertão de inverso* (Revista do Brasil, de 20.07.22), transcrito de O Potiguar, outubro/novembro 1998).





O artista multimídia Antônio Nóbrega e banda foi uma das atrações oferecidas pela Fundação José Augusto ao público natalense este ano

FJA: Parceria de quatro anos com a cultura

Tácito Costa

Retomada de projetos antigos que estavam paralisados, como o do jornal cultural "O Galo", e de novos como as oficinas de teatro no interior do estado, com o teatrólogo Amir Haddad, que culminavam em autos de natal, no fim do ano, lançamentos de livros, principalmente da "Coleção Biblioteca Potiguar", que reeditou obras importantes para a literatura norte-rio-grandense, como "Angicos", de Aluizio Alves, e "Velhos Costumes do Meu Sertão", de Juvenal Lamartine, concertos da Orquestra Sinfônica, no Teatro Alberto Maranhão, e populares, nos bairros, tendo como solistas Moraes Moreira e Sivuca, entre outros, foram algumas das ações desenvolvidas pela Fundação José Augusto nos últimos quatro anos.

Em parceria com a Funarte foram dadas oficinas

para fotógrafos e encenadas importantes peças de teatro, como "A solidão nos campos de algodão". Ainda na área de teatro foi realizado o "Circuito Nordeste de Teatro" e o Teatro Alberto Maranhão trouxe peças como "Um Bonde Chamado Desejo" e "Vau de Sarapalha", além de abrir espaço para as companhias locais. Também passaram pelo TAM artistas importantes, como Bibi Ferreira, Paulo Autran e Mário Lago.

Um trabalho de resgate de parte da memória cultural do Estado foi feito ainda no primeiro ano da gestão do presidente Woden Madruga, que foi a restauração do Gabinete de Trabalho de Câmara Cascudo, na casa onde morou, tendo sido recuperados cerca de 500 autógrafos de personalidades que visitaram o mestre.

As artes visuais foram prestigiadas com o Salão de Humor - Prêmio Henfil e o Salão de Artes Visuais -

Prêmio Newton Navarro. Na música, o Projeto Seis e Meia se transformou na grande vitrine para os artistas locais e de fora, trazendo grandes nomes da MPB para Natal e Mossoró. Através do Instituto Waldemar de Almeida, foram promovidos cursos, oficinas e o 1º Seminário Internacional de Música.

A cultura popular, uma das prioridades do presidente Woden Madruga, recebeu atenção especial, com as semanas de cultura popular, edição de cordéis (Projeto Chico Traira), gravações de CDs (violeiros e romaneiras). As bandas de músicas do interior passaram a contar com apoio, através de cursos, oficinas, doação de instrumentos, tanto no interior quanto em Natal.

A arte também chegou até o local de trabalho dos industriários, através de convênio com o Sesi. Pelas fábricas passaram desde a Orquestra Sinfônica até o mamulengueiro Chico Daniel.

Cascudo inspirou 98

Luís da Câmara Cascudo, que está sendo homenageado este ano pela passagem dos seus cem anos de nascimento, foi a maior referência que a Fundação José Augusto teve em 98, para elaborar sua programação cultural. O mestre esteve presente em boa parte dos eventos realizados pela instituição este ano.

Apesar das dificuldades, já notórias, de se fazer cultura no país, a Fundação José Augusto chega ao final do ano, com um saldo bastante positivo, tendo realizado obras importantes em praticamente todas as áreas culturais.

Em artes plásticas, criou a Pinacoteca Estadual, instalada no Palácio Potengi. A arte do povo ganhou o seu Museu de Cultura Popular, que funciona em prédio restaurado da rua Chile. Além do Museu, está funcionando no local a Escola de Danças do Teatro Alberto Maranhão e o Centro de Documentação da Fundação José Augusto.

Ainda em cultura popular, foi realizada a 4ª Semana

de Cultura Popular, que homenageou Câmara Cascudo, e reuniu mais de 200 artistas potiguares e teve participação especial de Hermeto Paschoal, Gereba, Banda de Pífanos de Caruaru, Banda de Maracatu e Banda Cascabulho.

Dentro da política de priorizar a cultura popular, foram gravados dois CDs, um reunindo os mais importantes violeiros do Estado e outro com as "romanceiras".

O ano de 98 marcou a consolidação do projeto de apoio as bandas de músicas. Foram realizados diversos cursos e apresentações, tanto em Natal quanto em cidades do interior. Em parceria com o Sesi, a arte popular e erudita foi levada às indústrias em Natal e Mossoró.

Pelo quarto ano consecutivo, passaram pelo palco do Teatro Alberto Maranhão as maiores expressões musicais do país, dentro do Projeto Seis e Meia.



O escritor Gildson Oliveira lança em Natal neste dia 29, no Palácio da Cultural, seu livro sobre Câmara Cascudo

No campo literário, o Galo prestou homenagem a Cascudo, em todas as edições deste ano e foram editadas as obras completas de Newton Navarro e o primeiro livro de Câmara Cascudo "Alma Patrícia".

O processo de ampliação e informatização da Biblioteca Pública Câmara Cascudo foi iniciado e as obras de restauração do casarão da Avenida Junqueira Aires (vizinho ao Solar Bela Vista), foram concluídas. O Forte dos Reis Magos recebeu nova iluminação.

A Fundação também apoiou a realização de espetáculo, no Teatro Brincante, em São Paulo, tendo a frente o multiartista Antônio Nóbrega, que prestou homenagem a Câmara Cascudo.

E encerrando o ano, pela segunda vez consecutiva, foi montado o espetáculo "Um Presente de Natal", em frente ao

Palácio Potengi, em parceria com a Fundação Banco do Brasil. Agora, é esperar 1999.



O Presente de NATAL

Renard Perez

Marina abraçou-o, mostrou o embrulho, sorria - "são suas Festas".

Não o entregou logo. Examinava o quarto na penumbra - os móveis, o sofá-cama aberto -, um ar de curiosidade. Ele passou também a vista em torno, viu os sapatos e meias jogadas, as calças largadas sobre o espaldar da cadeira:

- Não repare, está horrível, eu estava dormindo...

A surpresa o encantava, mas se sentia um tanto confuso:

- Por que você não avisou?

Ela se desculpava, divertida com o embaraço - "Eu queria ser a primeira a lhe dar as Boas-Festas..." Mas o rapaz sentia constrangimento em expor-se em sua intimidade, a namorada nunca fora ali, e lhe vinha um mal-estar em se apresentar assim, num arremedo de pijama, o cabelo em desalinho. Como se o tivesse pegado em flagrante.

Ela própria quem agora desembulhava o presente. E ele aproveitou o momento para disfarçar melhor o desleixo do quarto, fechava o sofá-cama, guardava as roupas e lençóis no armário, nos cabides. Depois levantou a esteira e a luz lá de fora jorrou, ferindo-lhe a vista. O cômodo surgiu mais lamentável na claridade - mais deplorável ainda no contraste que formava com a figura da namorada - os cabelos castanhos, seu vestido de verão.

Quando se voltou, viu sobre a mesinha a árvore-de-natal. Sorriu. O Natal não tinha mais nenhuma importância para ele. Mas não pôde deixar de se enternecer com a lembrança da namorada.

Ficou olhando. Era uma arvorezinha de dois palmos, simples, de tipo tradicional. E ela parecia devolver-lhe algo, como que um passado perdido. Viu uma sala, vultos familiares em torno de um presépio, recortado de uma revista infantil. Experimentava uma espécie de turbção, qualquer coisa que lhe boiava internamente. Mas também sentia-se um tanto contrafeito - não tinha nada com que retribuir a



O GALO

Jornal Cultural

19

Ano X
nº 11

Dezembro

1998

lembrança, não tinha algo sequer a oferecer à visita, um refresco, um simples café... Se ao menos ela tivesse avisado. Nunca lhe passaria pela cabeça que teria um dia a namorada no próprio quarto, isso era algo de novo, de absolutamente inédito nas relações entre os dois.

Marina abriu os galhos do pinheirinho, iniciava-lhe agora a decoração. De uma caixa de papelão retirava bolas coloridas e fios prateados, e os ia pregando, cuidadosa, nas pequenas hastes horizontais. Não permitia que o rapaz a ajudasse, "não, deixe comigo", e ele ficou rondando por ali, olhando o trabalho, de pijama ainda, acabando por sentar-se, cigarro aceso na boca, à beira do sofá.

Acompanhava divertido a seriedade com que a moça se dedicava à tarefa. O busto inclinava-se, o corpo vinha e recuava na verificação dos efeitos, toda ela flexível. A arvorezinha ia-se enriquecendo, tornava-se bojuda, cintilante, trazia vida ao quarto desarranjado. Ela como que o ignorava, compenetrada no trabalho. Mas a agilidade dos movimentos, um frescor, parecia tecer no ambiente uma aura nova. Olhava-a. Gostava daquele corpo, que já abraçara tantas vezes, e no entanto conhecia tão pouco. Havia algo em Marina, um quê de pureza - não sabia definir exatamente - que o continha. Mas agora começava a perturbá-lo aquela presença ali, no próprio quarto, para onde já trouxera mulheres pela madrugada, depois de uma noite pelos cafés. E o traje sumário, e a presença do sofá ainda revolvido, davam-lhe ao mesmo tempo uma excitação. Como se alguma coisa nela, de repente, estivesse perdendo a validade, o moço se tivesse tornado menos inalcançável na intimidade do cômodo, os seus próprios móveis a envolvessem na mesma atmosfera particular. Um desejo de... Procurou desviar o pensamento. Havia, no motivo da visita da namorada, qualquer coisa de inocente que devia respeitar. E lhe veio um súbito escrúpulo de estar assim à vontade, um inesperado pudor.

- Eu vou mudar de roupa.

Ela se voltou, olhou-o. Depois passou a vista em torno - e ficou subitamente vermelha. Como se tivesse percebido a situação, o limitado do compartimento, a intimidade pela primeira vez, só agora reparasse onde estava, notasse o seu traje sumário - a fazenda do pijama a modelá-lo. Parou o trabalho, a atitude de embaraço.

- Eu fico de costas.

E dirigiu-se discretamente à janela, onde ficou, frente para a rua, a vista nas fachadas dos edifícios fronteiros.

O rapaz abriu a porta do guarda-roupa fazendo-a de biombo, mas lhe ocorreu que poderia ir vestir-se no banheiro lá fora. Tirou a blusa do pijama, apanhou a roupa nos cabides. Demorou uma eternidade para se aprontar.

O sabê-la ali, apenas os dois, separados unicamente pela folha de madeira aberta, seu reflexo no espelho - a tentação lhe voltava, insistente. E na janela a posição de Marina, sua timidez. Arrumava-se, lentamente, esperando não sabia bem o quê.

- Posso me virar?

Vontade de dizer que sim, e exhibir-se. O espelho devolvia-lhe a rigidez do peito, o vai-e-vem do abdome pela respiração, os músculos das coxas, as veias dos braços caídos. Marina à janela. O sofá-cama a três passos, as contrações no estômago, a arvorezinha, Marina à janela.

Súbito fechou a porta de golpe. E continuou ali, quase rente, a cabeça a meio inclinada, sem coragem de enfrentar a própria ousadia.

O silêncio, Marina que se voltou. Devagar, como se pressentisse. Mas bruscamente tornou à posição anterior - as mãos contra o parapeito. Então ele se adiantou, num passo demorado, acercou-se.

Ela não se desviou. Durante um momento nada disseram, nem se olharam. Apenas aquele aperto de ânsia, e amedrontado. Mas ele sentia, contra o seu, o corpo dela tremer.

O coração que batia. Até que de repente num movimento brusco - como se despertasse - ela se desprende, voltou-se rápida outra vez para a janela, cotovelos colados no corpo,

dedos na face - e ali ficou, imóvel, o olhar no prédio fronteiro. Ali, imóvel, um tempo sem fim.

A voz, num sussurro:

- Não venho mais aqui. Nunca mais venho aqui.

Ele se chegou manso, encostou-se novamente.

- Por quê? - as mãos tocaram-lhe a cintura.

Uma dor fina pela espinha, o corpo que tremia. Como a própria voz.

- Me solte - ela sussurrou.

Mas ele a foi voltando para si, e ela mesma se deixou ir naquele movimento contra o peito dele. Por um momento viu-lhe os olhos semicerrados, a barba que lhe roçava lábios e queixo. Uma estranha sensação, queria libertar-se, não se obedecia. E olhava para os lados, aflita, via as roupas amontoadas, os livros jogados sobre a cômoda, a árvore de Natal, o sofá-cama - viu tudo aquilo além daquele abraço que a comandava.

Ele não era o mesmo - desconhecia-o, tão diferente do rapaz a que estava acostumada - parecia um animal. Também ela se sentia transformada, forças obscuras pareciam ter-lhe desabrochado de repente. Deixou-se conduzir, os olhos fechados, vencida por aquela sensação. Um clique metafísico, um ranger, devia estar-se abrindo o sofá, não sabia. Parece que fora fechada a janela, havia uma penumbra. Era como se estivesse enfeitiçada. Não queria, sabia que não queria, mas não reagia mais.

As mãos a escorregarem por seus cabelos, pelo corpo. Abandonava-se, o arfar profundo. Parecia-lhe que se afundava, que se esvaía. O teto amarelado, o bojo branco, alto de armários, os cabelos, os olhos dele. Fechava os seus. De repente uma opressão na garganta, no peito, começou a chorar, foi virando o rosto para o lado. Um choro sentido e áspero, que agora lhe revolia o estômago, num movimento intolerável:

- Eu estou fazendo uma coisa horrível.

- Mário...

- Hum...

O cheiro bom do colo de Marina, sua respiração compassada. Os olhos semicerrados. E a lassidão.

- Mário, será que todas as minhas amigas...

Ergueu-se num dos braços, o carinho das mãos deslizando:

- O que é que tem suas amigas?



O GALO

Jornal Cultural

20

Ano X

nº 11

Dezembro

1998 Labim/UFRN

O GALO

Jornal Cultural

21

Ano X

nº 11

Dezembro

1998



O estremecimento ao contato, o rosto desviado:

- Não, nada.

- Diga - ele insistiu, suave. E os dedos escorriam pelo ombro dela.

Finalmente ela se deixou abraçar, abriu um sorriso confundido, acolheu-se em seus peitos:

- Será que todas as minhas amigas... ficam assim... como a gente está agora?

Ele sentiu uma grande ternura diante daquela pergunta. Sentou-se ao seu lado, segurou-lhe as mãos. Sem jeito de olhá-lo, ela ficou a brincar com o anel, virando-o e revirando-o num movimento contínuo. Na parte de trás agora a pedrinha azul, somente o aro amarelo na frente do anular. As mãos pareciam menores entre as dele, rudes e ásperas:

- Agora nós somos casados...

Esperava ao lado enquanto a porta era cerrada. Ele sentia muito lá no fundo que havia nessa atitude de espera qualquer coisa de novo - assim como um limite transposto, e que algo de diferente principiava - algo que ignorava onde a ia levar.

Saíram para a rua, de braços enlaçados. Tinham algo em comum, que os ligava, um segredo só deles. O dia exibia um ar novo, a avenida decorada para a festa que chegaria ao apogeu no anoitecer. Um movimento nas calçadas, o formigamento nas lojas, o ar ativo da multidão - uma como excitação que pulsava num crescendo nos últimos dias e que de repente parecia explodir.

Árvores-de-natal brilhavam por trás das vitrinas. O rapaz lembrou-se da rua, pequenina, cintilante, a um canto da mesinha do quarto, entre livros e papéis desarrumados. Pensou na surpresa da visita, a sua inesperada manhã de núpcias. Invadiu-o uma euforia, vinha-lhe de repente uma necessidade de participar também do Natal - como não fazia há muito tempo - oferecer também um presente à namorada.

Eu preciso dar uma lembrança à minha irmã - disse, de repente - o que é que você sugere?

Ela não mostrou entender:

- Quanto você quer gastar?

Trazia tudo o que tinha no bolso, não chegava a setenta, precisa durar até o fim do mês. Poderia gastar um terço, no máximo a metade. A arvorezinha brilhando, sua grande manhã:

- Tenho sessenta... - e sentiu-se uma montanha.

Ela sugeriu uma carteira, um perfume, e foram seguindo olhando agora melhor as vitrinas, se atropelando com os passantes, moderaram o passo frente a um mostruário onde frascos delicados cintilavam, entre arranjos de Natal. Ele apontou o vidrinho facetado:

- Você gostaria deste?

Uma beleza, o vidrinho. Um nome requintado, idéia de ter ouvido referência àquela marca em alguma parte.

Eu gostaria - a voz no sorriso. - Penso que sua irmã vai gostar.

Nunca entrara numa casa daquele tipo, e se sentia um pouco desajeitado assim conduzido pela namorada, entre as vendedoras solícitas, o leve aroma no ambiente. Vencia-o o prazer da surpresa que ia fazer, quanto tempo

não dava nada a ninguém. Um

contentamento transbordava dele, intenso.

Singular é que não sentia que o presente que daria a Marina fosse precisamente de Natal - ou o era, a seu modo. Festejava, obscuramente, um natal particular, que surgia dignificado pelo outro, o Grande Natal. Confundiam-se as duas datas, ignorava a qual delas devia exatamente o prazer que experimentava. O importante era a satisfação que antecipava quando fizesse a entrega, e que desejava tão intensa quanto a que estava sentindo.

- Embrulho para presente? - a balconista indagava, amável.

Ele olhou para Marina e sorriu, meio confundido, ela também sorriu, de repente compreendendo. E ficou corada.

- Ela já sabe mesmo para quem é! - a vendedora sorria também.

Entregou o dinheiro na Caixa, recebeu o pacotezinho, passou-o com um sorriso às mãos de Marina. A felicidade afligia-o, dava-lhe à fisionomia o mesmo alegre ar de toda aquela gente que entrava e saía das lojas, carregando pacotes coloridos. Não pensou na falta que

aquele dinheiro ia fazer - que não teria coisa

nenhuma logo mais quando os amigos aparecessem, animados, já alegres, com um programa de noite. Nenhuma idéia de como viveria até o próximo pagamento. Mas isso, agora, não tinha a menor importância. E ganhou novamente a rua, enlaçado à namorada, contagiado pela luminosidade que habitava a manhã.

Renard Perez é contista e romancista norte-rio-grandense, e reside no Rio de Janeiro há muitos anos. Escreveu, entre outros livros, *Os Sinos*, *Trio* e *Creusa*, *Creusa*.

O GALO

Jornal Cultural

22

Ano X

nº 11

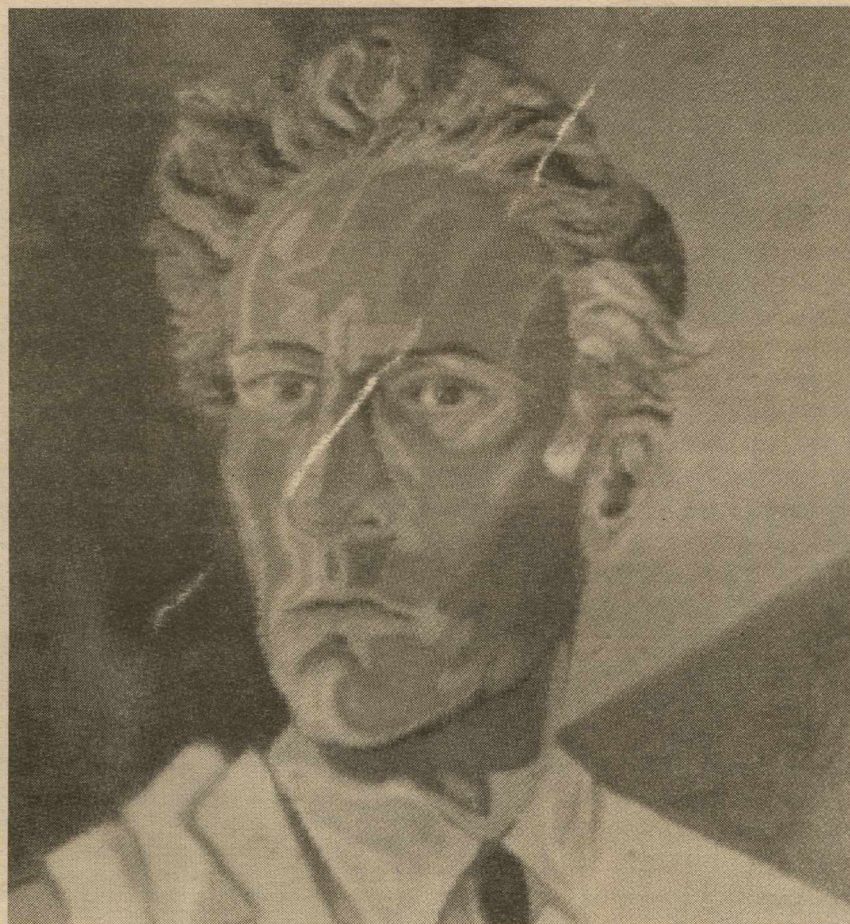
Dezembro

1998.

Labim/UFRN

Jean Cocteau e a Questão

Sob muitos aspectos, o cineasta e escritor francês Jean Cocteau (auto-retrato ao lado) foi um artista pós-moderno, multimídia. É a partir desta constatação que o multimídia pernambucano Delmo Montenegro tece sua teia de multi-recursos estilísticos, gráficos e simbólicos para desenvolver considerações sobre o mais multimídia dos multimeios que é o computador. Profetiza Montenegro que “o novo Cervantes Pensará com a Mente Lírica Diretamente Acoplada ao Ambiente Windows.” A partir daí, a imaginação voa livre em torno de questões ligadas diretamente à arte contemporânea, passando, por exemplo, pela música de John Cage, a performance de John



Lennon e Yoko One, etc. O cinema, outro multimeio, também suscita reflexões. Por exemplo, 1995 assistiu a um revival do cinema político através das seguintes obras: CYCLO de Tran Anh Hung TO VLEMMMA TOU ODYSSEA de Theo Angelopoulos UNDERGROUND de Emir Kusturica L'AMERICA de Gianni Amelio Que em si não são mais do que admiráveis paródias do estilo de De Sica, Bergman, Fellini e Visconti porém carregadas com a altíssima voltagem do sabor dos tempos que lhes confere o status de polaroids flagrantes do ANTES/DEPOIS do Dilúvio da derrocada das teorias clássicas do Mercado.

MULTIMEDIA

Delmo Montenegro

Nenhum estudo sobre o assunto (COMPLEMENTE A SEGUIR)
 será valido sem um leitura crítica da trajetória
 de um dos artistas mais polêmicos deste século.
JEAN COCTEAU (OCTOPUS COCTEAU)
 (sem data de ida - nem de volta) não sei o que dizer
 + quanto + me aprofundo na questão do que é ser um
 ARTISTA MULTIMÍDIA não penso - apenas happening -
 reflito Bayreuth: cometa Bayreuth (...) A ARTE?
 aqui estamos falando de ARTE INFLACIONADA e INFLACIONÁRIA
 para artistas pobres e perplexos: Bayreuth Contra Weimar.
 não penso - apenas pianíssimo - NÃO ME INTERESSA A LINGUAGEM
 apenas: O LIMITE/Daí Cocteau e o fascínio das vanguardas/
 VANGUARDA é AMOR.....Não procuro
 mais o sentido NÃO EXISTE MENSAGEM toda linguagem é comércio
 E Aqui Vai meu anúncio para os Ecos de Umberto Eco:
 NÃO TENHO PODER DE COMPRA DO OBJETO
 NÃO TENHO PODER DE COMPRA
 SOBRE A DECISÃO DA CONSTRUÇÃO DO OBJETO só posso transitar
 informação gerativa/explicar as leis que gerem o processo
 MacroEconômico/compreender o Silêncio de RIMbaud/(...)neste
 cálculo das junções entre ARTE e ORTE-variáveis/(...)existem
 35 dentes carentes na boca da Marginália. A Literatura
 é uma coisa estranha: a gente escreve + ela ã responde
 Sei q Oss Poetas são os únicOS Idiotas do MunnDo que AinDA
 AcreDitaM na GenerALizaÇãO dOs ProceSsos de ProDUção
 Mas Aviso Aos Navegantes: PIET MONDRIAN NÃO É ADOLF HITLER
 nem A ARTE MULTIMÍDIA obedece a esquemas totalizantes
 QUANdo tudo me pareceu Falta de \$\$\$ resolvi escrever \$\$\$\$\$

[illegible]

o que é uma solução muito boa (A MINHA TIA por sua VEZ cria uma CACHORRA chamada KiKA. KiKA me faz FELIZ) pensei que devia haver uma relação entre eu gostar de KiKA e eu gostar de COCTEAU + o fato de eu não saber escrever O PORTUGUÊS direito não AJuDOU. Aí fiz um poeminha:

na concepção da teoria algo HAVIA
uma crise ou um camundongo + ALGO haVia
não me lembro bem: deixa eu ver: NA CASA da TiTIA
KiKA deve saber: a cor do chocolate que EU ComiA
havia um gato ou impasse na CONCEPÇÃO da TeORIA
???

Meus amigos devem pensar que eu pirei POR AMOR

Agora só acredito no POP
Não faço música, faço POP
POp é o parnasianismo das Massas
Não confunda Arte POP com Pop
Mesmo que Artistas Pop se vendam como produtos POP
Tudo é Fashion
Tudo é Flash
E não há nada de novo sob o SOL
A MELHOR PERFORMANCE DO SÉCULO: Elvis Presley atirando
CONTRA AS TEVÊS
(...)QuANDo ESTou jogando RPG Na WEB
Eu Sou Udnie - An American Girl
Ouvindo o Disco-Manifesto FREE JAZZ (1960) de Ornette Coleman
Eu Curto Anarquia
E CREIO QUE O NOVO CERVANTES
Pensará com a Mente Lírica
Diretamente Acoplada ao Ambiente Windows

SEJA MARGINAL, SEJA HERÓI, PLAGEIE H.O.
 QUE PLAGEIA CABEÇA-DE-CAVALO QUE PLAGEIA JESUS CRISTO
 NO MUNDO REAL ajo como Humpty Dumpty
 e busco captar as Sonoridades de Kandinsky
Aja coMo EU compre OMO e seja FeLIZZz.....
 (Saiba que A EMBALAGEM DE OMO
 sofreu influências dos Tempos de Austeridade do NAZISMO)
 (...) meus amigos vêem algo de profético nas minhas memórias' (...)
 CILINDRO OBESO
 (A TORRE DAS CIRCUNSTÂNCIAS)
 ANGEL 18:57 EM SOLO DE NÃO-ARTE
 (COM LUZ DE SONO/CERÂMICA DE FANTASMAS)
 O EXPRESSO ESCARRA FLORES
 O CILINDRO VESTE MECANISMOS
 (POLIEDROS DE CONCHA a mãe dos verbos estelares)
 ANGEL 19:04 ADMIRA SUA NOVA CAPA DE PLÁSTICO)
 (um museu de unhas mortas CASA DOS PLATELMINTOS)
 PASSEIAM SOLDADOS AO PARQUE
 UM SUBMUNDO OUTRO NO OLHO SECO DA BORBOLETA
 (ANGEL 19:14 encontrou parafina PARA OS NOSSOS FILHOS)
 QUAIS SÃO OS FRUTOS TERRESTRES?
 CILINDRO OBESO
 PESA O SEU XADREZ NUMA BALANÇA DE EQUINÓCIOS:
 UM ANO VALEU A PENA? (Cristina e o seu tamanco de chamás/
 um pequeno aeromodelo /+ o pus da linguagem)
 ANGEL 19:24 DILUA TUDO E GUARDE O NOSSO SEGREDO
 (veja relações entre São TOMÁS DE AQUINO
 e a ARTE DA PROPAGANDA)
 (INSTALAÇÕES DE ARTE BIZARRA NA CALÇADA DOS TRÓPICOS)
 Influências de Bob Wilson, Meredith Monk e Laurie Anderson
 Ainda existe Cinema, mas só há um cineasta: Peter Greenaway
 CILINDRO OBESO NUM AQUÁRIO DADA
 — TODAS AS FLORES SÃO CRIAÇÕES DESEJADAS —
 ANGEL 19:47 O PÔS LÁ PARA A CONFECCÃO DOS VENTOS
 NÓRDICOS
 eu sempre quis ter um Burroughs de estimação
 LÁ EM CASA

O Colonialismo Eletrônico Exige:
 TUPAC UMARU FIELDS FOREVER
 (...) A ARTE CHICANA É CHIC/(...) A ARTE CHICANA Necessita de
 Chips/(...)
 de PERFORMERS Latino-AMERiCanoS
 que Invadam a Universidade de Paris e Proclamem:
 — O EXÉRCITO DE CHIAPAS DEFENDE A ARTE E A DEMOCRACIA
 GALÁTICA —
 Eu PROPONHO A DISSOLVÊNCIA da Teoria Dos ROBÔS UNIVERSAIS
 DE ROSSUM
 Eu Quero um HACKer em Cada Taba
 DisSEMiNANDO Materi/AL de PROPAGANDA
 da Frente de Libertação ZAPATISTA
 criando slogans/Mascando Coca/Interagindo e acionando O SEGUINTE
 MANTRA:
 The cadavre of Max Robur neon past like individual America
 The cadavre of Max Robur titanium architecture
 The cadavre of Max Robur babylonesque horror vacui
 Signal Heaven Scar Cinderellas
 Signal Heaven Popol Vuh
 CURSO RÁPIDO DE TREINAMENTO MILITAR: Aprendizado com
 Agentes do FLUXUS
 O Terceiro Mundo Requer um METAESQUEMA PARA TURNÊS POP
 ReVOLUTION/áriaS:
(COMEÇANDO EM NOVA IORQUE) Boa Noite (INSERIR
 APLAUSOS).....É Muito BOM
 EstAR Aqui em (INSERIR NOME DA CIDADE)
 Espero Que Vocês Gostem do Show (INSERIR
 APLAUSOS/INICIAR VIDEO-TAPE)...1,2,3,...(CHECAR SET LIST).....
 (Iniciar PRIMEIRA ESTROFE)
 GRANDMA SHELTER PUNK NOISED-EYE
 ABSOLUTELY LOVE SUCKS
 THOSE MOLOCH TRANSCRIPTIONS BY HELL-FIRE
 IN THE GRANDPA U-MATIC

ROSEBUD SEX MACHINE
 MINIMAL AZTECA HIGH-PERSON AUTHORITY
 AGAINST THE MOMA DELIGHTS
 MOVES THE MOJAVE DESERT ALIEN POLICE
 AGAINST THE FUGEES OF POP SCREAM
 (Fim da PRIMEIRA ESTROFE)
 Alerta Aos Estudantes Secundaristas Americanos:
 THE REVOLUTION WILL BE NOT TELEVISIONED
 (EXIBIR SEQUÊNCIA de I Love Lucy)
 (Realizar um Remake do HAPPENING de Joseph Beuys
 O SILÊNCIO DE MARCEL DUCHAMP é SOBRESTIMADO)
 (Iniciar SEGUNDA ESTROFE)
 RAYOGRAPH B-LIRIUM EXPOSÉ ON TATE'S
 THE SAMO WAY IS
 A SKY SAXON CADAVRE EXQUIS
 STAMPED IN THIS
 BOOTLEG SONIC BUNKER USA
 (Fim da SEGUNDA ESTROFE) (INICIAR DISTORÇÃO)
 Alerta Aos Estudantes Secundaristas Americanos:
 THE REVOLUTION WILL BE NOT TELEVISIONED
quando Ivan Sutherland CRIOU A PRIMEIRA
 Máscara de REALIDADE VIRTUAL
 Ela foi apelidada de
 SWORD OF DAMAKKLES
 Por deixar seu usuário permanentemente Preso a FIOS
 (Iniciar TERCEIRA ESTROFE)

DANTE'S BOAT RUNNING THROUGH
 THE FLUXUS MEDIAS
 SUCH AS A
 POST-MORTEM VIETNAM RELICARE
 WHILE WANT ADDS MY ROCK'N'ROLL PATHOS
 TO BUTTOCK FLIES
 PITBULL GAY MASSACRE
 AFTER PÈRE LA CHAISE PUNK MOSHIACH CLAIMS
 HIS BACK FROM LUBAVITCHERS
 WELCOME TO SHIT
 INDUSTRIAL SABOTAGE CIRCUS
 (Fim da TERCEIRA ESTROFE)
 (Iniciar REVOLUÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS)
 (Inserir o Número do MACAQUINHO QUE DANÇA)
 Alerta Aos Estudantes Secundaristas Americanos:
 THE REVOLUTION WILL BE NOT TELEVISIONED
 1995 assistiu a um revival do cinema político
 através das seguintes obras:
 CYCLO de Tran Anh Hung
 TO VLEMMMA TOU ODYSSEA de Theo Angelopoulos
 UNDERGROUND de Emir Kusturica
 L'AMERICA de Gianni Amelio
 Que em si não são mais do que admiráveis paródias
 do estilo de De Sica, Bergman, Fellini e Visconti
 porém carregadas com a altíssima voltagem do sabor dos tempos
 que lhes confere o status
 de polaroids flagrantes do ANTES/DEPOIS do Dilúvio
 da derrocada das teorias clássicas do Mercado/
 Ser Camp é o Ícone Máximo da Cultura Americana (...)
 HOJE EU QUEBREI O PORQUINHO COR-DE-ROSA
 QUE ME DEU O JEFF KOONS
 mictory action painting by samizdat vertovs
 pissing kool-acid koans
 under the ideogram-eye of your quickly aesthesis
 ESTOU INDIGNADO E ME PERGUNTO:
 SE UMA MULHER é mordida poR Uma VACA/ISTO é Uma
 FeRIDA ou um ExeRCíCio de METALINGUAGEM?
 (14)...(23)...JAZZ verSUS AppaRátChKi...(88)
 ...ZauM...(3)...yX...ka'm...(1)
 ...(555)...Are You NATaLIA GoncHArOva?
 ...(77)...(3)...(14)... CuBO AmaRELo...
 (1)...SIMULação de KANJI em preto
 (1)...SimuLAção de KANJI em RoSA
 ...METRópoLE... (20)

PaRIs

Encontro de Serguei Eisenstein e Jean Cocteau
1930O simultaneísmo da Web exige uma colagem gestáltica/
antecipada a 300 anos no filme LE SANG D'UN POÈTE

A GENIAL SACADA do empresário Cocteau
SuGANDO AO MÁXIMO o clima de experimentalismo dos Ballets SUEDOIS
VERDADEIRO ANTI-MAKE IT NEW com patrocínio do
Vicomte de Noailles VULGO visConde CaiXA DoIS
de Buñuel, Artaud e Man Ray
ISTO É INFORMAÇÃO PARA Vo4cê que nunca LEU Une SAISON EN
ENFER:

Que ã ASSistiu ao HAPPENING de Ferdinand Léger e George ANTHEIL
Intitulado LE BALLET MECHANIQUE (21/JAN/25)

sob a regência de Chester MacKee
nem nunca admitiu o fato de Cocteau

se aproveitar do ÊXITO do RemaKE que Ele e Darius MILHAUD
fizeram da pantomima de Jean Gaspar Debureau 1786-1846

LE BOEUF SUR LE TOIT 1920

para ganhar um dinheirinho em cima do nome dum Restaurante
NEM DOS MARAVILHOSOS VERSOS DE MAIÁKOVSKI PARA
PROPAGANDA SANITÁRIA

— Como são detestáveis os TeUS PUDORES para com o MaRKETING e a
POESia —

A SEGUNDA MELHOR PERFORMANCE DO SÉCULO: O Casamento de
John Lennon & YoKO ONO

inverteu os Signos:

POp X vanguarda/AmeriCa X Vietnam/Fã X ídolo

E nos deu a Melhor Tradução Intersemiótica do Século: A CAPA DO LP
TWO VIRGINS (1968)

Quê RetifiCA/ReAfirMA as posições do Happening Anterior
e ainda Evidencia aS ReLAÇõeS de FetiCHE/VoyeuRiSMO do Consumidor

Está na Hora de ESTUDAR O POp como se ESTUDA FILOSOFIA

Eu Quero um Rogério DupRAT em cada ESQUINA

& Alguém QUE GRITE: Foi ERIK SATIE Que começou com Toda Esta
SURDINA

NENHUM ATOR DO MUNDO Compreenderá meu Teatro
sem ter lido A PALAVRA COMO TAL (SloVo KaK TaKoVoie)\ e /(BuKvA
KaK takOVia) A LETRA COMO TAL de VeilÍMIR KHLÍEBNIKOV
e AleKSiei KRUTCHÔNÍKH (...)

\sem admitir/ quE pierre ALBERT-BIROT e ILYA MIKHAILoviCH
ZDANEviCH (VulGO ILIAZD)

são os grandes injustiçados deste século

\seM aCEitar/ A QUARTA dimensão nos moldes do matemático UspenSKI
A Dessincronização de SAM MAGRUDER

A DEFINIÇÃO DO MÚSICO ELETRÔNICO FLORIAN SchNEIDeR

de que o SintetizADOR é um instrUMENTO PsiCOLÓGico

\SsssemCompreender/A ARTE como um fenômeno

não-LINEAR\não-EuCLIDIANO\ e/Pós-DILUVIANO

passeando no meu Jardim Alquímico\ (...) Eu QuERO q VoCêeeEntENDA

Que A ARTE MULTIMÍDIA SE APROXIMA

MUITO MAIS DA TEORIA DE CAMPO UNITÁRIO de Albert Einstein

Da MÁQUINA DO TEMPO enquanto Ondulação no MAR DE DIRAC

Preconizando Talvez o fim das categorias de classificação Aristotélicas

(...) /JoHN LENNON é tido como o 23º avatar de LEWIS CARROLL\ (...)

o 22º foi certamente JuLIO CORTÁZAR

ENTRE Les Vêtements Antineutralistes e Os TRAJES DO ASTRONAUTA
PREFIRA sempre O CAMELô

A ESTÉTICA da BARRACA Do CAMELô É SEMPRE
REVOLUCIONÁRIA

A BARRACA do CAMELô é a contraproposta da Apollo XI

no séc. XX o mendigo foi the antennae of the race da moda

no MOMENTO só Vivienne Westwood e o cara da Benetton

estão ApttOS para CAPtArR

o Novo MichelâNGELO deste Fin-de-Siècle

subverter RIMBAUD\ARTAUD/VAN GOGH

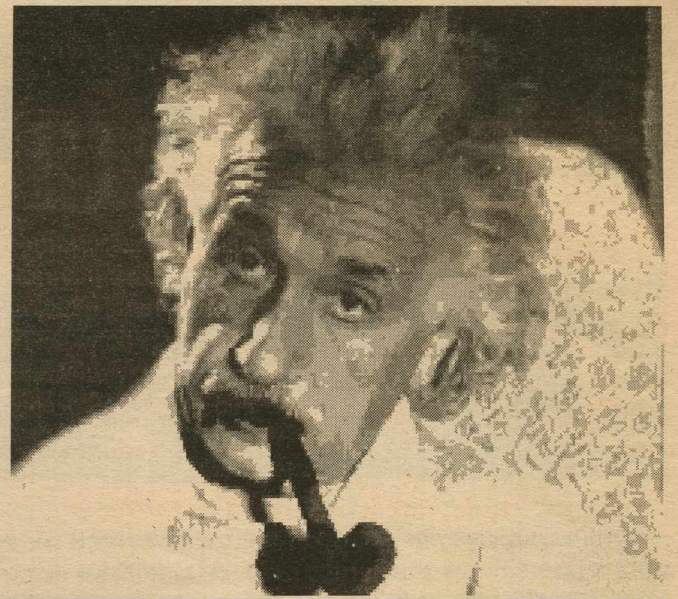
como a CHINA subverte o Comunismo

que O ARTISTA POBRE possa SimularSUAPRópria morte

.....e LucKrAR coM a inDústriA do SÓRDIDO

como bom capitalista/(...)....(....)O artista pobre/

Albert Einstein,
autor da Teoria de
Campo Unitário e
da Teoria da
Relatividade, que
ajudaram a forjar
as bases do
século XX



DEVe ESTAer Aptto paRA MANIPULAR
as Engrenagens do MÓrbido
e brinCAR no labirinto dq MÍDIA-Que-o-PaaRlu
TAMBÉM MORRE, QUEM ATIRA e É ViVO, quem publiCA PUBLICA
ANUNCIAR a própria MORTE TeM IMPLICAÇÕES LEGaIS
disse o meu editor EM Linhas gerais
EM JOGO

só o prestígio do artista, não os hartistas de PRESdigito

F FOR FAKE FOREVER

delmo MonteNEGRO TEM TUDO a ver com o BLACK MOUNTAIN
College

com Marcel Duchamp e John CAGE JOGANDO XAdreZ

Eu Gosto de Ghost-Writers porque Eles me Dão Arrepios/

E de Literatura de MASSA porQue sou um BOM SICILIANO

Allen Ginsberg 98 Highway Revisited by Andy Warhol

E PsicoGrafADO Pour MOI: (...)

Tia TV — hoje — tento a ti

com tua funda face e dorido siso sorriso e dor

do reumatismo — e um retinto alto rude salto

encaixe das tuas 33 polegadas

indo a passo coxo pelo paço de Newark a puxar carpete solto

e esbarrar no Sound System

daquele quarto

onde fazíamos La Discotheque

tocava de tudo em nome da ibérica causa legalista

entre altos berros quebradiços

nosso histórico comitê movido a LSD dançava sem pausa

nisso coxeavas em círculo a sala

à cata de auxílios —

Terembenzina, Valium, conteúdos estranhos

saídos do bolso

do cara moço de imensa calva

da Banda de Rock Abraham Lincoln

(...)

— teu fardo na face

fez-se choro de sexo em goro

(de cobrir soluços e osso ilíaco

sob os estofos do Terraço Osborne)

— no tempo de eu estar a talo nu em toaletes

e tu alisar meus circuitos e pôr calamina

contra tóxicas urtigas — na tenra

e pudica chouriça fiação noviça

o que supôs teu pensar sob o secreto pulsar dos satélites

ao achar em mim um Home-Theatre puramente digital —

e uma leiga donzela ainda em familiar sigilo aparada em pernas

indo ao urinol mirar-te — Museu de Newark

(...)

CONEXÃO ENCERRADA

It's the End of LiterAtuRE (As We KnoW IT)

E 4eu ASSino emBaiXo

no Post-Mortem dos Pós-Modernistas

Mossoró, a de chuteiras imortais

Jarbas Martins

Menino, no viço dos meus onze, doze anos, senti na alma a primeira investida do Ciúme, este monstro de olhos verdes. Eu achava que Dequinha, estrela mossoroense que brilhava no Flamengo, não podia, por direito, justiça ou o que quer que fosse, ofuscar o gênio de Ademir Marques de Menezes, o Ademir Queixada, ídolo do meu Vasco da Gama. E mais: Dequinha jamais poderia ter nascido e jogado em Mossoró, cidade longínqua e indiferente na minha geografia de ressentido.

Abecedista e vascaíno, angicano orgulhoso de residir em Natal, não sabia como me livrar do assédio do meu cornudo adversário. O Ciúme vinha sempre acompanhado de quatro terríveis atacantes: o Fanatismo, o Ódio, a Inveja e o Bairrismo.

Nas minhas férias escolares em Angicos, meus primos sertanejos, flamenguistas irrecuperáveis, tripudiavam como iconoclastas sobre a cruz de Malta do meu time. Ridicularizavam meu queridíssimo ABC F. C. e, de sobra, devotavam a Natal um profundo desdém. Como se fosse esta cidade o próprio túmulo do futebol. Que fazer? Brilhavam, em sua constelação infatilóide, três estrelas de incomensurável grandeza: o Flamengo, Dequinha e, por ser o berço do craque, e de outros craques, até então, por mim desconhecidos, a cidade de Mossoró.

Com um sentimento de vergonha e culpa, admiti, tempos depois, que o nome do grande centromédio flamenguista não estava apenas nos lábios irados dos meus primos. Estava também nos lábios das multidões. E no coro dos foliões que, no Brasil afora, entoavam fervorosas marchinhas carnavalescas. Rendi-me. Ou melhor, converti-me. Sem renegar de todo o meu passado. Até a fé inabalável, que tinha no futebol de Ademir, vacilou.

Deu-se isso ao mesmo tempo em que eu descobri a literatura e toda a mitologia municipal mossoroense: Dorian Jorge Freire, Jaime Hipólito Dantas, Vingt-Un Rosado. E, por que, não?, Tarcísio Gurgel - contista, professor e fundador da moderna crônica esportiva norte-rio-grandense.

É o próprio Tarcísio Gurgel que me garante: Dequinha era um jogador de rada ciência. Um matuto com a elegância intelectual de um *scholar* do começo do século. Combativo e disciplinado, fazia do peito um suave escudo, aparando a bola adversária em pleno ar. Apaziguando-a, domesticando-a, impondo-lhe doces servidões de amante.

Milton Pedrosa é um mito literário, que me foi revelado mais recentemente. Conheci-o pelas mãos amigas de

Helder Heronildes, que me tirou das trevas da ignorância. Emprestou-me alguns livros (ficção, crônicas, artigos) desse

notável escritor oestano, exilado no Rio de Janeiro, onde faleceu. Entre os livros, a antologia *Gol de letra*, com estudo introdutório sobre o futebol e sua influência na literatura brasileira. Complementando, Helder me traz um indispensável roteiro biobibliográfico, feito pelo historiador Raimundo Soares de Brito, sobre Pedrosa, acompanhado de juízos críticos de Paulo Rónai, Carlos Drummond de Andrade e outros monstros sagrados.

Um elogio, enfim, ou um poema épico, por seu estilo tedioso e grandiloquente, pode até ser dispensável; não certas passagens factuais iluminadoras que nutrem esses gêneros. Seja também assim com essa crônica, louvação tardia de um escriba angicano. Seja também assim com essa tentativa de evocar nomes perdidos, como os de Jaime Hipólito e Milton Pedrosa. E outros grandes nomes, igualmente condenados ao esquecimento, como os de Zeleão, Saruê, Jorginho, Tidão.

E, sobretudo, assim seja com a santa invocação dos nomes de Dequinha e do Flamengo, do qual, em incertos momentos, Dequinha foi um ídolo, um poster, um epitáfio.

E, finalmente, seja também assim com a cidade de Mossoró - longínqua, diferente, só - e sua mitologia futebolística e literária.

Jarbas¹ Martins é poeta e professor do Departamento de Comunicação Social da UFRN. Prepara um livro de crônicas sobre futebol.

Labim/UFRN

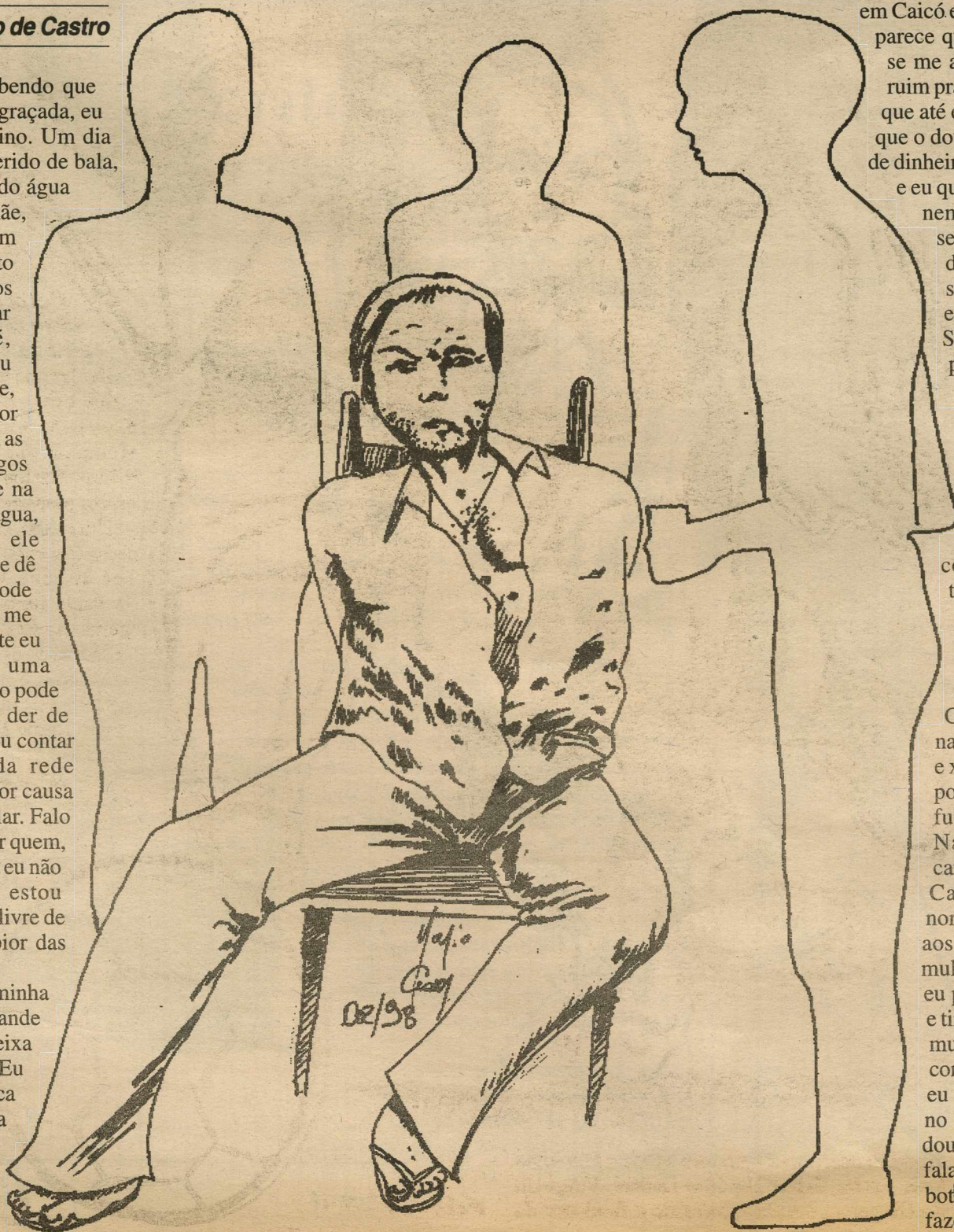


Uma sede dos cachorros

Nei Leandro de Castro

Me dê de beber. Fique sabendo que todo ferido tem uma sede desgraçada, eu aprendi isso quando era menino. Um dia meu pai chegou sangrando, ferido de bala, e passou a noite inteira pedindo água à minha mãe, minha santa mãe, veja como são as coisas, quem morreu primeiro foi ela, de tanto sofrimento calado, rezando os terços, pedindo pra Deus levar ela mais depressa. Pois é, ferimento de bala ou faca ou coisa parecida dá mesmo sede, não viu o próprio Nosso Senhor Jesus Cristo? Quando furaram as mãos dele com aqueles pregos muito grandes, e botaram ele na cruz, Jesus que é Jesus pediu água, e o meganha deu fel, mas ele morreu mesmo foi de sede. Me dê de beber ou me mate logo, pode me sangrar, me abrir no meio, me retalhar, porque medo da morte eu nunca tive. Quem abraça uma profissão que nem a minha não pode ter esses luxos. Mas se me der de beber e me deixar falar, eu vou contar muita coisa, sou cabra da rede rasgada, nunca abria a boca por causa da profissão, mas gosto de falar. Falo os tintins, quem mandou matar quem, digo tudo porque sei que dessa eu não escapo e olhe que eu não estou pedindo pra morrer. Deus me livre de ser frouxo um dia, antes a pior das mortes.

Obrigado. Se quer saber, minha predileção foi essa cidade grande que amofina os homens e deixa as mulheres mais safadas. Eu não queria morar no Rio, nunca quis, mas o doutor Carlos tinha medo de eu ser preso e dar com a língua nos dentes, dizer que foi ele quem mandou despachar dois lá



em Caicó e um em Serra Negra, e o doutor parece que estava adivinhando, porque se me agarram eu digo tudo, aí ia ser ruim pra ele, um homem rico e bondoso que até escrever livro escreve. Mas deu que o doutor Carlos encheu minha mala de dinheiro, me botou dentro de um avião e eu que sempre pensei que não tremia nem com assombração de mula-sem-cabeça quase morro de medo dentro do bicho que dava umas sacolejadas dos infernos quando entrava nas nuvens, Nossa Senhora do Amparo me proteja, prefiro enfrentar o mais cangaceiro dos homens e a mais venenosa das jararacas.

Me arrume aí mais uma caneca d'água. Uma prima caritô do doutor Carlos me arrumou no Rio um apartamento de dois quartos, com tudo de bom lá dentro, o tempo foi passando e eu comecei a achar que tinha nascido pra ser rico. Riqueza não chateia ninguém, só amolece o corpo e rói a coragem pelas beiras. Comecei a esquecer que tinha nascido numa cidade feita de pedra e xique-xique, que não desaparece porque o açude Itans não quer. E fui tratando depois de esquecer Natal, onde continuei minha carreira, cidade bem maior do que Caicó, mas também coisa nordestina sem futuro, não chega aos pés desse mundão de carros, mulheres e edifícios. O prédio onde eu passei a morar era no Flamengo e tinha até general do Exército, todo mundo gente fina, dando bom-dia com aquele jeito de falar chiado que eu não consigo imitar. E eu queto no meu canto, porque a prima do doutor Carlos me pediu que eu não falasse com seu ninguém, pra não botar tudo a perder. Sem nada pra fazer, terminei embiocando na

parenta do homem, dando-lhe uma surra de vara, e ela ficou maluca porque mulher feia quando recebe uns tratos não larga mais o pé do cristão. Só largou porque um dia eu amanheci de ovo virado e disse a ela que não queria mais nada e ela choramingou e eu peguei o revólver e disse se chorar leva bala. Como dizia um compadre meu, homem de muita sabença, mulher só é feia da cintura pra cima. Mas eu acabei enjoando de olhar aquela cara desgraçada logo de manhãzinha, quando a mulher carece de ser linda. O rabicho com ela teve suas vantagens: voltei a gostar de cinema, aprendi a comer feito gente e a beber o tal do uísque, bebida véia sem futuro, com gosto de leite de mamão, mas que eu findei gostando. Rico não gosta? Depois que larguei a prima do doutor Carlos passei a ver filme dia sim, outro também, parecia que eu era menino de novo e estava em Natal, vendo os filmes do Rex, do São Luís, do São Pedro e do Nordeste. O outro jeito de passar o tempo era azeitar o revólver de manhãzinha cedo,

religiosamente, pra não perder a amizade do meu ganhão. Levava horas naquilo, botando bala, tirando a bala, mirando contra o espelho, pena que não tivesse um vivente em quem atirar. Com Honório, um porteiro cearense de Sobral, eu descobri a Rua Alice. Ali foi a perdição mais bonita que eu tive, desmantelo pouco é besteira, barco perdido bem carregado, em poucos meses gastei com Kátia e Luci todo o dinheiro que o doutor Carlos tinha colocado na minha mão. Me dê uma agüinha aí, minha gente.

Posso falar mais? Consegui avisar ao doutor Carlos que o dinheiro tinha acabado e ele disse que tava arrumando um trabalhinho pra mim, mas no Rio mesmo, um sujeito ia participar de um congresso no Hotel Glória e precisava tomar um chá-de-sumiço. Me adiantou algum, mandou dizer que eu gastasse pouco, as coisas estavam difíceis. Quando o homem veio, eu me hospedei naquele hotel bonito demais da conta, estudei a situação, vi que ele era alegre, bebedor de uísque e animado com as mulheres. Taí, podia ser amigo meu, gosto de gente assim. Pastorei, pastorei, e numa madrugada, um frio da gota serena, ele voltou dirigindo embriagado, em marcha muito lenta, subiu na calçada da praça onde São Sebastião pode ser visto todo flechado. Eu, que já estava pensando em desistir do trabalho, me aproximei do carro e acertei dois tiros na cabeça dele. Quem tem de morrer de tiro não

morre de engasgo.

Sede cachorra da molesta. Se quiser matar, não se faça de rogado, mas não me mate de sede. Quantos homens eu já matei? Espere aí, não sou bom de conta, mas acho que foram uns dez. Três em Caicó, um em Serra Negra, dois em Catolé, quatro em Natal, quer dizer, uns onze. Depois eu continuei solto na buraqueira, torrando o dinheiro do doutor Carlos. E começando a desconfiar que a cidade podia me deixar mofino. Vi que a vontade de ser macho tava passando quando entrei numa briga lá na Rua Alice, saí apanhando, voltei no outro dia com o revólver pra acertar as contas e não matei ninguém. Se meu pai fosse vivo e soubesse dessa desfeita morria de desgosto. Me amofinei

por causa dessa cidade que parece uma puta, a mais bonita de todas. E sem a violência que se diz por aí, pois fique sabendo que em Caicó e Catolé do Rocha se mata muito mais gente. Só queria mesmo era saber se Caicó ou Catolé tivessem dez milhões de viventes, quantos seriam mortos por dia. Um estrupício.

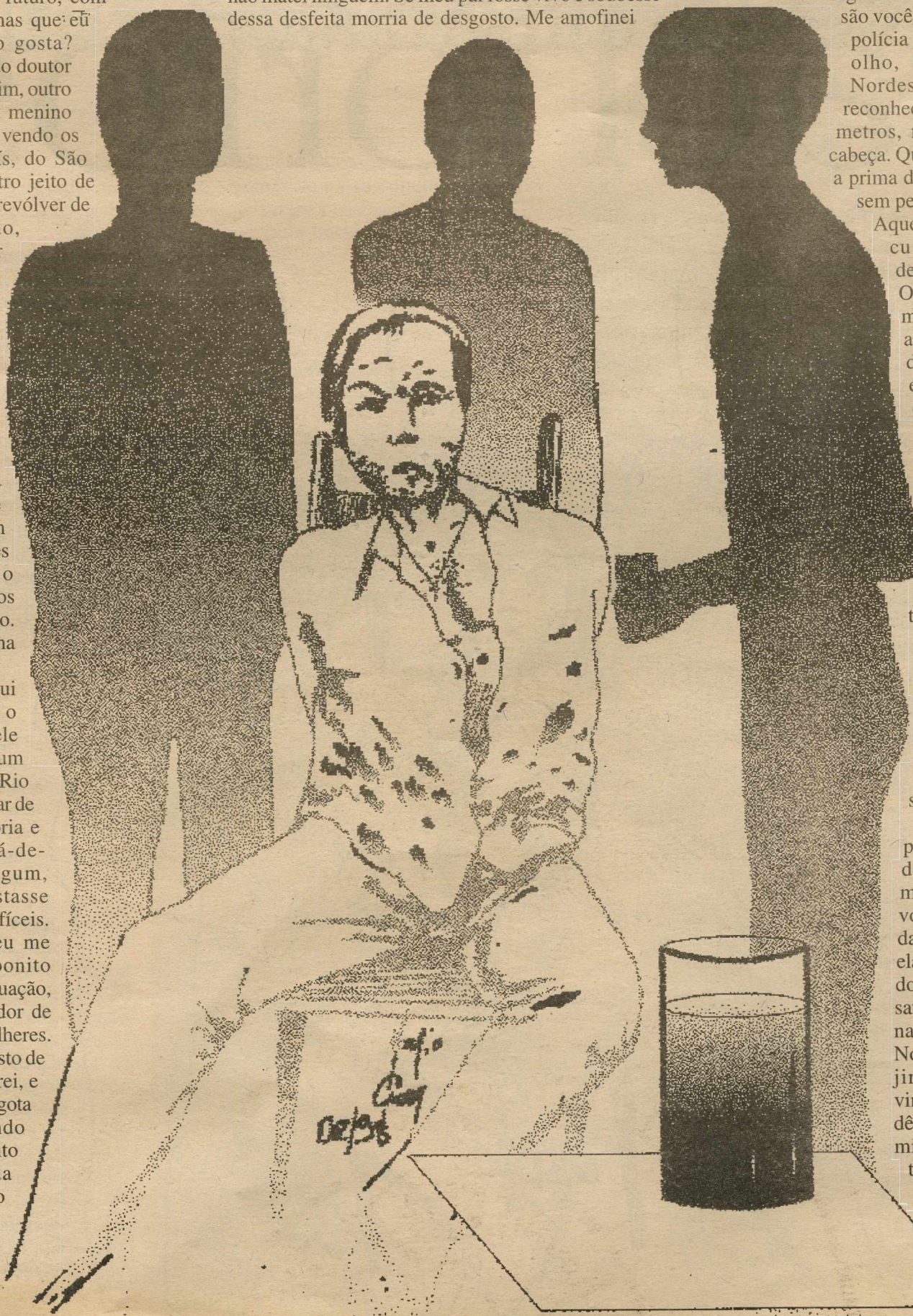
Pode deixar o sangue correr. Mulher sangra todo mês e não morre nem nada. Eu só quero é mais água. Meu pai passava a noite pedindo água, mas isso eu já contei, e tinha a minha mãe ali que não deixava faltar nada. Vocês, não. Só querem mesmo é saber o nome do próximo que eu ia matar. Vou dizer, pronto. Mas só

digo se vocês me disserem quem diabo são vocês. Polícia não é, eu conheço polícia pelo cheiro, pelo brilho do olho, pelo céu da boca. Do Nordeste, também não, porque reconheço conterrâneo a duzentos metros, no escuro, pelo jeitão da cabeça. Quem mandou me pegar? Foi a prima do doutor Carlos, a magrela sem peito que desmaiava na vara?

Aquela bruaca tem mais calo no cu do que tejuacu. Mulher despeitada é capaz de tudo. Ou foi mesmo o doutor, com medo que eu solte a língua, agora que ele é candidato a deputado? Se estou enganado, me dê mais uma caneca d'água e me deixe falar que eu vou longe. Se quiserem, eu conto todas as safadezas que eu fiz na cama com a prima do doutor. Não sou de me gabar não, mas eu fui um arretado. Às vezes eu pensava que fazia aquilo todo só para desmoralizar a família. Eu, um fuleiro de Caicó, naquelas carnes ricas, montado no lombo de família importante, boga e xibiu, viva o Brasil. E ela gostava tanto que chorava na vara, deixava fazer tudo, sem cavilação nem nada.

Sede dos cachorros. Meu pai não morreu de sede nem de bala. De sede quem morreu foi Jesus. Eu acho que vocês tão recebendo dinheiro daquela lacraia, tão comendo ela e vão ganhar o apartamento do Flamengo. Conto tudo: a safada gostava quando eu batia na cara dela de mão aberta. No que deixei de dar tabefe e jiribataia, ela procurou vingança. Se eu tou certo, me dê logo esse tiro, acabe com a minha sede de uma vez por todas, seus bangalafumengas. A melhor coisa que...

Nei Leandro de Castro é norte-rio-grandense de Caicó. Poeta e ficcionista.



A CONSTRUÇÃO DO AGIR

“Acabei achando sagrada a desordem de meu espírito.”

Arthur Rimbaud

Determinismo e liberdade na era moderna

Pablo Capistrano

O período que vai do fim da Idade Média até a revolução francesa, comumente denominado nos manuais de “Era Moderna”, veio proporcionar à civilização ocidental algo mais profundo do que conflitos religiosos, conturbações políticas e descobertas marítimas. A Era Moderna parece ter deixado como legado uma concepção peculiar de homem. Na ciência, na literatura, na religião e na especulação filosófica, o lugar do sujeito se tornou o olho do furacão moderno, o centro por onde o pensamento ocidental orbitou.

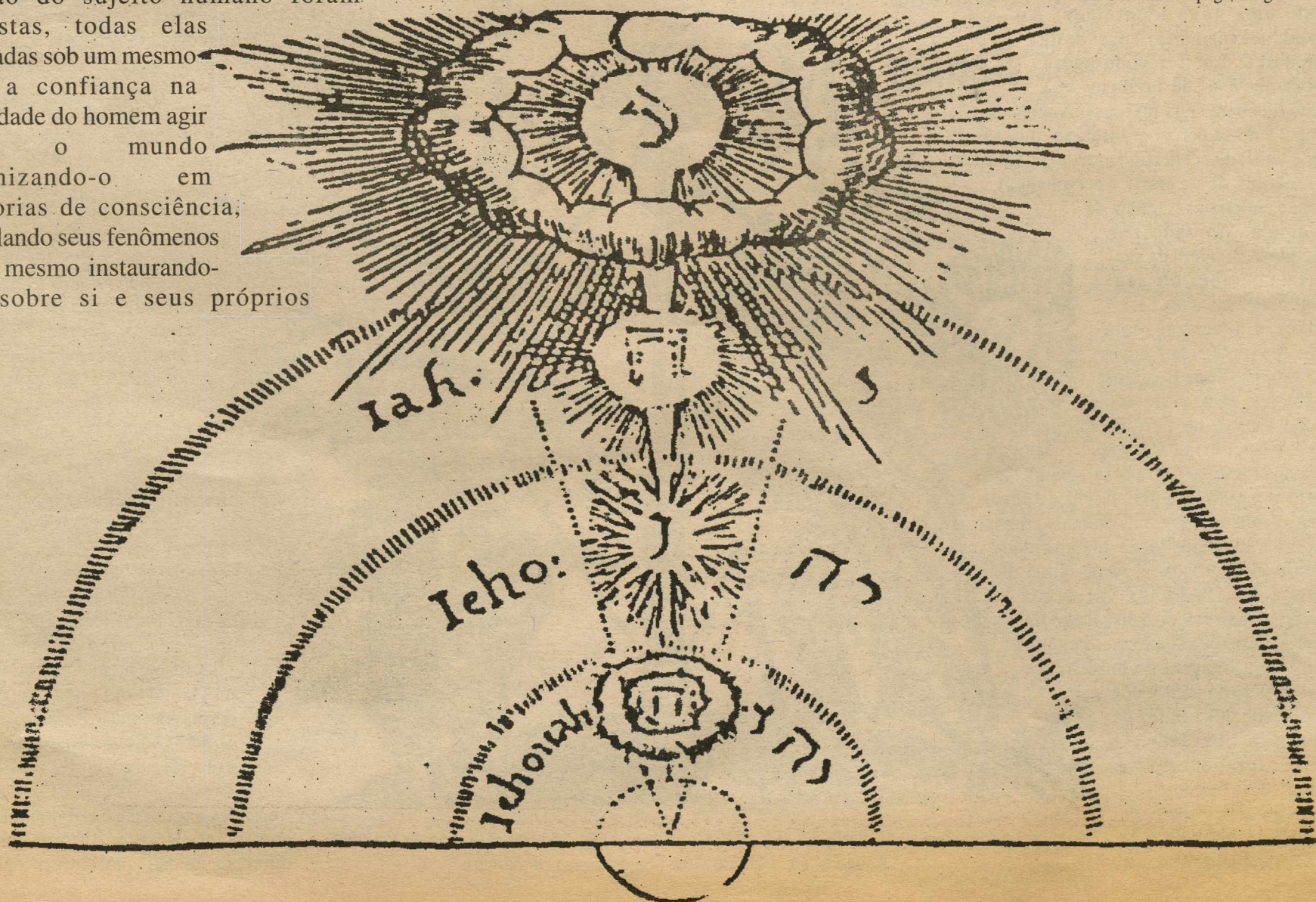
Do “Maravilhoso Camaleão Humano” descrito por Pico Della Mirandolla no Oratio até o “Eu Transcendental” da Doutrina da Ciência de Fichte, uma série de concepções acerca da dignidade, liberdade e posição do sujeito humano foram

propostas, todas elas assentadas sob um mesmo solo: a confiança na capacidade do homem agir sobre o mundo (organizando-o em categorias de consciência, controlando seus fenômenos ou até mesmo instaurando-o) e sobre si e seus próprios

pensamentos.

A predominância da ação na modernidade em contraposição à contemplação clássica parece ter como fio condutor o abandono gradativo da idéia de Deus e de sua ação infalível sobre o mundo. O problema central da Era Moderna parece ser o de definir a natureza e os limites da liberdade humana. Num mundo onde a presença de Deus vai gradativamente perdendo força parece de importância decisiva a redefinição de lugares e atributos. Se a angústia medieval era a de tentar justificar a posição de Deus dada pelas escrituras, a angústia moderna seria a de dar ao sujeito o seu devido lugar. Quando a mão de Deus se desloca no espaço do imaginário e o homem se vê deliciosa e terrivelmente livre, inicia a aventura moderna. Nada melhor do que começarmos a refletir acerca dessa aventura do que pelo espaço onde esses dramas estão não apenas ditos, mas mostrados: o palco.

Continua na página seguinte



A esfinge e o espectro

No ano de 1989 chegou as telas dos cinemas brasileiros um filme do diretor britânico Allan Parker (mais conhecido pela sua versão cinematográfica da ópera rock *The Wall* do grupo inglês Pink Floyd), chamado por essas praias tropicais de "Coração Satânico" (*Angel Heart* na versão original). O filme espanta não só pela atuação de Robert de Niro no papel do demônio Louis Cypher (Lúcifer para os íntimos) mas pela sofisticada e sombria trama psicológica. O aspecto de filme noir se mistura com referências a crenças religiosas e rituais de magia que servem de suporte a tragédia pessoal de *Angel Heart* (Personagem vivido pelo ator Michael Rourke ainda em ótima forma e arrancando suspiros do público feminino).

Angel é um detetive particular que trabalha numa conturbada New York do pós guerra. O filme começa quando ele recebe de um tal Cypher (ou Ciphier) a missão, devidamente remunerada, de procurar o paradeiro de um famoso cantor de Jazz que havia desaparecido durante a guerra e que tinha algum tipo de dívida a ser paga. Angel vai então entrando cada vez mais num mundo de rituais pagãos, pactos com entidades sobrenaturais e loucura. O desfecho da história é surpreendente. Angel procurava a si mesmo, ele era o tal cantor, que, antes da guerra havia feito um pacto com Lúcifer ou Louis Chypher (Robert De Niro), vendendo-lhe a alma em troca da fama. O personagem de Rourke tenta ludibriar Lúcifer, trocando de identidade num ritual escatológico de alta magia. Deixa de ser quem era, se esquece do seu passado e assume uma nova identidade. Ao recuperar sua memória, Angel desfaz seu disfarce. Lúcifer pode agora receber o que é seu de direito (a alma dos que recebem seus favores). A angústia de Angel é de se perceber limitado, incapaz de mudar o curso de um destino inevitável. Incapaz de se redefinir, de ser outro, o personagem de Rourke sintetiza a tragédia de um homem limitado por forças que estão além da sua própria vontade, do seu próprio poder de ação.

Talvez o ancestral mais remoto de *Angel Heart* seja o *Édipo Rei* (*Oedipus Basileus*) de Sófocles, escrito no século antes de Cristo, no período conhecido como "o século de Péricles". Apogeu e decadência foram a marca deste século. Após a morte do grande legislador e estadista ateniense em 429 a. c., as cidades gregas entraram num período de instabilidade política e insegurança. É neste clima de mudança que Sófocles vai viver e escrever a maioria de suas tragédias. *Édipo Rei* com toda sua força dramática constrói uma imagem de homem que busca sua própria identidade e se apercebe dos limites de sua própria liberdade. O sentido terapêutico e pedagógico da tragédia está na idéia de que a liberdade do homem é limitada pela ação das potências divinas.

O herói das tragédias gregas é, em geral, um transgressor da lei, que necessita purgar o seu crime e ser obrigado a reconhecer a sua limitação diante dos deuses e do poder coercitivo da comunidade.¹ A vontade do herói em direcionar seu próprio destino encontra resistência das potências divinas e sua purgação pública no palco do teatro dionisíaco se torna, desta feita, o caminho para o conhecimento de seu lugar e seus limites.

Geneticamente amaldiçoado, Édipo carrega o peso de um crime cometido por seu pai, Laio, que, ao abandonar Tebas e se refugiar em Élide, onde é acolhido pelo rei Pélope, afronta a honra do seu anfitrião mantendo uma relação ilícita com seu filho, Crisipo. O erro de Laio deve ser punido e a maldição de Pélope, que perde o filho (Crisipo se suicida sufocado pelo peso da desonra), recai sobre Édipo. O mito conta como Laio e Édipo tentam, cada um a sua maneira, fugir do destino que lhes é reservado e de como a fortuna os arrebatava em suas sutilezas e acaba triunfando sobre a vontade dos indivíduos. O mundo de Édipo é um mundo onde o humano tem um limite e um poder. O limite da vontade do homem é o limite da vontade e da honra dos deuses. O poder do homem é de contemplar e aceitar seus limites. Ao tentar mudar o destino predeterminado pela maldição de Pélope, Laio constrói uma série de circunstâncias que culminam no cumprimento da profecia. Ou seja o próprio agir acaba corroborando com os desígnios do destino. Estamos presos na gaiola do tempo e suas relações causais obedecem a uma lógica que não é a nossa.

Essa é a dolorosa percepção de Édipo que, ao desfazer o círculo de mentiras em que está inserido, acaba percebendo sua condição de peão no jogo de xadrez da fortuna. Ao receber a revelação de Tiresias ("Digo que tu és o assassino do homem cujo assassino

procuras"²) Édipo se vê como sendo o próprio homem que procurava, ou seja, o assassino de seu próprio pai. Acaba então, ao final da peça, por cegar-se. Não só pela a vergonha do crime cometido, o dever de estadista para com sua cidade que padece com a impureza de seu rei ou a dor de perder a identidade que durante tantos anos pensou ser sua. O ato dramático de vazar os próprios olhos e exilar-se como um mendigo do outro lado dos muros da Pólis (Deixar de ver o mundo e morrer como cidadão abandonando seus direitos políticos) reflete uma cruel e incisiva consciência das limitações das ações humanas. Os deuses punem com a fatalidade da vida os que, orgulhosamente, põe a suposta liberdade de ação na frente de suas regras. *Angel Heart* de Allan Parker e *Édipo Rei* de Sófocles padecem assim, juntos, no limbo da vontade destruída. Cientes de que por mais que se esforcem não conseguem fugir dos caprichos dos deuses que ousaram desafiar.

O antípoda destes dois heróis trágicos é um outro herói trágico.

Hamlet vem nos contar, com uma força dramática poucas vezes vista na história da literatura ocidental, a tragédia do homem moderno, tão radicalmente diversa da de Édipo mas identicamente cruel em suas sutilezas.

Não existe sombra de deuses no mundo de Hamlet.

O personagem Hamlet não é propriedade de Shakespeare. Aparece já no século XII das narrativas de Saxo Grammaticus e, posteriormente nas histórias trágicas de Belleforest. Porém das diversas versões da tragédia do príncipe Dinamarquês nenhuma atingiu o grau de maestria estética do autor nascido em Standford On Avon. O Hamlet de Shakespeare é um personagem riquíssimo, dotado de assustadora riqueza interior. Apesar de autores como August Schlegel e Goethe³ o terem visto como alguém extremamente frágil e incapaz de qualquer ação, paralisado

pela dúvida e pelo excesso de reflexão, pode-se entender Hamlet como o paradigma de um homem diferente dos modelos anteriores (Abundantes na idade média e na

antiguidade clássica) e cujo ponto distintivo mais evidente é a capacidade de agir e se definir. Se os Gregos pareciam ter uma verdadeira reverência às potências que dirigem a vida do homem,

Shakespeare nos dá um indivíduo livre, subordinado apenas a suas próprias dúvidas e tormentos interiores, oriundos de uma imensa necessidade de ação e de um intelecto poderoso, capaz de tanto elucidar, quanto de construir labirintos inexpugnáveis, imunes a qualquer "Fio de Ariadne".

Hamlet não é um homem paralisado pelo seu "excesso de reflexão". Na verdade, ao nos depararmos com sua tragédia, estamos nos deparando com um personagem que pensa na verdade, demasiado bem. A ponto de perceber o que ninguém percebe, que "Há algo de podre no reino da Dinamarca". A fascinante lucidez de Hamlet encobre na verdade um poderoso movimento de auto definição discursiva, estendida sob um solo de liberdade moral que constrói uma imagem de um homem em processo. No seu livro "Abaixo as Verdades Sagradas" o crítico literário norte-americano Harold Bloom aponta uma diferença fundamental entre o "tipo clássico" Labim/UFRN



A Fortaleza dos Reis Magos serviu de cárcere para o poeta Lourival Açucena em 1887/88. Reis Magos serviu de cárcere

e o modelo de homem hamletiano:

Em Homero, na Bíblia e em Dante, não nos são apresentadas transformações profundas em indivíduos particulares, desencadeadas pela própria linguagem destes indivíduos, por via das diferenças que a dicção e as tonalidades individuais criam à medida que o discurso engendra mais discurso.⁴

A construção do homem em Shakespeare parece estar centrada na "(...)representação da mudança ao mostrar os indivíduos ponderando sobre o próprio discurso e modificando-se mediante essa consideração."⁵

Essa lucidez de um homem indefinido que procura, sob a liberdade de suas ações e o poder de seu discurso, escolher-se, assusta o pensamento ocidental por mais de quatro séculos, a ponto de produzir especulações que tentam doar um certo grau de psicopatia ao personagem. Barbara Heliodora, estudiosa e tradutora de Shakespeare no Brasil é incisiva sobre esta questão:

Neste caso⁶, acho que existe uma grande vontade em complicar o que é simples. Há uma indicação do autor muito precisa, tanto para o espectador quanto para o leitor ou estudioso. Se você sabe que, de acordo com as convenções do teatro elizabetano, o verso é a fala do pensamento harmônico, e se todos os monólogos são em verso, mesmo quando todos o consideram louco, é porque ele sozinho sabe mais, e só fala em prosa quando deseja que os outros o vejam como tal.⁷

É essa lucidez cognitiva de Hamlet que, ao contrário de Édipo, sabe desde o início da peça toda a podridão que envolve o reinado do seu tio, o lança no dilema moral da ação. Mesmo a revelação dada pelo fantasma de seu pai não é aceita de imediato. Hamlet submete, cartesianamente, suas certezas à dúvida, age para ter comprovações e, ao ver revelado o crime do tio, reluta em efetivar sua vingança. Hamlet é um personagem indeciso, porque vive sobre a sina da liberdade. Pode ou não fazer, pode ou não ser o artífice da vingança de seu pai. É sua sede de saber, sua compulsão pela reflexão que o leva a desmascarar o véu de mentiras que encobre o seu reino. E é sua ação teatral (simulando a loucura) que o leva, como um verdadeiro emissário da morte, a limpar as impurezas da terra e purgar os crimes que, de um modo ou de outro, assolam o seu reino.

Quase vinte séculos separam essas duas peças. Mas não podemos encontrar, de maneira exata, um ponto de ruptura, na história do pensamento ocidental, que separem essas duas concepções de homem. O terreno para o homem moderno, ordenador do mundo, controlador dos fenômenos naturais e juiz de suas próprias ações, já pode ser antevisto, no atomismo materialista de Epicuro ou na concepção de mal neoplatônica de Santo Agostinho. O fato é que Shakespeare consegue, em versos, uma imagem extremamente característica dos dilemas do homem moderno, lançado, terrivelmente livre, num mundo sem legisladores divinos.

Humanismo e modernidade

O período que Shakespeare viveu e escreveu sua peças foi preenchido por uma relativa liberdade de expressão. O reinado da rainha Elisabeth I ficou

conhecido como um período de "renascimento tardio", em referência ao renascimento em Itália. A filosofia de Francis Bacon, as peças de Marlowe e o trabalho crítico de autores com Ben Johnson constituíram um cenário culturalmente rico, onde a relativa liberdade de pensamento e o florescimento de atividades artísticas e científicas permitia a construção de um personagem tão radicalmente moderno quanto o Hamlet de Shakespeare. Mas se o renascimento inglês encontra influência no seu homônimo italiano podemos encontrar, ao longo de dois ou três séculos a preparação do terreno para a construção dessa concepção shakespeariana, moderna e herética, de homem. Podemos encontrar no humanismo italiano dos séculos

XIV e XV um importante tronco de influência de onde partiram um sem número de problemas e concepções acerca da natureza e da dignidade do homem frente ao mundo e a influência do Altíssimo.

No século XV a Itália vivia um período de redescoberta cultural. A moda das escavações e da apreciação de antiguidades, o retorno a busca de um latim não vulgar, mais próximo das raízes romanas e a profusão de idéias republicanas (no modelo das do antiga cultura dos césares) refletiam um espírito saudosista. Numa Itália apagada politicamente no quadro internacional, fraturada em micro estados em guerra constante e submetida a influência política do papado e das potências estrangeiras parecia nascer



Hamlet estanca ao ver o fantasma do pai assassinado, e percebe que "há algo de podre no reino da Dinamarca"

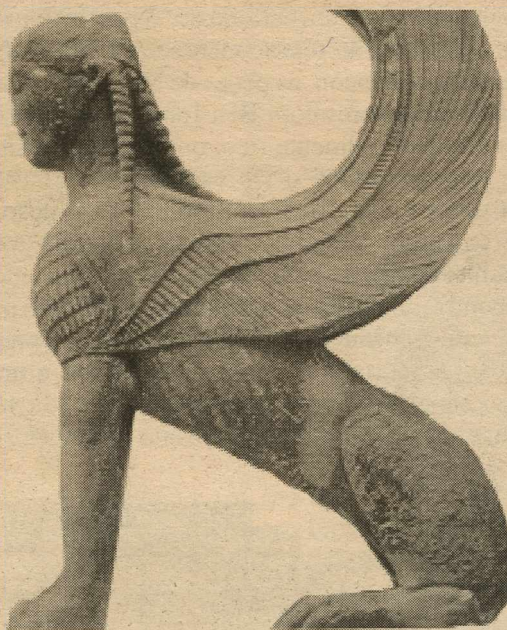
um clima de ressurgimento da cultura clássica. Um povo dominado e despido de seus brios passados parece sempre buscar algum tipo de resgate de uma cultura anterior e de um momento histórico de glória. O conceito romano de *Imitatio* presente numa tentativa de espelhamento da cultura Grega parecia servir como esteio da maioria dos pensadores da época. Boa parte dos pensadores italianos sobre influência da escola florentina, não podem ser entendidos de maneira nenhuma como isentos desse tipo de expectativa. Havia, de modo geral, uma tendência dos humanistas a acreditar que as religiões da antiguidade e o cristianismo concordavam e convergiam para uma mesma verdade. Uma mesma concepção de Deus e de homem. Essa concordância remete a uma idéia clássica de concordância entre Poesia, Religião e Filosofia. O pensamento filosófico, nestes termos, não seria utilizado apenas para demonstrar as verdades da Fé (como queria Aquino), mas fundamentalmente para pô-las de acordo com o pensamento dos filósofos e as outras tradições da antiguidade.

Talvez o mais importante texto do humanismo italiano seja um livretinho de Giovanni Pico Della Mirandola intitulado inicialmente de *Oratio* e posteriormente de *Oratio de hominis dignitate* (Discurso sobre a dignidade do homem), publicado em 1486 como uma espécie de apologia em defesa de suas noventa teses onde tece sua concepção da liberdade e da dignidade do homem no quadro da criação. Pico vai se escorar em dois conceitos básicos: uma concepção neoplatônica de criação e uma interpretação exegética da Bíblia encontrada num obra posterior intitulada *Heptaplus*.

No início do *Oratio* temos a voz do Altíssimo falando a Adão explicando-lhe a função e a dignidade do homem no quadro da criação:

"Ó Adão, não te demos nem um lugar determinado, nem um aspecto que te seja próprio, nem tarefa alguma específica, a fim de que obtenhas e possuas aquele lugar, aquele aspecto, aquela tarefa que tu seguramente desejares, tudo segundo o teu parecer e tua decisão. A natureza bem definida dos outros seres é refreada por leis por nós prescritas. Tu, pelo contrário, não constrangido por nenhuma limitação, determiná-la-as para ti, segundo o teu arbítrio, a cujo poder te entreguei. Coloquei-te no meio do mundo. Não te fizemos celeste nem terreno, mortal nem imortal, a fim de que tu, árbitro e soberano artífice de ti mesmo, te plasmasse e te informasse, na forma que tivesses seguramente escolhido. Poderás degenerar até os seres que são bestas, poderás renegar-te até às realidades superiores que são divinas, por decisão do teu ânimo"⁶

Se Pico tivesse escrito essa passagem 150 anos depois, dando a Deus essa recolhimento herético, teria provavelmente sido queimado. O tom ateuista do pensamento deste italiano morto aos 29 anos (cedo demais para desdobrar até as últimas conseqüências o pensamento original que inaugurou) fica latente nesta espécie de carta branca dada por Deus a Adão. A indefinição ontológica do homem, concebido como um ser que pode participar das diversas instâncias da criação sem ter uma natureza predeterminada, parece conter um auto grau de ateísmo. Deus se ausenta de predeterminar a essência do homem, deixando-o livre para definir-se e escolher-se. O Deus de Pico, guardada as devidas proporções, mantém consideráveis semelhanças com o Deus de Hamlet. Não parece querer intervir nas escolhas morais, nem definir ontologicamente seu animal racional. A beleza e dignidade do humanismo de Pico está na maleabilidade do humano. Adão recebe a faculdade de escolher e pode transitar, desde a esfera mais mundana a mais



A esfinge é um símbolo da perplexidade humana

celeste, da besta abissal, embebida em instinto, ao sumo contemplativo do reino dos anjos.

Mas como Pico poderia se defender das acusações de amoral, num mundo onde Deus ainda é o esteio ético das ações humanas? Afinal, em toda a história do ocidente a presença dos deuses nos assuntos humanos, como no caso das tragédias, servia antes de mais nada, como elemento regulador. Sem Deus quem ou o que obrigaria o homem a ser bom? O homem de Pico é moderno, no sentido de ter sua liberdade de escolha e ter, como atributo seu, o dever de assumir-se como paladino de seu próprio comportamento moral.

A saída que Pico encontra para o problema dos valores morais num mundo onde Deus faculta ao homem suas escolhas, se sustenta numa concepção neo platônica de criação. Pico herda de Plotino uma visão hierárquica da criação. Haveriam diversas esferas, ou mundos que se intercalariam reciprocamente. No topo da criação encontraríamos Deus, embebido em sua suprema perfeição e sua suprema imobilidade. Abaixo dele, o mundo angelical das esferas celestes, lugar dos Tronos, Anjos, Domínios e Potestades, diferenciado da perfeição divina por ter certo movimento circular, harmônico. Por último temos o mundo material das bestas e das feras com seu movimento excessivo e irregular.

Quanto mais longe de Deus e da sua imobilidade suprema, mais longe da perfeição. Quanto mais próximo do mundo da matéria com seu movimento irregular e instável, contraditório e caótico, mais próximo da imperfeição e do erro. O homem, por unir paradoxalmente matéria e espírito, por pertencer a todos os mundos, ou ter todos os mundos em si (*Microcosmos*), pode tanto voltar-se para Deus, tomando sua visão, e estabelecendo numa ascensão mística, o movimento que o religaria ao uno perfeito, quanto afundar no mundo instintivo dos prazeres e impulsos materiais. O homem não poderia esquecer que, se Deus é esse ponto culminante de onde tudo se emana, e é Deus perfeição e imobilidade, quanto mais distante dele, mais distante da perfeição e do bem. Deus seria o solo moral onde o homem deveria fincar seus pés e definir suas escolhas.

Toda criação que emana de Deus é degradação. O grau de perfeição é diretamente proporcional a participação na imobilidade e na perfeição de Deus. Daí a imagem de um mundo que se compõe em degradação. Onde a periferia (matéria) é mais fraca e tênue que o centro (espírito de Deus).

Deixando que Deus faculte a Adão sua liberdade

de escolha, Pico ajuda a construir a imagem de um homem distante do clássico escravo dos deuses, como os personagens de Homero ou das Tragédias, envolvidos em limites e regras cujo o poder de alterar não lhes é facultado. Bloom interpreta o herói homérico como um homem aprisionado e tendo de se embater constantemente com forças que parecem lhe escapar ao controle. Analisando o conceito de *Thymos*, uma espécie de voz interior ou de pulsão independente que empurra os personagens homéricos a atos involuntários, encontramos o canal para influência das potências divinas, não só nas circunstâncias que circundam os homens, mais nos seus próprios atos e desejos.

Um deus intervém, porque o herói homérico não pode perceber que sua própria alma ou mente é a fonte de seus poderes. Uma das sentenças de Snell que deve provocar grande angústia nos estudiosos de Homero contemporâneos nossos é esta, que faz mesmo de Aquiles algo diverso de uma figura trágica e, portanto, talvez algo menor que isso: 'Os atos mentais e espirituais devem-se ao impacto de fatores externos, e o homem é o alvo desprotegido de grande quantidade de forças que o invadem e penetram em seu próprio âmago.'⁹

Enxergando Pico, e seu fascinante camaleão humano, muito mais como um precursor, ou abre alas (para usar uma analogia carnavalesca) de Shakespeare do que como um continuador de Sófocles ou Homero. Encontramos um pensador que acaba por contradizer um dos mais importantes pressupostos humanistas, a saber, o que advoga um elo de identidade entre a cultura clássica e as imagens morais e humanas do homem moderno. O humanismo de Pico, assim como o de Shakespeare parece constituir, muito mais um novo nascimento do que alguma espécie de resgate da cultura clássica. O homem clássico, aprisionado por dentro e por fora pelo poder das potências divinas, tem na virada da era moderna, seu status abalado. Abandonado por Deus e condenado, na sua indefinição ontológica, à liberdade de construir suas próprias escolhas morais, o homem moderno se apresenta, tanto no *Oratio* de Pico quanto na tragédia de Shakespeare, como submetido ao *Pathos* de ser ou não ser, agir ou não agir dando a civilização do ocidente, como presente, uma nova doença, matéria prima de um outro tipo de tragédia.

BIBLIOGRAFIA

- SHAKESPEARE, William. HAMLET. Abril Cultural Coleção "Teatro Vivo": São Paulo, 1976.
SÓFOCLES. ÉDIPO REI. Abril Cultural Coleção "Teatro Vivo": São Paulo, 1976.
MIRANDOLA, Giovanni Pico Della. Discurso Sobre a Dignidade do Homem. Edições 70: Rio de Janeiro, 1989.
DRESDEN, S. Humanismo no Renascimento. Editorial Inova e Portugal Editora: Lisboa, 1968.
BLOOM, Harold. Abaixo as Verdades Sagradas. Companhia Das Letras: São Paulo, 1993.
HELIODORA, Barbara (Entrevistada por Rodrigo Lacerda). CULT: Revista Brasileira de Literatura 08 (Março de 1998): 8 - 13.

- ¹ SÓFOCLES. Édipo Rei. Pg
² SÓFOCLES. Édipo Rei. Pg
³ SHAKESPEARE, William. Hamlet. Pg XVIII
⁴ BLOOM, Harold. Abaixo as Verdades Sagradas Pg 69
⁵ BLOOM, Harold. Abaixo as Verdades Sagradas Pg 68
⁶ Em resposta a questão da loucura em Hamlet.
⁷ HELIODORA, Barbara. CULT: Revista Brasileira de Literatura 08 Pg 12
⁸ MIRANDOLA, Pico Della. Discurso Sobre a Dignidade Humana Pg 51
⁹ BLOOM, Harold. Abaixo as Verdades Sagradas Pg 47

PABLO CAPISTRANO é escritor e estudante do curso de Filosofia da UFRN Bolsista Cnpq/PBIC)

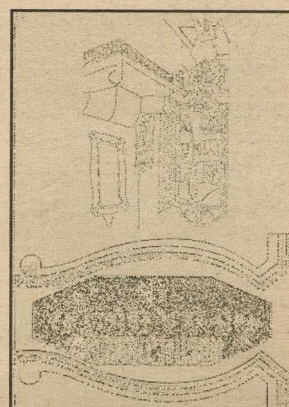
Os anos 40 de Rachel Jardim

Roberto da Silva

No início dos anos 70, uma jovem senhora mineira de 45 anos, advogada, funcionária pública, desquitada, mãe de um casal de adolescentes, angustiada pela constatação da precariedade das coisas, depois de assistir ao filme "O Jardim dos Finzi-Contini", de Vittorio De Sica, sentiu, repentinamente, a necessidade vital de passar para o papel as lembranças da década em que se formara, em Juiz de Fora e Guaratinguetá, dentro de uma sociedade reprimida e repressora. Escrevendo, fez sua cartase e passou a situar-se melhor em sua condição humana, pois, antes, apenas assistia à vida acontecer. Esse texto veio a público sob o título de *Os Anos 40* em um lançamento coletivo no Rio de Janeiro a que compareceram cerca de três mil pessoas na noite de 29 de novembro de 1973. Trata-se de um livro despretensioso - atente-se para as epígrafes tomadas de Proust e Drummond na abertura do volume - e conforme adverte a autora, a partir da 2ª ed.² "não foi escrito por uma mulher em plena maturidade. É a "fala" de uma mocinha da província nos anos 40. Assim deve ser entendido." Também em *Vazio Pleno* Rachel Jardim depõe sobre *Os anos 40*: "Eu fiz um livro simples, contando a minha história, igual a de tantas jovens da minha geração, falando em tios, avós e primos, como os que todo mundo tem. Transformei em literatura a vida de todo dia, a coragem e o heroísmo escondidos nos gestos cotidianos (...) na luta contra as neuroses atávicas, contra os preconceitos ancestrais, a luta, enfim, de sobreviver a pequenas e grandes opressões, cada semana, cada mês, cada ano, sem se deixar vencer. Essa coragem, desejo transmiti-la através de meus livros. Isso não significa que a qualidade deles seja desprezada. Mas quero pôr em tudo que escrevo uma "qualidade humana". Essa "qualidade humana" e muitos outros elementos relevantes da obra foram percebidos de imediato por críticos dos mais idôneos como Galeno de Freitas, Franklin de Oliveira, Antônio Carlos Villaça, Luiz Forjaz Trigueiros, Gilberto Freyre, Ivan Cavalcanti Proença, Jorge Medauar, Remy Gorga Filho, entre outros, que não hesitaram em classificar *Os anos 40* como um dos mais altos momentos da literatura memorialística brasileira, ao lado de obras como as de Helena Morley, Gilberto Amado, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Pedro Nava, Maria Helena Cardoso, Ciro dos Anjos, Afonso Arinos de Mello Franco.

É interessante notar que embora Rachel Jardim tivesse publicado os contos "As estrelas" e "Conversa com Pedro", sob o pseudônimo de Martha Gomes Jardim na revista O CRUZEIRO, edições de 5 de janeiro e 6 de fevereiro de 1946, respectivamente, sua estréia em livro ocorre através de um gênero no qual

a maioria dos escritores encerra sua produção literária - o memorialismo. Mas Rachel Jardim, quem lhe conhece a vida e a obra sabe muito bem, é contrária a todas as convenções. Ela, ao nascer, também parece ter ouvido "um anjo torto, desses que vivem na sombra", sussurrar-lhe ao ouvido: "Vai, Rachel, ser *gauche* na vida." Ocorre que, muito sagazmente, a escritora subintitula seu livro como "A Ficção e o Real de uma Época", informação que nos permite duas possibilidades de leitura: para Rachel Jardim, como Pedro Nava⁴, não há nenhuma pureza na memória, porquanto é impossível lembrar um fato que



Os livros "Os anos 40" e "Vazio pleno", ambos de Rachel Jardim, se constituem hoje em relíquias bibliográficas devido a estarem esgotados há anos

se passou há muito tempo sem que se carregue, para lembrá-lo, uma experiência sucessiva tão grande que tal fato, atravessando essa experiência, não chega mais o mesmo e sim reelaborado, caindo-se, forçosamente, numa ficção com base verdadeira, onde se joga tudo o que é analógico, o que se viveu. Nisso, segundo Nava, reside a crítica do fato memorado. Outra leitura possível, a partir da informação contida no subtítulo de *Os anos 40*, é que Rachel Jardim percebeu, como os grandes mestres do Barroco, que "a vida é sonho", como podemos constatar, por exemplo, nestas duas passagens de seu livro: "Quando soube que vovó morreu, muito velhinha, eu estava em Paris, Fui andar sozinha, nas margens do Sena. Não era o rio Paraíba e Guará parecia tão longe, perdida no tempo... Existira realmente?" (p.32)

"Uma vez vi meu cavalo branco no bosque de eucaliptos, imóvel ao luar. Eu tinha quinze anos. Sei que o cavalo morreu. Terei vivido ou sonhei que vivi a minha vida?" (p.36)

A principal singularidade de *Os anos 40*, livro que transcende o memorialismo, está, contudo, no fato de que ao falar dos habitantes de seu universo familiar, ao rememorar situações e conflitos, Rachel Jardim, consoante observou Franklin de Oliveira⁵, narra uma

aventura axiológica uma vez que sua matéria é a busca de valores. Ao traçar perfis, desenhar situações, fixar conflitos, ela o faz pela obsessão de defrontar-se, nos seres e nas coisas, com a lei da beleza que deveria reger as relações humanas. Foi isso o que fez Antônio Carlos Villaça afirmar que, por ser moralista como Octávio de Faria, Rachel Jardim revela em sua obra uma "alta exigência ética", uma "decepção tremenda com os homens."⁶

Em *Os anos 40*, muito mais do que a simples rememoração de fatos, importam as indagações pelo sentido da existência, pela posição do homem no universo, por seu destino. Seus temas são universais - a morte, a solidão, o amor impossível, o tempo, os seres perdidos - e por isso Franklin de Oliveira o aproximou da oitava *Elegia de Duino* (Assim vivemos sempre nos despedindo...); de Hoelderlin, por seu canto pelo retorno à terra natal; de Corneille, que teve como grande tema as pessoas que são vítimas de seu próprio passado - a tragédia da irresolução; de Nikos Kazantzakis por sua *Lettre au Greco*, unidos talvez, a escritora brasileira e o escritor neo-helênico, por meio da ponte que vem de *A Ilíada*, a qual, com o destino de Heitor, nos mostra como o homem derrotado é que tinha razão e é, por isto, o verdadeiro herói.

Villaça sentiu algo de uma Simone de Beauvoir ao ler *Os anos 40*; ele ressalta, entretanto, que Rachel Jardim é mais doce, mais feminina do que a escritora francesa. "O seu sofrimento me parece que vai mais longe, vai ao nó da questão, *the heart of matter*, o âmago, o núcleo de tudo, o íntimo de vida. O nada, o ser. "Ainda de acordo com Villaça, a autora de *Os anos 40*" é uma irmã de Hoelderlin, de Emily Brontë, de Cornélio Pena. A sua vertente é a dos realistas simbólicos, a que se referiu Manuel Bandeira, um Ascendino Leite, uma Clarice Lispector, um Adonias Filho, um Paulo Novais. Ou um Lúcio Cardoso."

Outra marca de Rachel Jardim, apontada por Villaça, é a clarividência. Este traço está presente não somente em *Os anos 40* mas em toda a sua obra, desde os seus primeiros contos, escritos na adolescência. A diferença mais visível entre a produção inicial de Rachel Jardim e a que viria em sua maturidade plena é a concisão, a insinuação - Rachel Jardim mais sugere do que afirma, o que levou Franklin de Oliveira comentar sobre *Os anos 40*: "O livro é escrito simultaneamente em dois idiomas um, que desnuda, e outro, que oculta; um que enuncia, outro que insinua. É livro para ler nas linhas e entrelinhas. Subdiz mais do que diz."

Os anos 40 não apresenta uma divisão em capítulos formais. Marcado pelo tempo cinematográfico, em vez de datas a autora situa a ação através de filmes como "Desencanto", "A Ponte de Waterloo", "Rainha Cristina", "O Boulevard do Crime", "Un carnet de

bal", "Les enfants du paradis", "O morro dos ventos uivantes" e os de Chaplin, bem como através de canções como "Le pays pluvieux", "Our Hearts were warm and gay", "Ils portaient l'habit de dimanche", entre outras. Essa recriação da vida através do cinema não foi compreendida pelo primeiro crítico a comentar *Os anos 40*, que a tratou com ironia. Por outro lado, segundo Fábio Lucas, "um dos encantos do livro está nisso: a grande capacidade de a Autora jogar-se em todos os ícones e informantes da atmosfera dos anos quarenta. Os livros, os filmes, os espetáculos, as citações da época são revolvidos para virem incrustar-se no contexto hodierno, trazendo ainda uma cintilação nova, uma carga atribuída pela sensibilidade que os transportou e conservou, realizando-os num contexto liberador da vivência."

Os anos 40, cuja mais recente edição⁷ foi publicada há 11 anos, tornou-se, como os demais livros de Rachel Jardim, raridade bibliográfica. Somente com muita sorte o leitor poderá resgatar um exemplar nos antiquários. Por esta razão, a obra merece uma nova edição, mormente agora quando se comemora seu Jubileu de Prata.

NOTAS:

1 JARDIM, Rachel. *Os anos 40*. A ficção e o real de uma época. Pref. de Franklin de Oliveira. Desenhos de João Guimarães Vieira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

2 _____ Pref. de Franklin de Oliveira. Desenhos de João Guimarães Vieira. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

3 _____ *Vazio Pleno*. Relatório do cotidiano. Estudo introdutório de Ivan Cavalcanti Proença. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Col. Experiência Interior).

4 Ver JORNAL DO BRASIL, Caderno B, Rio de Janeiro, 11.02.79, p.4.

5 Cf. OLIVEIRA, Franklin de. Sentido e forma de *Os anos 40*. In: JARDIM, Rachel. *Os anos 40*. Op.cit.p.x

Todas as citações subseqüentes desse autor têm a mesma fonte indicada.

6 VILLAÇA, Antônio Carlos. A Rachel Jardim (Perfil da escritora, na cerimônia de sua posse como sócia titular). CONVIVÊNCIA, PEN Clube do Brasil, Rio de Janeiro, 5, 62-65, 1979/80.

7 _____ Pref. de Franklin de Oliveira. Desenhos de João Guimarães Vieira 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara. 1987.

Roberto da Silva é Mestre em Literatura Brasileira. Publicou *Ruídos na Cristaleira - Cheiros e vozes do tempo*. Uma análise do *transitório* em Rachel Jardim (João Pessoa, Editora Universitária/UFPB, 1996) e ensaios em revistas especializadas, no Brasil e Exterior.

Rachel Jardim revela em seus livros, no dizer de um crítico, uma "alta exigência ética, uma decepção tremenda com os homens"



Viagem a Veneza

Sob o influxo da beleza surreal de Veneza o poeta Dorian Gray Caldas brada um vocativo: «Sobrevivi para te conhecer!». Em sua *Viagem a Veneza* perpassa repto e magia. O francês Bernard Allèguede verteu-o para a sua língua. O GALO coloca-as ambas ao alcance do leitor, começando pela versão gaulesa, como sugeriu o poeta.

Voyage à Venise

Dorian Gray

Venise, j'ai survécu pour te connaître.

Amant, je te comprends.

Je voyage dans tes voiles humides et je vis en toi

Venise dans tes crépuscules de braises incandescentes,
dans les silhouettes de tes gondoles aux potmmeaux d'or,
dans tes canaux et palais.

Je voyage en toi Venise

J'aime ta splendeur comme ta décadence,

tes nobles et tes mendiants, tes morts qui, après le minuit

des clochers, passent en silence les portes des églises,
les

places et bras de mer, sans se parler, sans s'aimer.
Sans âge et au-delà du temps, les morts survivent
néanmoins immobiles.

On ne les trouve plus dans les sarcophages de marbre
de tes églises, noms oubliés sans blason ni caste.



"Na nave principal da Igreja de São Marcos sinto-me intruso: não tenho coragem de tocar a pedra que guarda os ossos dos seus antepassados"



«De crépuscule en crépuscule, la poussière muette du temps
recouvre peu à peu la patine des pieds de tes anges»

Sont-ils tout juste des ombres dans la nuit irréaliste
de ton navire suspendu au-dessus des eaux ?

Moi-même, je suis comme tes morts me reconnaissant
comme eux sans nom et sans destin, parcourant
tes ruelles, tes impasses et tes canaux dans
le reflux de tes eaux et la boue de tes poissons pourris.

De crépuscule en crépuscule, la poussière muette du temps
recouvre peu à peu la patine des pieds de tes anges.

Sur les cristaux de Murano, je souffle les trompettes de l'Apocalypse.

Sur une simple pierre, je reconnais la trace du genou de l'empereur
Barbarroja s'inclinant devant le Pape Alexandre III.

Tes dômes arqués couverts de feuilles d'or incrustées de
sang racontent des siècles et siècles d'histoire.

Les couleurs de tes Bellini, Tintoret et Véronèse me ravissent.

Sous le Pont des Soupîrs, je retire les masques de tes
rois de carnivals et chemine dans tes palais sans fin.

Je m'incline devant ce Campanile qui surgit sur la mer
telle une flèche de pierre et je crie ton nom :

Venise !

Je suis aussi vieux que tes envahisseurs venus d'Orient
qui inondèrent tes rues, tissant les filigranes
de tes arcades, brochant les gondoles dorées de tes
sommptueuses régates.

La lune étend sur toi le voile diaphane de ta lumière
aussi léger qu'un vol de mouettes glissant sur tes
ondes à la tombée du jour.

Pour la Beauté, j'ai toujours vécu, sachant bien
qu'un jour je mourrai pour ceux que j'aime.

Dans la nef majestueuse de l'Eglise Saint-Marc,
me sentant étranger, je n'ai pas eu le courage
d'effleurer la pierre qui garde le secret de tes ancêtres.

Et en touchant pourtant ces pierres froides, je respecte
tes siècles endormis.

Tes lions de marbre sombre surveillent les frontières
de tes marchés de fleurs ornées de miniatures finement bronzées.

Rosaces byzantines, bijoux de conquêtes barbares.

Arcs-en-ciel des mosaïques de Salandri, anges et chevaux,
dieux et saints.

En toi, tout est enfer et paradis, luxe et péché, passion et sainteté,
art et malédiction.

J'ai visité tes salles, celle des quatre portes, salle du sénat, salle des banquets,
salle de la milice de la mer, salles et salles à l'infini.

Portails vétustes couverts de l'or et du sang des Christs crucifiés
et transfigurés. .

Je marche sur cette terre où je sens le pouls de tes ondes,
ta puissance sur le temps et l'Histoire et je te hurle

Venise, je t'aime !

J'aime tes martyrs, tes saints et tes églises.

J'accompagne la main de Palladio qui dessina, inspira
la construction de San Giorgio et celle qui posa
la première pierre du Rialto.

Pour tes crépuscules, Tiepolo sut retirer les rouges
de la Tunique du Christ.

De tes aurores, Véronèse saisit les courbes de tes canaux.

L'empire de Byzance s'inclina devant ta splendeur ensorcelante,
édifiant champ de courses et de tolérance !

Alfieri écrivit les sonnets de ta gloire.

En hommage à tes héros et poètes, Musset composa une sonate.

Et Wagner lui-même y reposa dans une chambre mortuaire
avec toutes les musiques de ses rêves.

Ezra Pound sut que devant toi il pouvait méditer
sur sa fin prochaine et lointaine.

Devant Toi seulement, il éloigna la mort.

Venise, j'ai dormi sur ton sein, je t'ai embrassée pierre après pierre.

Et je sais que le jour arrivera
où tu voyageras séparée des autres îles,
détachée comme une barque ou une étoile,
libre pour toujours
dans la grande nuit solitaire.

DORIAN GRAY CALDAS.

Traduction de BERNARD ALLÉGUÈDE

Viajo em ti Veneza

Dorian Gray

(Para Luís Carlos Guimarães)

Sobrevivi para te conhecer

Veneza. Penetro em ti, amante.

Viajo em teus lençóis de água.

Nos teus crepúsculos de brasa viva,

na linha que divide teu chão de barca

com cúpulas de ouro em teus canais e teus palácios.

Viajo-te, Veneza.

Amo teu esplendor e a tua decadência

teus nobres e teus mendigos. Os mortos

que após a meia-noite do relógio da praça

passeiam silenciosos

à porta das catedrais, nos canais e nas praças

e não se falam e não se amam; sem idade

e sem tempo, os mortos intransferíveis, sobrevivem.

Não estão nos sarcófagos de mármore de tuas igrejas,

nem identificam-se pelo nome que tiveram

em vida, nem em seus braços e suas castas;

*são apenas sombras na noite irreal de tua nave
suspensa das águas.*

*Sou assim como teus mortos: identifico-me com eles
sem nome e sem destino andando em tuas ruas estreitas,
nos teus becos, na boca de teus canais
no refluxo de tua água, no teu mangue de peixe apodrecido.*

*De crepúsculo a crepúsculo o pó silencioso do tempo
vai cobrindo de pátina os pés dos teus anjos.*

*Sopro em teus vidros muranos
as trombetas do apocalipse.*

*Numa lápide singela reconheço o lugar que o imperador Barbarroja
se ajoelhou ante o Papa Alexandro III.*

*Em tuas cúpulas arqueadas
com lâminas de ouro e sangue esmaltados
séculos e séculos de história.*

*Nas cinzas dos incêndios do Palácio Ducal
refaço as cores dos teus Bellines, Tintoretos
Veronésis.*

*Na "Ponte dos Suspiros" retiro as máscaras
dos teus reis carnavalescos*

*invado sem cerimônia teus Palácios
e Palácios.*

*Debruço-me na ponta do "Dogma"
que avança como uma seta de pedra
sobre o mar, e grito teu nome
Veneza!*

*Sou tão antigo como teus intrusos
que vieram do Oriente, invadiram tuas praças
teceram a filigrana de tuas arcadas,
bordaram tuas gôndolas douradas
para as grandes regatas.*

*A lua estende sobre ti
a pluma de tua luz tão leve
como o vôo das tuas garças ao crepúsculo
escamando as tuas águas
no metal do fim da tarde.*

*Eu sempre vivi pela beleza
sei que um dia morrerei
pelo que sinto.*

*Na nave principal da igreja de São Marcos
sinto-me intruso: não tenho coragem de tocar
a pedra que guarda os ossos de teus antepassados,
respeito teus séculos dormidos
nestas pedras frias.*

*Teus leões de mármore roxo guardam as fronteiras
de teus mercados de flores de folhas florentinas, filigranas
de bronzes trabalhados; rosáceas bizantinas, ponta de
lâminas das conquistas dos bárbaros. Nos mosaicos
de Salandri os arcos do céu
com anjos e cavalos, deuses e santos. Tudo em ti
é paraíso e inferno; luxo e pecado.*

Paixão e santidade. Maldição e arte.

*Passeio em tuas salas: Sala das quatro portas
Sala do Senado, Sala dos Banquetes, "Sala de La Milicia de Mar"
Salas e Salas. De vetustos reposteiros, com lâminas
de ouro e sangue nos Cristos Crucificados, Transfixados.
Piso em teu chão sentindo o pulso de tuas águas
teu poder sobre o tempo e a história e te digo; te amo*

*Veneza; amo teus mártires e teus santos; teus Tintoretos
de vermelhas túnicas e tuas igrejas.*

*Acompanho a mão que desenhou e inspirou Palladio a arquitetar
San Giorgio e a mão*

que colocou a pedra primeira da ponte de Rialto.

*Tiepolo retirou de teus crepúsculos os vermelhos
da túnica de Cristo, Veronese pintou os teus amanheceres
sobre as amuradas de teus canais.*

*O império de Bizâncio curvou-se à tua beleza cortesã e construiu
seu hipódromo e suas casas de tolerância;*

Alfieri escreveu sonetos em tua glória

Musset compôs uma sonata em

louvor aos teus heróis e aos teus poetas;

*Wagner repousa na câmara mortuária com todos os seus sons
dentro do seu sono.*

*Ezra Pound sabia que diante de ti poderia
pensar na morte, próxima e distante.*

Só diante de ti adiará a sua morte.

Veneza, dormi em teu chão, te conheci pedra a pedra.

E sei que dia chegará

que viajarás

separada das outras ilhas, soltas as amarras

que te prendem,

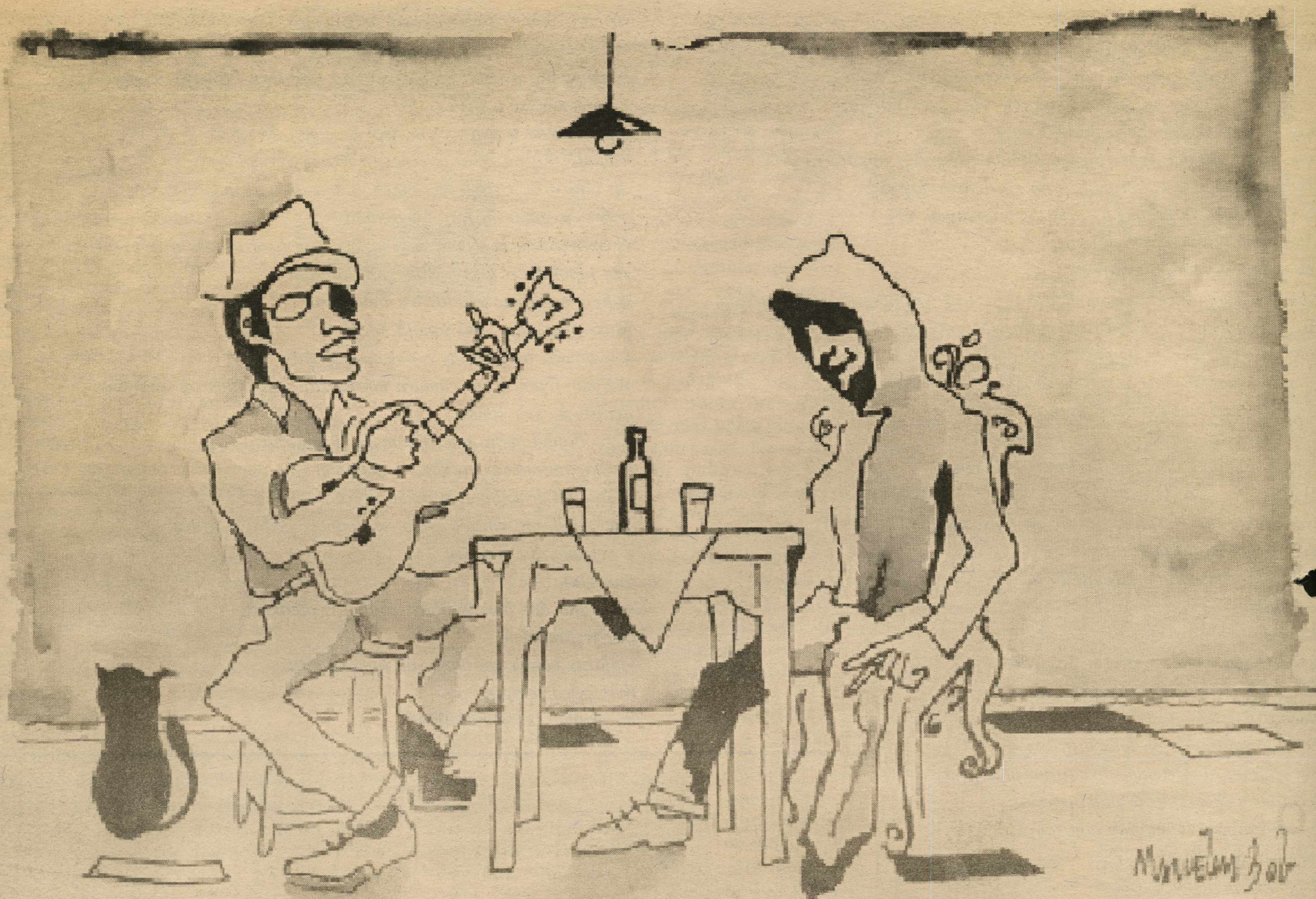
viajarás corno um barco ou uma estrela

livre para sempre,

na grande noite solitária.

*"Sou tão
antigo como
teus intrusos
que vieram do
Oriente, inva-
diram tuas pra-
ças, teceram a
filigrana de
tuas
arcadas, bordaram
tuas gôndolas
douradas para
as grandes
regatas"*





Marcelus Bob, a impossível indiferença

Edrisi Fernandes

Diante da obra de Marcelus Bob, só admiração ou repulsa - impossível a indiferença. Pode haver quem veja, como eu, traços glagolíticos em seus Cristos discromatofóricos, evocações de Juarez Machado nas linhas dos seus Repentistas esguios, sugestões macthianas em suas(seus) Humanóides crípticas(os), auras cromosquedásicas em suas Paisagens polarizadas. Seu mundo parece revestido por uma luscente redoma de vidro roxazulilás, através da qual só olhares transnormais como o de mutantes de um

perryrhodaniano exército de iniciados podem plenamente enxergar. Neófitos talvez se choquem com sua cromaticidade caleidoscópica; admiradores da obra de Humberto Eco talvez vejam em suas figuras encapuzadas o eco não de uma idade de trevas, mas uma era de sublevação da cor. Por outro lado, a sombriedade, angulosidade e expressividade tacturna de seus rostos, e seus fugidios efeitos de luz e sombra, paradoxalmente evocam os filmes em P&B de Georg-Wilhelm Pabst. Sua arte nasceu com vocação para o muralismo e para a publicismo, o que faz com que cada polegada de suas telas valha um passaporte pra outros espaços e

dimensões. "Dêem-me uma alavanca e um ponto de apoio e moverei o mundo", dizia Arquimedes. Observem um pincel e uma tela nas mãos de Marcelus Bob e se permitam ver em ação um Arquimedes da cor. Disse o Barão de Bielefeld (cit. Por Poe): "Nada conhecemos da natureza ou da essência de Deus; - para saber o que Ele é, é preciso ser o próprio Deus". Êmulo dos espaços acromáticos, poeta da cor, Marcelus é um criador de universos psicodelicamente possíveis.

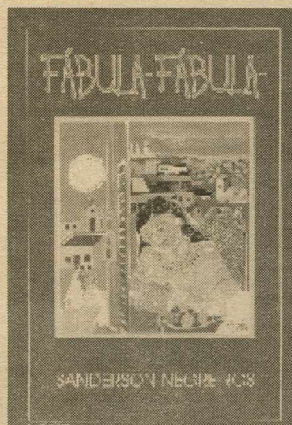
Edrisi Fernandes é médico, crítico e poeta.

Labim/UFRN

LANÇAMENTOS
Libros

Poesia
Editora da UFRN
Natal/RN
1998

Nesta obra encontram-se reunidos os dois primeiros livros de poesia de Sanderson Negreiros - *O ritmo da Busca* (1956) e *Fábula Fábula* (1961) e mais *Poemas Rupestres* (1965), coleta de poemas inéditos escritos durante a estada do poeta no Rio de Janeiro e que, curiosamente, como observa Paulo de Tarso Correia de Melo em texto de abertura do livro, "são de temática rural", completando que "é quase inexistente a paisagem urbana na poesia de Sanderson". As "orelhas" trazem texto crítico de Franco Jasiello, e as ilustrações, são assinadas por Newton Navarro. A edição é da Editora da UFRN.



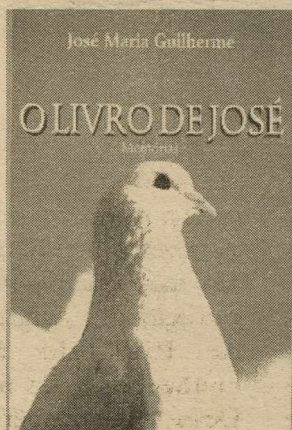
Contos
Chegança Editorial
Natal/RN
1998

O escritor Tarcísio Gurgel reúne, em *Conto por conto*, sua produção mais recente de narrativas curtas, onde pontuam temas urbanos e rurais, e inovações de ordem formal que o colocam na vanguarda dessa difícil arte ficcional. Aqueles que leram *Os de Macatuba* e *O Eterno Paraíso* vão deparar com uma obra surpreendentemente renovada. A apresentação de *Conto por conto* é de Nelson Patriota, a "orelha", de Carlos Braga, e o texto da contracapa, de Humberto Hermenegildo de Araújo. O livro traz ainda uma ficha de leitura, com questões relativas aos contos, destinada sobretudo a alunos do segundo grau e pré-universitários.



Memórias
Edição do Autor
Natal, RN
1998

José Maria Guilherme há muito devia um registro pessoal sobre tanto o que viveu, viu e ouviu do mundo. Em *O livro de José* ele salda, em parte, esse débito com sua geração, num conjunto de impressões pessoais que ele foi colhendo ao longo do tempo, desde seus primeiros anos em Natal, sua ida para o Rio de Janeiro, a longa estada aí, e finalmente a volta a Natal. No prefácio ao *Livro de José* Nei Leandro acentua: "este é um livro de amor e brutalidade, de sofrimento e alegria. Prevalece, a despeito da violência registrada na última parte da narrativa, a luz que emana de uma alma generosa (...) que se dedica à amizade como quem cultiva orquídeas."



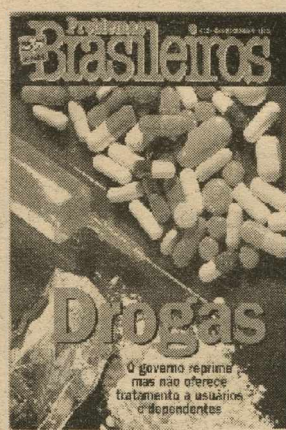
NAVARRO

FUTEBOL

O álbum de gravuras *Futebol*, de Newton Navarro, há muito demandava uma nova edição, até porque havia se tornado uma raridade bibliográfica. A Editora da UFRN resolveu encarar esse desafio, fazendo essa edição fac-similar do original publicado em 1970 pelo Departamento Estadual de Imprensa do RN. São 12 pranchas que permitem que Navarro explore toda a plasticidade sugerida por esse esporte, tarefa que leva às últimas consequências ao encerrar o trabalho temático com o desenho de uma bola solitária. O crítico Clarival do Prado Valladares assinala no texto "Newton Navarro, um senhor desenho" (incluído em *Futebol*) que aí, Navarro atingiu o melhor de sua obra que corresponde à reflexão de um clima emocional, de toda uma carga de sentimento coletivo (do futebol)."

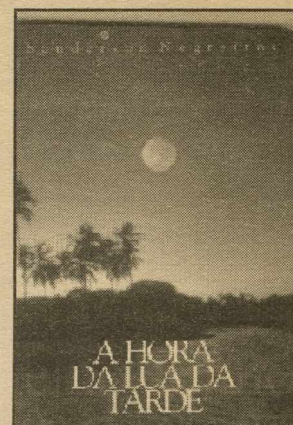
Revista
Sesc/Senac/Fcsep
São Paulo/SP
1998

A Revista *Problemas Brasileiros*, do sistema Sesc-Senac de São Paulo, é uma das mais antigas no gênero no país - circula há 35 anos, sempre discutindo "matérias de interesse para o esclarecimento de questões nacionais". Neste número de novembro/dezembro *Problemas Brasileiros* reserva à cultura um espaço generoso. O primeiro, é um perfil do compositor Gilberto Mendes; o segundo, é sobre os 30 anos de morte do escritor Lúcio Cardoso; o terceiro, sobre o centenário de Luís da Câmara Cascudo. Este último, num texto assinado pelo jornalista Marcos Faerman (ver páginas 11 a 13 deste Galo).



Crônica
Editora da UFRN
Natal, RN
1998

O escritor Tarcísio Gurgel organizou essa coletânea de crônicas de Sanderson Negreiros que cobre o período em que o autor militou na imprensa diária potiguar, entre as décadas de 60 a 80. Para dar uma ordenação ao vasto material de que dispunha, Tarcísio Gurgel dividiu-o por temas: Existencial, Os personagens, O chão amado, Inferno moderno, Cartas caprichosas e Memorial. À guisa de introdução, o jornalista Woden Madruga escreveu um "Quase prefácio (em busca do tempo reencontrado)" que ajuda a situar o poeta Sanderson na cidade que lhe serve de matéria-prima para o derramado lirismo de que reveste suas crônicas.



Contos
Fundação Cultural Pedro
Ludovico Teixeira,
Goiânia/GO
1997

O escritor goiano Delermundo Vieira conquistou o Prêmio Bolsa de Publicações Cora Coralina 1996 com o livro *A dor de amar demônios*, que editou no ano seguinte pela Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira, de Goiânia. Narrativas carregadas de forte conteúdo dramático, em que "o horror, o neo barroco e o gótico se imbricam a gritar, à sociedade dos mortos-vivos, o quanto lateja e vibra, em sua alma de poeta o obscuro esplendor do ser", como sublinha o escritor Brasigóis Felício, no ensaio "O sinal sagrado dos monstros", que serve de introdução à obra. Delermundo Vieira escreveu ainda *Corpungido*, *Opus* e *A sinfonia dos peixes* (poesias).



História
Editora da UFRN
Natal/RN
1998

"Uma viagem pelo Recife do início do século, que encantava músicos, poetas, cronistas, romancistas e memorialistas. É este o objetivo do livro *Recife, culturas e confrontos*, de Raimundo Arrais, que a Editora da UFRN acaba de publicar. O pano-de-fundo da obra é a Campanha Salvacionista de 1911 que conduziu o general Dantas Barreto ao governo de Pernambuco, desbancando a bem estabelecida oligarquia chefiada pelo Conselheiro Rosa e Silva. Nesse percurso, afloram manifestações culturais como os clubes carnavalescos, os pastoris, o malumengo, enfim, tudo aquilo que concorreu para dar a Recife uma marca diferencial.



Guache de Marcellus Bob sob o tema "Natal em Natal", onde se destacam o boi-de-reis, o Forte dos Reis Magos, a Igreja do Galo e outros motivos potiguares

